

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Luciana Poletto Oltramari Cezar

**A CONDIÇÃO INFANTIL EM SIGMUND FREUD E
SUA DIMENSÃO ÉTICO-FORMATIVA**

Passo Fundo

2020

Luciana Poletto Oltramari Cezar

A CONDIÇÃO INFANTIL EM SIGMUND FREUD E
SUA DIMENSÃO ÉTICO-FORMATIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Almir Dalbosco e co-orientação do prof. Dr. Francisco Carlos dos Santos Filho.

Passo Fundo

2020

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento de desfrutar deste importante título acadêmico, abrindo caminho para a possibilidade de um doutorado também desejado. Porque isso foi e é possível, quero e tenho muito a agradecer!

Aos meus pais Antonio Carlos Oltramari (*in memoriam*) e minha mãe Marcia Valesca Poletto Oltramari, por tudo que de valor simbólico me transmitiram e me impulsionaram para ser o que melhor sou.

Ao meu marido Adriano, e aos meus filhos, Guilherme, Rafael e Henrique, pelos momentos de escuta, de espera e de amor. Meu profundo desejo de que tenham orgulho da mulher que sou.

Ao querido Professor Claudio Almir Dalbosco, meu orientador, grande mestre e modelo formativo, que com sua generosidade, respeito, ética, humanidade e disciplina me ensina e inspira tanto!

Ao querido amigo, colega e co-orientador Francisco Carlos dos Santos Filho, uma imensa gratidão, pois com delicado e incansável cuidado, talento, generosidade e muita competência guiou essa pesquisa e meu percorrido nesses anos todos, sendo modelo de retidão e ética.

À minha querida amiga e colega Doris Wittmann dos Santos, pois sem sua presença sensível, precisa, terna e firme, o destino seria outro. Agradeço todos os dias, pois são coisas muito grandes para esquecer.... Teu cuidado atento e profundo me comove e me torna 'gente'!

Ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo, seus funcionários e professores, que com seu acolhimento e respeito fizeram me sentir pertencendo e aproveitar ainda mais os ensinamentos.

Aos colegas e professores do mestrado, do Núcleo de Pesquisas em Filosofia e Educação (NUPEFE) e também do Grupo de Pesquisa Formação Humana e Exercício de Si, meu reconhecimento pelo trabalho, estudo, laço fraterno e prazer compartilhado, fundamentais para nossa formação humana.

Aos colegas do Projeto – Associação Científica de Psicanálise e Humanidades, meu agradecimento por sustentarmos e acreditarmos numa psicanálise viva, criativa e engajada na universidade contribuindo para a formação dos sujeitos.

A Sigmund Freud pela obra que deixou.

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.

Italo Calvino

RESUMO

O propósito desta pesquisa é trazer contribuições da psicanálise freudiana para a compreensão sobre a condição imatura infantil, os processos de estruturação psíquica precoce e sua dimensão ético-formativa. Nessa perspectiva, o papel do semelhante na constituição subjetiva de uma criança torna-se prioritário, partindo-se do pressuposto de que tal constituição se dá na intersubjetividade e que a construção do psiquismo humano passa por tempos estruturantes. O estudo está delimitado aos textos de Freud que tratam do tema da constituição psíquica precoce e da relação com a figura do cuidador. A investigação propõe-se a pensar o que significa, do ponto de vista psicanalítico, a noção da criança como um ser imaturo, aspecto esse inerente à condição humana. Em razão da psicanálise conceber teoricamente a constituição psíquica humana a partir da noção de imaturidade e da ação de cuidado primário do semelhante, buscamos identificar na obra de Freud os momentos em que apresenta ideias à respeito dos seguintes indicadores: o desamparo primordial, a presença do semelhante, a sexualidade infantil constitutiva da condição humana - e a dimensão ético-formativa decorrente do processo de estruturação psíquica. Os textos escolhidos são aqueles que oferecem elementos para compor o processo de construção desses indicadores a partir da primeira tópica da metapsicologia freudiana. Trata-se, portanto, de examinar o que precisa ocorrer em termos de constituição psíquica para a construção do sujeito psíquico no sentido freudiano e porque consideramos que o encontro inter-humano é potente do ponto de vista ético-formativo. A presente pesquisa é de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico, e faz uso da postura hermenêutica no trabalho com os textos clássicos de Sigmund Freud. A problemática de investigação é formulada do seguinte modo: Como se dá a dimensão ético-formativa a partir da condição infantil e do processo de estruturação psíquica precoce em Sigmund Freud? O resultado apresentado pela presente pesquisa é que a constituição precoce do psiquismo e o processo de humanização se dão no laço amoroso com seus cuidadores primários a partir das relações de prazer e desejo que encharcam de erotismo o encontro humano, bem como das renúncias pulsionais necessárias que outorgam ao adulto uma posição de alteridade. Considerando que a vulnerabilidade e a dependência são inerentes à condição infantil, constatou-se o compromisso do adulto cuidador e seu papel primordial na primeira infância. Em suma, tem-se que o cuidado humano desempenha papel essencial na condição infantil e, em sentido mais amplo, para a formação ética do ser humano.

Palavras-chave: Psicanálise, Condição infantil, Desamparo Primordial, Semelhante Humano, Intersubjetividade, Formação ética.

ABSTRACT

The purpose of this research is to bring the contributions of psychoanalysis to the comprehension of the immature child condition, the processes of early psychic structuring and its formative ethical dimension. In this perspective, the role of the familiar in the subjective constitution of a child becomes priority, based on the assumption that this constitution occurs in intersubjectivity and that the construction of the human psyche goes through structuring times. This study is delimited in Freud's texts that deal with the theme of early psychic constitution and the relationship with the figure of the caregiver. This research proposes to think about what does mean, from a psychoanalytic point of view, the notion of the child as an immature being, what is inherent to the human condition. As psychoanalysis theoretically conceive the human psychic constitution from the notion of primordial helplessness and the action of the familiar – another human being, we will try to identify in Freud's works the moments in which he presents ideas about the following indicators: the primordial helplessness, the presence of the familiar, child sexuality constitutive of the human condition and the formative ethical dimension resulting from the process of psychic structuring. The chosen texts are those that offers elements to compose the process of building these indicators, from the first topic of Freudian metapsychology. It is, therefore, about examining what needs to happen, in terms of psychic constitution for the construction of the psychic subject in the Freudian sense and why we consider that the inter-human encounter is potent from an ethical and formative point of view. The present research is of a qualitative nature, of bibliographic nature and makes use of the hermeneutic posture in the work with the classic texts of Sigmund Freud. The research problem is formulated as follows: How does the formative ethical dimension occur from the child condition and the process of early psychic structuring in Sigmund Freud? The results presented in this research is that the early constitution of a psyche and the humanization process take place in the loving bond with its primary caregivers based on the relations of pleasure and desire that drench the human encounter with eroticism as well as the necessary drive waivers that grant the adult the position of alterity. Considering that vulnerability and dependence are inherent to the child condition, it was found the commitment of the adult and his primordial role in early childhood. In short, the human care plays an essential role in the child condition and, in a broader sense, for the ethical formation of human beings.

Keywords: Psychoanalysis, Child condition, Primordial helplessness, Human Familiar. Intersubjectivity, Ethical formation.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	07
1	SOBRE A CONCEPÇÃO DAS AFASIAS: OS PRIMEIROS ESBOÇOS DA ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA PRECOCE E DA PRESENÇA DO SEMELHANTE EM FREUD.....	20
1.1	Do fisiológico ao psíquico	20
1.2	A teoria freudiana da linguagem: da representação de objeto e da representação- palavra.....	28
1.3	Teoria embrionária do bebê e o papel do cuidado adulto.....	30
2	OS CONCEITOS COMPONENTES DO NÚCLEO GERMINAL FREUDIANO PARA A ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA PRECOCE PRESENTES NO PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA.....	39
2.1	Desamparo primordial.....	39
2.2	Complexo do semelhante.....	42
2.3	Demais conceitos-chave componentes do núcleo germinal freudiano para a estruturação psíquica precoce.....	47
3	OS PRIMEIROS MODELOS FREUDIANOS DE APARELHO PSÍQUICO.....	55
3.1	Um aparelho de memórias, traduções e narrativas entre os primeiros modelos de aparelho psíquico: a Carta 52.....	56
3.2	O primeiro modelo sistematizado de aparelho psíquico na Interpretação do Sonho.....	62
4	A CONDIÇÃO INFANTIL EM FREUD E A FORMAÇÃO DO EU.....	73
4.1	Além do princípio do prazer: o semelhante humano no jogo do carretel e o nascimento do Eu.....	74
4.2	Sobre o narcisismo: a relação intersubjetiva e o Eu como representação de si.....	83
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: A DIMENSÃO ÉTICO-FORMATIVA DA CONDIÇÃO INFANTIL EM SIGMUND FREUD – UMA PROBLEMATIZAÇÃO E UMA SÍNTESE.....	99
	REFERÊNCIAS.....	117

INTRODUÇÃO

Este estudo surge da pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo, na linha de Fundamentos da Educação. O interesse pelo tema proposto nasceu a partir do desejo de levar as contribuições de Sigmund Freud sobre a infância para dentro do programa. Partindo das concepções freudianas sobre os processos de estruturação psíquica precoce, trazer este aporte da psicanálise de modo a problematizar a condição infantil. Nessa problematização, revelar a dimensão ético-formativa da condição imatura infantil a partir das concepções freudianas sobre o desamparo primordial e os processos de estruturação psíquica precoce. Desde essa perspectiva, o papel do semelhante na constituição subjetiva de uma criança torna-se indispensável, e parte-se do pressuposto de que a constituição psíquica de um sujeito se dá na intersubjetividade.

Como psicanalista de crianças, minha aproximação com o campo educacional e com a escola foi inevitável, decorrência natural das interlocuções e intervenções que se fizeram necessárias. Daí o desejo e a necessidade de buscar sustento teórico e acadêmico para seguir esse caminho de forma coerente e consistente e o desejo de ingresso no mestrado em educação. Meu percorrido de trabalho clínico com crianças pequenas indica o lugar a partir do qual compreendo a condição infantil e revela a disposição de, a partir de concepções acerca da estruturação psíquica precoce, considerar os pressupostos da psicanálise que apontam o papel do adulto na constituição subjetiva de uma criança.

Nesses mais de 26 anos de trabalho clínico junto às escolas com crianças pequenas com dificuldades para aprender, socializar e escolarizar-se, nas diversas investigações sobre estimulação, detecção e intervenção precoce com bebês, nos encontros de estudo e supervisão com psicanalistas de crianças, no trabalho como psicóloga em escola de educação infantil, apoiada na teoria freudiana, adquirir a confiança no pressuposto de que a constituição precoce de um psiquismo e o processo da humanização se dão no laço amoroso¹ com seus cuidadores primários a partir das relações de prazer e desejo que encharcam de erotismo o encontro humano.

Este foi o caminho teórico e clínico que me constituiu como psicanalista de crianças e de seus pais; que deu suporte à intervenções precoces e apoiou meu trabalho de interlocução e intervenção nas escolas infantis; que deu ensejo às diversas atividades de formação continuada para profissionais desenvolvidas através do Núcleo de Infância e Educação do

¹ O sentido freudiano do laço amoroso será esclarecido no capítulo dois.

PROJETO – Associação Científica de Psicanálise e Humanidades²; que me guiou nos seminários interdisciplinares sobre esses temas que coordenei na instituição. Como resultado desse percurso, produziu-se a necessidade de ampliar diálogos transdisciplinares e a inserção social destes desenvolvimentos teóricos, honrando o compromisso ético de compartilhar conhecimentos que podem contribuir para uma melhor condição subjetiva das crianças no futuro. O intuito é compartilhar, para além da clínica, os conhecimentos da psicanálise a respeito da dimensão ético-formativa da estruturação psíquica precoce em Sigmund Freud considerando o papel primordial que o adulto ocupa na condição infantil dos pequenos que tem ao seu cuidado.

O tema de pesquisa – a dimensão ético-formativa da condição imatura infantil na obra de Sigmund Freud – surgiu nos diálogos conjuntos com o orientador Claudio Almir Dalbosco e com co-orientador Francisco Carlos dos Santos Filho, na firme proposição de estudo dos textos de Freud que tratam do tema da constituição psíquica precoce na relação com a figura do cuidador³, de modo a revelar a dimensão ético-formativa desse processo de estruturação psíquica à partir do desamparo primordial, em busca de um trabalho interdisciplinar fecundo, capaz de estreitar laços e promover encontros formadores.

Embora existam diversas teorias sobre a infância, este estudo trata da noção de infância na obra freudiana. Quem é a criança freudiana? Esta pesquisa está estruturada sobre as seguintes questões: o que significa, do ponto de vista psicanalítico, na teoria freudiana, a noção da criança como um ser imaturo? O que significa, a partir de Freud, a noção de desamparo⁴ primordial como inerente à condição humana⁵? Existiriam, nesta condição inicial do ser humano, possibilidades abertas que, ainda que como potencialidades, estariam presentes como dado natural? Ou trata-se de um processo de constituição do vir a ser humano? Como conceber teoricamente a constituição psíquica humana a partir da noção de desamparo primordial e da ação do semelhante em Sigmund Freud? Como se dá a dimensão ético-formativa a partir da condição infantil em Sigmund Freud? Qual é o aspecto ético-

² Instituição psicanalítica fundada em 1999, em Passo Fundo, que busca propagar a Psicanálise como instrumento vivo e útil para pensar e intervir na clínica e nos fenômenos da cultura, da qual a autora desta pesquisa é uma das fundadoras.

³ O adulto responsável pelos cuidados, sejam os pais ou substitutos, inclusive o educador.

⁴ Segundo Laplanche e Pontalis (1988) “termo da linguagem comum que na teoria freudiana assume um sentido específico: estado do lactente que, dependendo inteiramente de outrem para a satisfação de suas necessidades (sede, fome), se revela impotente para realizar a ação específica adequada para por fim à tensão interna” (1988, p. 156).

⁵ Parte-se do pressuposto teórico psicanalítico de que no nascimento ainda não há um ser humano no sentido estrito do termo. Esse tema será esclarecido na sequência da pesquisa.

formativo que se constrói na relação do adulto com a criança a partir da condição imatura infantil de desamparo primordial? Qual é a dimensão ético-formativa que todo esse processo de estruturação psíquica supõe?

Para tentar responder às questões propostas interpelaremos os escritos de Freud para neles vasculhar os momentos em que apresenta ideias a respeito dos seguintes indicadores: o desamparo primordial, a presença e a ação do semelhante e seu corolário de consequências, e a sexualidade infantil como constitutiva da condição humana para pensar a dimensão ético-formativa desse processo. Como Freud não o fez de forma sistemática, buscaremos textos que entreguem elementos para compor o processo de construção desses pressupostos, a partir da metapsicologia freudiana de como se estrutura o sujeito, por qual tipo de organização a estruturação do sujeito passa. Os textos da obra freudiana aos quais nos reportaremos são aqueles que contém os primeiros esboços de estruturação psíquica precoce e da presença do semelhante: *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* (1891), *Projeto para uma psicologia científica* (1895), *Carta 52* (1897), *Interpretação do sonho* (1900). Também serão escolhidos textos que tratam do início da constituição de um Eu: *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914), *Além do princípio do prazer* (1919). Estas leituras permitirão revelar a dimensão ética-formativa da teoria freudiana na origem do psiquismo humano, ensejando a constituição desta como aporte dialógico para pensar a relação do adulto com a criança em posição de alteridade.

Sobressai, nesta posição de alteridade, um marcado contraste entre a imaturidade do recém-nascido e a maturidade física e psíquica do adulto que a cuida. Se os bebês forem deixados a si mesmos, não poderão exercer as funções básicas para sobreviver. Uma vez que dependem vitalmente dos adultos, precisam ter conservada sua integridade física e também serem iniciados nos hábitos, costumes e ideais, realização que se dá primordialmente através do processo que costumamos chamar educação. Freud (1895) propõe na teorização da primeira tópica que, no momento de nascer, não se é ainda um ser humano; aquele que nasce é um organismo biológico fetalizado, dominado pelo modelo do arco-reflexo, e sobre o qual algo precisará acontecer para que advenha um sujeito psíquico, sendo a condição humana uma construção intersubjetiva não natural ou biologicamente dada. Tampouco, que se desenvolva autonomamente. A ideia de que potencialidades de humanização estão naturalmente presentes como dado biológico leva pensar que o sujeito psíquico no sentido freudiano está pronto quando nasce. Trata-se, portanto, de examinar o que precisa ocorrer, em termos de constituição psíquica e a conseqüente dimensão ético-formativa que se dá nessa constituição.

A estruturação psíquica precoce tem origem exógena, a partir da relação com o semelhante humano que se encarrega de cuidar da criança, deixando marcas decisivas e perenes no funcionamento mental. A infância é um tempo precioso e fundamental para a formação humana, tempo inigualavelmente aberto a inscrições quando comparado a outros tempos da vida, como afirmou Freud (1905). Este fator torna importante a realização de estudos por parte daqueles que dela se ocupam, e isso em razão de que ali se encontrarão presentes – ou não – as condições que darão lugar à subsistência biológica e ao processo de formação humana. Considerando que a vulnerabilidade e a dependência são inerentes à condição infantil, enfatizamos a posição de alteridade, o compromisso e o papel primordial do adulto.

Tampouco a maturação biológica se dá de forma autônoma e independente das condições em que se desenvolve a relação do bebê com aquele que lhe cuida, pois “estudos comprovam que a experiência propiciada a um filhote tem incontáveis efeitos sobre a maturação e conformação genética” (JERUSALINSKY, 2002, p. 48). Os processos de evolução das estruturas nervosas e o desenvolvimento psíquico estão diretamente relacionados com o contexto em que o bebê se encontra, num entrelaçamento complexo entre os campos orgânico, neurológico, subjetivo, familiar, social e cultural. As aquisições do desenvolvimento infantil, como linguagem, hábitos, controle dos esfíncteres, psicomotricidade e aprendizagem estão atreladas à estruturação psíquica e à maturação orgânica e neurológica.

A passagem do puro automatismo dos reflexos inatos – estes sim, presentes como dado natural do patrimônio biológico desde o início da vida – ao movimento voluntário não se dá naturalmente. Os primeiros anos desempenham papel fundamental na constituição da vida psíquica, e o pressuposto de que o desenvolvimento psíquico é inato – sustentado na suposição de que as aquisições seriam a simples decorrência do cruzamento entre a passagem do tempo e carga genética produzindo seus efeitos sobre um organismo – poderia ser revisado: “até há pouco tempo, a neuropsiquiatria das primeiras idades se apoiava firmemente na ideia de que os processos maturativos tinham um ritmo automático e inato, definido pela conformação genética” (KUPFER, 2003, p. 03).

A maturação neurológica e o entorno subjetivo em que se encontra o bebê são componentes da complexa rede do desenvolvimento. “As experiências de vida têm caráter decisivo para a maturação - o meio ambiente influi na maturação ontogênica” (JERUSALINSKY, 2002, p. 49). A qualidade dos estímulos que o bebê recebe e a relação

intersubjetiva com o semelhante cuidador conformam uma articulação indissociável entre o psíquico e o orgânico, como nos aponta Jerusalinsky:

La experiencia que el niño tiene con su propio cuerpo durante la primera infancia no deviene solamente de sus automatismos arcaicos (reflejos y disposiciones de función en su SNC) sino también de otras tres fuentes estructurantes: 1) De la percepción y ejercicio que eleva esos automatismos al nivel de la subjetivación, 2) Del modo en que sus cuidadores primarios (en general tenemos allí la figura de la madre) transforman esos automatismos en experiencia de satisfacción por la vía del placer, 3) Del significado atribuido por el entorno social y familiar a cada conquista madurativa del *infans* (JERUSALINSKY, 2017, p. 19).

Os seres humanos nascem com alguns automatismos neurogenéticos, um conjunto de atos reflexos que serão abandonados muito cedo em razão de sua obsolescência para fazer frente à complexidade da relação com o outro, atravessada pela linguagem; contudo, servirão como ponto de partida para uma substituição por atos voluntários complexos ao longo do desenvolvimento. Os cuidadores primários transformam os automatismos simples em atos voluntários complexos na experiência de satisfação tendo como via o prazer do encontro através dos cuidados corporais. Um vínculo erótico de alta potência arranca esse organismo do estado básico em que nasce, aquele dos automatismos de repetição, reduzido a reflexos e respostas simples sempre iguais. A presença e intervenção do semelhante humano salva a vida do bebê concretamente, dando-lhe também existência psíquica, tese central também do ponto de vista ético-formativo.

Essa concepção do desenvolvimento que será detalhada nos capítulos deste estudo, aponta para um processo de aquisições constitutivas distintas da espera passiva por momentos marcados no relógio genético ou baseados em marcadores biológicos. Como diz Jerusalinsky: “para o desenvolvimento, tão importante quanto as possibilidades orgânicas é o circuito de desejo e demandas no qual se sustenta os cuidados de uma criança” (2016, p. 02). Ao evocar os aportes da neuroplasticidade e da epigenética – que apontam que nosso organismo é plástico e permeável às experiências da vida, capazes de transformá-lo – Jerusalinsky (2010, p. 32) afirma que “quanto mais automatismos, menos sujeito, quanto mais sujeito, menos automatismos”. Esta tensão entre automatismo e sujeito é um dos núcleos da constituição psíquica precoce e contribuir para que se sobressaia o sujeito é um dos papéis do adulto.

Deve-se levar em conta que aqueles poucos automatismos instintivos que sobram em nós – os 24 reflexos arcaicos inatos, por exemplo – precisam se extinguir durante o primeiro ano de vida para permitir o surgimento dos intercâmbios especulares

orientados pela linguagem. No caso dos autistas, justamente, o que prevalece não é a linguagem, mas os automatismos neurobiológicos (JERUSALINSKY, 2010, p. 27).

Isso significa dizer que esses 24 reflexos básicos serão narrados e deixarão de ser automatismos pela experiência de encontro e prazer com o semelhante cuidador para se tornarem atos voluntários. Serão recobertos pela linguagem. Tomemos como exemplo o sorriso reflexo que emociona a mãe, que logo o interpreta como signo de que o bebê está lhe reconhecendo e querendo: “meu lindo, sorrindo para mamãe, eu também estou muito feliz contigo, eu também te amo!”. Outro exemplo pode ser encontrado no reflexo de Moro, reação corporal massiva que consiste na extensão, abdução e elevação dos membros superiores, frente ao qual a mãe diz: “estás assustado meu filho?”. Da mesma forma com o reflexo de preensão da mão: “que forte que tu és, meu bebê!”. Ou ainda o reflexo de sucção que, presente nos primeiros minutos de vida, faz com que o bebê se agarre ao seio, e que a mãe interpreta como sinal de muito querer, recobrando o ato reflexo com sua narrativa. Com o tempo, muitas vezes se observam bebês que trocam olhares amorosos com a mãe antes de abocanharem o seio, indicando que o prazer libidinal se antecipa à satisfação da fome, quiçá a primeira narrativa, ainda sem palavras, de autoria do bebê. O adulto cuidadoso é um outro ser humano que derrama sobre o bebê seu universo libidinal e com isso produz efeitos, transformando o organismo básico original num sujeito complexo. O desenvolvimento não se resume a uma simples sucessão de estágios ligados entre si unicamente pela maturação e pela passagem do tempo. Para ocorrer também é importante que haja um encontro permeado pelo trabalho de ligação operado pelo prazer e pelo desejo do bebê por outro ser humano, jamais anônimo.

Antes de ser uma simples sequência cronológica, no tempo de constituição do aparelho psíquico operam profundas transformações psíquicas a cada salto evolutivo presente nos distintos momentos estruturantes por onde transcorre essa constituição. Trata-se, nesse contexto, de investigar que contribuições a psicanálise, a partir da compreensão dos processos de estruturação psíquica precoce e da prioridade do outro nos primeiros tempos da vida e sua dimensão ético-formativa, podem oferecer para a formação humana, situando o processo formativo na relação entre dois. Conhecer uma certa sequência, os passos lógicos da estruturação subjetiva e os tempos cronológicos em que se espera que ela aconteça, nos permite cogitar que há operações constituintes do sujeito que podem ser sustentadas por diferentes protagonistas, sejam os pais ou substitutos como, por exemplo, o educador da

educação infantil. “Os professores nas creches não são apenas importantes para prover os cuidados físicos e cognitivos, mas desempenham um papel fundamental em seu desenvolvimento psíquico⁶” (KUPFER, BERNARDINO & MARIOTTO, 2014, p. 18).

O adulto na posição de cuidador não tem a mesma função que a mãe, mas desempenha papel fundamental no desenvolvimento e subjetivação do bebê, como uma continuidade do trabalho narcísico realizado pela mãe. É uma função similar, mas não idêntica à função materna, e as autoras propõem o termo “função maternante” para a função do professor na creche por exemplo, de modo que não se trata de um mero substituto: “sem exercer propriamente função materna, tal como ela é definida no interior da teoria psicanalítica, a professora trabalhará, contudo, na direção de manter em andamento alguns eixos dessa função, de modo a impedir que se rompa o laço mãe-bebê de forma precoce e antecipada” (KUPFER, BERNARDINO & MARIOTTO, 2014, p. 18). Além da mãe e do pai, o lugar do referente simbólico para o bebê pode ser ocupado pelas pessoas de seu entorno, podendo ser um auxiliar poderoso na prevenção das psicopatologias na primeira infância promovendo a saúde mental do bebê e das crianças pequenas, bem como de saber ler quando algo não vai bem e intervir sustentando operações constituintes. Salientamos assim a importância ética e política desses cuidados primários que, quando adequados, não garantem mas são condição indispensável para abrir as portas para a ação virtuosa e preparar o terreno para a participação dialógica na esfera pública.

Considerar a dimensão constitutiva do sujeito é transmitir marcas simbólicas ao lado de desenvolver aprendizagens de hábitos, de fala, de controle esfinteriano, de higiene, de alimentação, de motricidade, de interação, do desenvolvimento cognitivo e social. O estímulo ao qual nos referimos aqui não é o mesmo que expor o sistema sensorial do bebê a estímulos auditivos, olfativos, táteis, gustativos e visuais, mas à intersubjetividade. Trata-se do encontro intersubjetivo no cuidado primário, do investimento libidinal e do vínculo humanizante com o adulto significativo nos primeiríssimos tempos da vida. Através de uma constante ampliação do diálogo interdisciplinar, afirmamos o compromisso ético de compartilhar conhecimentos direcionados para a condição subjetiva das crianças no futuro, com desdobramentos para a vida em sociedade.

⁶ Por psíquico/psique entende-se os sistemas ou instâncias que compõe o aparelho mental de um ser humano e determinam o funcionamento do seu psiquismo, não no sentido anatômico como a teoria das localizações cerebrais atribui, mas das representações inscritas. O tema de como se dá o desenvolvimento psíquico não comporta uma resposta simples e imediata, nem é algo linear, e, portanto, será tratado em toda sua complexidade e estruturação ao longo deste estudo.

Salientamos a importância da presença do Outro na constituição psíquica, num tempo onde cada vez mais os dispositivos tecnológicos estão presentes na vida dos bebês e crianças pequenas e o referente simbólico pode se tornar a tela de cristal líquido. Alertamos sobre as consequências danosas para a constituição subjetiva das crianças se o rosto e o desejo materno forem excessivamente substituídos pelas tecnologias, e no lugar do encontro humano somente figurem aplicativos e jogos que falam com as crianças para que aprendam a falar numa troca com a tela e não com um ser humano.

Contemplar a teoria psicanalítica nessa pesquisa tem o intuito de, desde essa perspectiva, pensar qual o papel do adulto na construção subjetiva dos sujeitos que toma a seu encargo e a dimensão ético-formativa resultante desse encontro.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico e como metodologia de trabalho faz uso da postura hermenêutica no trabalho com os textos de Sigmund Freud, onde o objeto de estudo é o próprio texto. Optamos por uma leitura e análise de cunho hermenêutico do material bibliográfico, buscando o que está nas entrelinhas, o que não está dito. Foucault (2014), retomando a noção de meditação no contexto da antiguidade, relaciona-a como um exercício de si, a *ascese*, que se dá principalmente pelo exercício da leitura e da escrita. Consiste num exercício reflexivo e de entrega em profundidade ao texto ou a um pensamento, para dele se apropriar, num procedimento hermenêutico no sentido mais amplo. É um trabalho sobre a verdade que o texto contém e sobre a possibilidade de redizê-lo. Portanto, uma pesquisa dessa natureza promove formação humana através do exercício meditativo pela leitura e escrita. Nesse sentido, Foucault sugere: “Primeiro, ler poucos autores; ler poucas obras; ler, nessas obras, poucos trechos; escolher algumas passagens consideradas importantes e suficientes” (FOUCAULT, 2014, p.317).

A meditação segundo a tradição hermenêutica possui dois passos: o primeiro se refere a ouvir o texto atentamente para extrair a verdade que ele contém. Isso exige do leitor um exercício de escuta, de silêncio, de entrega ao texto para ouvir o que ele tem a dizer. O segundo, e mais difícil, diz respeito à coragem de ir além do texto e poder recriá-lo. Segundo Dalbosco, “o texto bem apropriado, reconstruído, exige esse duplo exercício de apropriação sobre ele: a escuta e a coragem de ir além dele”⁷. Ler somente não é suficiente; é preciso escrever, sendo que a leitura meditativa terá que ser transformada em escrita meditativa, materialização do pensamento. Esse exercício é transformador do sujeito, já que, depois de

⁷ Fala de Dalbosco pronunciada no grupo de Pesquisa Formação Humana, Cultura e Educação no PPGEdu UPF no dia 04 de maio de 2018.

um trabalho dessa natureza, não permanece mais o mesmo, constituindo um processo de crescimento e de amadurecimento pessoal.

A precisão conceitual, a profundidade interpretativa e o rigor científico, junto à relevância social, são a base da boa pesquisa, por isso recorrer aos clássicos é fundamental para sua qualificação e para a formação consistente do pesquisador. Assim, a constituição da pesquisa vai se dando através da leitura dos textos, de onde recebe robustez teórica, credibilidade e legitimidade. Embora a obra clássica traduza o espírito de um tempo histórico e esteja vinculada a uma tradição, ela não se esvai no tempo, permanecendo e excedendo o autor. Essa é a ideia com essa pesquisa, apresentar o que é a infância em um autor como Sigmund Freud com um resgate de caráter atualizado, contemporâneo, mesmo que sejam textos clássicos.

O texto clássico mantém consigo a propriedade de conservar-se sempre atual e, por isso, em constante condição de diálogo com as novas gerações. Essa característica, que não lhe tira a erudição que é própria deste tipo de texto, exige um leitor/escritor forte, com condições de adentrar-se nos conceitos, noções e problemas que a obra apresenta. Porém, por outro lado, este mesmo “leitor forte” só se forma à medida em que realiza a pesquisa e insiste metodologicamente neste modelo de pesquisa. É um duplo movimento, ao passo em que o leitor se dedica hermeneuticamente ao texto, melhor consegue entender seus sentidos e, quando isso acontece, o pesquisador passa a formar a si mesmo (CEZAR; RIZZI; ROSSETTO, 2018, p. 02).

De acordo com os autores, o texto que recorre aos clássicos ganha potência argumentativa para dar conta de problemáticas complexas atuais, embora “postulado em outro tempo e com características distintas da atual, há que se considerar o que de mais precioso a tradição nos legou. Os clássicos por serem clássicos, sempre têm algo a nos dizer sobre a realidade vivida” (CEZAR, RIZZI & ROSSETTO, 2018, p. 06). É possível dialogar com os grandes pensadores seja no âmbito da educação, do social, da formação humana, num diálogo vivo com a tradição. Para Dalbosco (2018), esse diálogo é fundamental e indispensável para embasar o surgimento do novo e salienta a importância de aprender com a experiência dos mais velhos e das gerações passadas, a importância de dar lugar à tradição. Todavia, o clássico não é sinônimo de facilidade, provocando no leitor certo estranhamento e até impotência frente ao texto.

Italo Calvino em sua obra intitulada *Por que ler os clássicos?* refere que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha que dizer” como fonte inesgotável de motivação, impelindo sempre à releitura (CALVINO, 1993, p. 11). Ao citar quatorze razões que justificam a importância do clássico, reforça o poder transformador que a leitura de obras

de grande envergadura nos causa, marcando nossas vidas, ao longo de nossas trajetórias de formação como “uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo e individual” (1993, p. 10).

Dalbosco destaca que, através da hermenêutica filosófica, um dos princípios metodológicos potentes para compreender a tensão entre texto e leitor consiste “em entregar-se ao texto, escutando o que ele tem a dizer e deixando-se impregnar pelo processo de estranhamento que ele causa” (2018, p. 7). Através do silêncio e da escuta ocorre a fusão necessária com o texto, aspecto indispensável para sua compreensão. Pela profundidade da leitura e escuta ativa exercida, o sujeito pesquisador será assim capaz de realizar novos questionamentos. Portanto para Dalbosco,

Desleitura, por sua vez, é o efeito que a obra provoca no leitor atento, impulsionando-o a pensar por si mesmo. Com a leitura atenta da obra, impregna-se do estilo literário do autor e com sua forma própria de pensar. Aprende não só a desenvolver pensamentos, mas a trabalhar de modo paciente consigo mesmo. A desleitura da obra clássica proporciona, além da experiência intelectual consistente, também a genuína experiência formativa que conduz ao vagaroso trabalho de si sobre si mesmo. Ler um clássico é, neste sentido, desfrutar da possibilidade de reinventar a si mesmo (DALBOSCO, 2018, p. 9).

A partir deste trabalho com os textos clássicos do fundador da psicanálise, desde o ponto de vista de Freud de que a estruturação psíquica é basicamente um processo que se dá entre dois, na intersubjetividade, surge possibilidade diferente de compreensão do processo formativo humano. A tese central de investigação é a dimensão ético-formativa do desamparo primordial.

Esta dissertação será estruturada em cinco capítulos, sendo o primeiro destinado a descrever os primeiros esboços das descobertas de Freud sobre a estruturação psíquica precoce a partir do texto *Sobre a concepção das afasias*. No sub-capítulo “Do fisiológico ao psíquico” apresentaremos a ideia de um aparelho mental que se constitui além da pura concepção neurológica. No segundo sub-capítulo intitulado “A teoria freudiana da linguagem: da representação de objeto e da representação-palavra” descrevemos como a construção do *aparelho de linguagem* proposto por Freud constitui-se no primeiro modelo de *aparelho psíquico* a partir das categorias de representação-objeto e representação-palavra e como a linguagem é ali apresentada como uma função não decorrência simples da ordem vital, mas como algo que se constrói a partir do contato com outro aparelho de linguagem. Mostraremos no terceiro sub-capítulo “Teoria embrionária do bebê e o papel do cuidado adulto” que o

psiquismo é uma construção complexa e a aquisição da linguagem um processo de subjetivação, em que a presença da figura do adulto cuidador é condição indispensável.

No capítulo dois apresentaremos alguns conceitos-chave componentes do núcleo germinal freudiano para a estruturação psíquica precoce presentes no texto *Projeto para uma Psicologia Científica*. O primeiro sub-capítulo trata do “Desamparo primordial” e o segundo do “Complexo do semelhante”, núcleos centrais deste segundo capítulo. A prematuridade com que nasce a cria humana, ou seja, seu desamparo leva à relação de dependência com o semelhante que propicia o processo de constituição do vir a ser humano. Examinaremos um parágrafo que descreve as linhas básicas da experiência precoce mãe-bebê, que como experiência de satisfação tem as consequências mais profundas para a formação psíquica infantil, do pensamento e da inteligência. Nesse capítulo mostraremos como o desamparo primordial constitui-se como essencial da condição infantil e qual o papel da figura do semelhante humano nesse processo.

No capítulo três, estudaremos dois textos clássicos que se configuram, junto ao *Projeto para uma Psicologia Científica*, nos primeiros modelos freudianos sobre a constituição do aparelho psíquico, sendo eles *Carta 52* e *Interpretação do Sonho*. Com a *Carta 52*, apresentaremos como o aparelho mental se estrutura a partir de inscrições e marcas mnêmicas permanentes das percepções e sensações das experiências de satisfação ao longo do precoce encontro humano, constituindo em seu conjunto um complexo sistema de memórias baseado em sucessivas traduções de vivências. Mostraremos a progressiva compreensão da complexidade dessa estruturação em que representação-objeto e representação-palavra ganham conceituação de destaque, bem como o papel do adulto como mediador nesse processo de representação.

Com *Interpretação do Sonho* examinaremos como Freud resignifica e retrabalha ideias propostas na *Carta 52* – sendo esse um elo entre os dois textos – organizando cada vez mais suas concepções ao propor um esquema de aparelho mental composto por uma série de registros psíquicos que funcionam como um sistema arquivos. Um trajeto de como percepção e sensação vão virar representação, o início de nossa existência como sujeitos e como essa estruturação de um aparelho mental mais complexo requer a presença do semelhante. Termina na proposição de um modelo teórico ao apresentar uma descrição sistemática do aparelho psíquico, sua estrutura interna em instâncias (Inconsciente, Pré-consciente, Consciente) e seu funcionamento, também conhecido como a primeira tópica da metapsicologia freudiana. Exporemos como Freud não postula somente uma sistematização do funcionamento mental,

mas também sua complexidade com os conceitos de identidade de percepção, identidade de pensamento e prova da realidade para a formação do Eu e discriminação entre o mundo exterior e o mundo interior, e qual o papel do semelhante nisso. Para tanto, traremos como complementação alguns outros conceitos presentes na obra freudiana que são esclarecedores.

O quarto capítulo contém formulações sobre a formação do Eu, do narcisismo como representação de si mesmo e um tempo posterior de produções da pequena criança por si mesma. No primeiro sub-capítulo analisaremos em *Além do princípio do prazer*, a partir do jogo do carretel conhecido em psicanálise como o *Fort-Da*, os tempos iniciais da estruturação do 'Eu'. Salienta-se como, a partir da mediação da mãe, a própria criança ao brincar com o carretel, constrói de maneira ainda muito rudimentar seu próprio psiquismo. Abordaremos a função do brincar na infância como elaborativa das experiências, mostrando como a criança produz um jogo simbólico fruto de um intenso trabalho psíquico no laço afetivo com o adulto que será a própria constituição de seu 'Eu'.

No segundo sub-capítulo deste quarto capítulo, ao seguirmos a ideia da constituição do psiquismo humano passando por tempos estruturantes e tendo como base o texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, apresentaremos os tempos desde o autoerotismo até a concepção do narcisismo como uma etapa da evolução psíquica fundamental e necessária para a estruturação de um Eu enquanto representação de si mesmo e uma concepção de que originalmente o Eu é investido de libido para somente depois haver o investimento na relação com os outros. Apresentaremos a concepção do Eu como imagem e sentimento de si a partir da introdução do semelhante na origem e na sustentação inicial do narcisismo no bebê, numa proposição freudiana em que não existe, no começo da vida, uma unidade comparável ao Eu, mas que ela resulta de um processo de evolução psíquica que se dá na mais estrita dependência presença e investimento do cuidador, ou seja, na intersubjetividade. Estudaremos como o amor próprio nasce e se sustenta a partir da relação com o outro, vindo do narcisismo dos pais reeditado e investido nos filhos. Apresentaremos que será também pela presença e intervenção do semelhante que ocorrerão operações psíquicas de saída do narcisismo, de instituição da castração simbólica, das renúncias pulsionais, dos interditos necessários para a formação humana, dos ideais e a conseqüente formação ética.

O quinto e conclusivo capítulo é uma síntese da investigação desenvolvida nos capítulos anteriores, retomando e problematizando cada um deles com base no problema de investigação, como um fechamento da dissertação retomando a tese central que alinhava a justificativa da escolha dos textos de Freud sobre a condição imatura infantil, a estruturação

psíquica, o papel do semelhante e sua dimensão ético-formativa. Assim, problematizaremos como e porque consideramos que o encontro inter-humano é potente do ponto de vista ético-formativo, extraindo e delineando o processo de formação humana implícito no texto de Freud, articulado este processo com a questão da condição infantil e com a relação com o semelhante, como um processo que se dá entre dois, na intersubjetividade, de uma ética na relação adulto-criança e do desdobramento formativo da psicanálise.

Para a escrita desta dissertação, a participação no Grupo de Pesquisa Formação Humana e Exercício de Si, com estudos sobre Michel Foucault, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo coordenado pelo Professor Doutor Claudio Almir Dalbosco, foi crucial, assim como para minha construção como sujeito pesquisador.

1 SOBRE A CONCEPÇÃO DAS AFASIAS: OS PRIMEIROS ESBOÇOS DA ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA PRECOCE E DA PRESENÇA DO SEMELHANTE EM FREUD

Este capítulo apresenta os primeiros esboços das descobertas de Freud sobre a estruturação psíquica precoce a partir de um texto original, por muito tempo inédito no Brasil, que figura entre os primeiríssimos escritos freudianos: *Sobre a concepção das afasias*. Começaremos pelo primeiro ponto que denominamos “Do fisiológico ao psíquico” em que apresentaremos a ideia de um aparelho mental além da pura concepção neuro-anatômica e a relação existente entre os processos fisiológicos e os processos psíquicos. No segundo sub-capítulo intitulado “A teoria freudiana da linguagem: da representação de objeto e da representação-palavra” descrevemos como a construção do *aparelho de linguagem* proposto por Freud constitui-se no primeiro modelo de *aparelho psíquico* a partir das categorias de representação de objeto e representação-palavra e como a linguagem é ali apresentada como uma função não automática nem inata, mas como algo que se constrói a partir do contato com outro aparelho de linguagem. Mostraremos no terceiro sub-capítulo “Teoria embrionária do bebê e o papel do cuidado adulto” que o psiquismo é uma construção que exige um conjunto de gestos de alta complexidade para que um bebê desenvolva a linguagem, tendo a figura do adulto cuidador um protagonismo imprescindível.

1.1. Do fisiológico ao psíquico

Em 1891 Freud, neurologista, docente de neuropatologia na Universidade de Viena, escreveu *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*, seu primeiro livro. Esse texto, recentemente traduzido ao português, foi por muito tempo ignorado, também impedido pelo próprio Freud de ser incluído na edição alemã das suas obras completas sob seu argumento de que se tratava de um texto médico. Sem ele, contudo, as obras são incompletas. Trata-se de um estudo neuropsicológico sobre as afasias e sobre as diversas manifestações nas quais a linguagem deixa, por alguma razão, de funcionar como deveria. Em 2 de maio de 1891 Freud expressou, em carta ao amigo e interlocutor Wilhelm Fliess, a seguinte opinião:

Dentro de poucas semanas eu terei a alegria de remeter-lhe um pequeno livro sobre afasia pelo qual eu mesmo nutro um sentimento caloroso. Nele mostro-me muito ousado, meço forças com seu amigo Wernicke, com Lichtheim, Grashey e até chego

a arranhar o poderoso ídolo Meynert. Sinto muita curiosidade por saber o que dirá você sobre esta produção. Pela relação privilegiada com o autor, algo disso lhe parecerá familiar (FREUD, 2008, p. 14, tradução nossa).

Nos primeiros capítulos Freud expõe o debate entre médicos pesquisadores das teorias vigentes na época sobre as funções e disfunções da linguagem, formulando suas discordâncias para com concepções da neurologia do século XIX, especialmente aquela que defendia uma localização anatômica cerebral das funções psíquicas, que considerava insuficiente para explicar os fenômenos mentais. Os adversários, grandes nomes da medicina que se dedicaram ao estudo do tema, são explicitamente nomeados: Wernicke, Lichtheim, Grashey, Meynert, Broca, Hughlings Jackson, Bastian e inclusive Charcot, com quem Freud terá posteriormente uma relação de maior aproximação. No capítulo seis o autor desenvolve uma nova concepção sobre a estrutura e o funcionamento do que ele chama de *aparelho de linguagem*, nomenclatura que adota desde as primeiras páginas do texto. O material procura elucidar como uma pessoa representa e constrói a linguagem, e é nele que buscaremos os indícios do papel do semelhante nesse processo, sustentando que desde o início a hipótese de que Freud está também pensando a constituição do psiquismo através da relação com o outro. Em *Sobre a concepção das afasias*, a constituição do aparelho mental se dá pela linguagem.

Embora o texto possua um teor mais neurológico que psicanalítico, tendo sido escrito antes da cunhagem do termo *psicanálise*, vem representar uma abertura de caminho para o entendimento do funcionamento do aparelho psíquico. Conforme Garcia-Roza (1991), o anseio de Freud era construir um aparelho da alma que fosse além da pura concepção neuroanatômica, e seu primeiro passo nesse sentido se deu com esse estudo, muito embora nele não haja nenhuma intenção declarada de qualquer intuito que ultrapasse aquele de um exame restrito às disfunções da linguagem. Freud já pretendia, contudo, entender o funcionamento mental do ser humano e as doenças nervosas não somente nos termos ditados pelas ciências naturais e suas explicações organicistas. Assim como o *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, *Sobre a concepção das afasias* permaneceu ignorado pelos comentadores de Freud por muitos anos, sendo um “texto surpreendente, no qual o *aparelho de linguagem* produzido por Freud transborda seus próprios limites para se constituir no primeiro modelo de *aparelho anímico*” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 17).

Segundo Caropreso (2003) Freud argumenta que a teoria sobre o funcionamento normal e patológico da linguagem baseada nos pressupostos neurológicos da época era insuficiente para explicar os fenômenos psíquicos, e propõe uma nova concepção do aparelho

de linguagem que conduziu à noção de representação psíquica, um dos conceitos fundamentais na metapsicologia freudiana, tanto quanto pulsão, recalçamento, transferência e inconsciente.

O presente estudo não abordará em profundidade a longa revisão e nem as contestações de Freud sobre o funcionamento do sistema nervoso, do aparelho de linguagem, sua função e seus distúrbios que constituem a íntegra de sua monografia sobre as afasias. Nosso interesse se dirige precisamente ao capítulo seis, quando Freud se debruçou sobre o funcionamento do aparelho da fala, e onde aparecem os esboços originais do que posteriormente vai ser desenvolvido em outros textos sobre a construção e o funcionamento do aparelho mental⁸. Nele estão os primeiros traços de uma teoria da representação que contém o embrião dos conceitos de representação-objeto e de representação-palavra, base da teorização freudiana da memória e da constituição do inconsciente. A linguagem ali é apresentada como uma função não automática e não presente desde sempre, mas como algo que se adquire de maneira singular e específica, qual seja, a partir do contato com outro aparelho de linguagem. Esse é o tema que nos interessa investigar neste primeiro livro de Freud. Consultaremos também alguns autores e pesquisas dedicadas ao seu estudo.

O modelo hegemônico na época deste escrito, para dar conta das funções psíquicas e da aquisição da fala, se embasava na teoria localizacionista⁹; nela a percepção das coisas do mundo, como as sensações ou uma palavra, geravam no cérebro uma impressão, um registro que ficava gravado, assim todos os registros iam sucessivamente sendo depositados no córtex cerebral como arquivos que vão construindo a memória. Freud observa que “os estímulos sensoriais que chegam ao córtex cerebral, deixam ali impressões duradouras, cada uma delas – na concepção de Wernicke – retida numa célula diferente” (FREUD, 1891, p. 20). As inúmeras impressões sensoriais vindas do mundo externo seriam armazenadas, a palavra ouvida gravada num centro cerebral, cabendo às vias de condução a função de ligar esses centros uns aos outros fazendo conexões, um modelo simplista de pensar o cérebro e a aquisição da linguagem. Seria como se em cada neurônio ficasse armazenada uma percepção, uma palavra, que depois iria se conectando com outras por meio dos feixes de ligação que

⁸ Aparelho psíquico ou mental significa “expressão que sublinha certas características que a teoria freudiana atribui ao psiquismo: a sua capacidade de transmitir e de transformar uma energia determinada e a sua diferenciação em sistemas ou instâncias” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 64).

⁹ O central da teoria localizacionista era supor centros distintos no cérebro responsáveis pela articulação e compreensão da linguagem, que se ligam por vias de condução corticais e que inclusive receberam os nomes dos teóricos: área de Broca e área de Wernicke. Uma lesão nesses centros produziria uma afasia. Essa teoria das afasias fundamenta-se na teoria do funcionamento do sistema nervoso de Meynert (CAMPOS, 2010).

formam as vias de condução. Assim aprenderíamos a falar, e uma lesão nesse mecanismo produziria uma afasia, por exemplo.

Freud protagoniza, nos primeiros capítulos, o levantamento de uma série de questões sobre a legitimidade – para lidar com as funções e disfunções da linguagem – dos esquemas explicativos advindos unicamente da teoria das localizações cerebrais defendidos até o momento, inclusive aqueles de seu professor e mentor acadêmico, pesquisador e especialista em anatomia do cérebro, Theodor Meynert:

[...] do solo da doutrina de Meynert brotou a suposição de que o aparelho de linguagem seria composto por centros corticais distintos em cujas células estão contidas as representações de palavra e que esses centros são separados por territórios corticais livres de função e são conectados por meios de fibras brancas (feixes de associação). Pode-se primeiramente colocar em questão se uma tal suposição, que cativa representações em células, é de todo correta e aceitável. Eu creio que não (FREUD, 1891, p. 77).

A hipótese de Meynert era de que a cada fenômeno psíquico ou impressão sensorial corresponderia um fenômeno neurológico – uma impressão dentro da célula desocupada – como se ambos guardassem entre si as mesmas características e propriedades: uma correspondência. Freud recusa essa ideia e, de suas críticas, resultará uma reformulação dessa teoria. Rompimento por um lado, novos começos por outro. Conforme Campos (2010), o argumento de Freud é que a sintomatologia na *parafasia* – distúrbio em que há troca de palavras por outras relacionadas sintática ou foneticamente – não é necessariamente patológica, com lesão orgânica, podendo ser encontrada em situações de cansaço, sono, ou mesmo ser influenciada por intensidades afetivas. Essa é uma ideia que faz referência às *parapraxias*, desenvolvidas por Freud dez anos mais tarde¹⁰.

Há uma ruptura entre o discurso de Freud e aquele dos médicos da época, uma vez que ele coloca em questão a ideia de cativar representações em células, ou seja, de que uma palavra fique registrada dentro de uma célula isolada, armazenada como um arquivo nela gravado, como via para aprendermos a falar. A questão de Freud é “até que ponto se poderiam localizar funções psíquicas” (FREUD, 1891, p. 19). É esse modelo, considerado reducionista, que está sendo questionado pelo autor como explicação única, através da seguinte problematização: como faculdades psíquicas inteiras podem ser localizadas numa estrutura

¹⁰ Freud em *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901), fala das parapraxias como fenômenos psíquicos de erros do cotidiano que possuem um significado inconsciente: os atos falhos e lapsos de linguagem. Nos tropeços da fala é onde se localiza o sujeito do inconsciente.

orgânica determinada e restrita? Como conteúdos complexos se reduziriam a um único elemento localizado na anatomia do cérebro? Como sustentar que ocorre o mesmo com a linguagem?

Frente à tendência de épocas anteriores da Medicina de localizar faculdades inteiras da alma [*ganze Seelenvermögen*], na forma como são definidas pelo uso linguístico da Psicologia, em territórios determinados do cérebro, a explicação de Wernicke de que só se poderiam localizar os mais simples elementos psíquicos, ou seja, cada uma das representações sensórias isoladas, e, mais precisamente, na terminação central do nervo periférico que recebeu a impressão, deve ter sido vista como um grande avanço. Em princípio, entretanto, não se incorre no mesmo erro básico de se tentar localizar, seja um conceito complexo, seja uma atividade inteira da alma, seja um elemento psíquico? É justificável fazer uma fibra nervosa, que durante toda a extensão do seu percurso fora somente uma estrutura fisiológica submetida a modificações fisiológicas, mergulhar sua terminação no psíquico [*Psychische*] e dotar essa terminação de uma representação ou de uma imagem de lembrança? (FREUD, 1891, p. 78).

O paradigma reducionista e simplista se sustenta na proposição da causalidade linear na qual um processo psicológico, como afetos, sensações e representações, constituiriam-se numa duplicação mecânica, efeito direto de processos fisiológicos. Dentro da célula nervosa estaria localizada uma representação, apontando para uma relação direta entre o plano psíquico e o plano neurológico. Freud defende outra ideia, a de que não é possível ligar diretamente um processo no outro, propondo uma relação concomitante dependente entre os processos psíquicos e fisiológicos:

A cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso provavelmente não se encontra em uma relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam assim que os psíquicos tenham começado; ao contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que, a partir de um certo momento, a cada membro dessa cadeia (ou membros isolados dela) corresponde um fenômeno psíquico. Assim sendo, o psíquico é um processo paralelo ao fisiológico (“um concomitante dependente”) (FREUD, 1891, p. 78).

A proposição de Freud se dirigia a introduzir a noção de complexidade ao inserir a subjetividade nas concepções da ciência médica da época de um modo que o leva a conceber o *aparelho de linguagem* como algo constituído por uma intrincada rede de representações. O escrito é um tratado sobre o funcionamento deste aparelho com o propósito de demonstrar como certos distúrbios funcionais da fala, como as afasias¹¹, poderiam não estar relacionados

¹¹ Um distúrbio de memória e, em sentido estrito, uma perturbação de linguagem. Distinguem-se comumente dois tipos de afasia: a *afasia sensorial* e a *afasia motora*. Na primeira, há uma perda da compreensão da linguagem, embora seja mantida a capacidade de se servir da linguagem articulada; na segunda, há perda da

a um comprometimento ou lesão orgânica subjacente. Defende que o estudo desses estados disfuncionais são preciosos para a apreensão do que “nos ensina o estudo dos distúrbios da linguagem sobre a função desse aparelho” (FREUD, 1891, p. 97). Freud deseja enfatizar que defeitos existem no aparelho de linguagem simplesmente pela condição de que somos humanos, preparando terreno para a noção do inconsciente. Mesmo levando em conta toda a imbricação recíproca, profunda e inseparável entre a mente e o corpo, caminha a passos largos na direção da distinção entre os processos fisiológicos e os processos psíquicos, mostrando que mesmo num organismo hígido pode haver falhas nas funções de fala. Assim combate ideias da época que reduziam os fenômenos subjetivos a explicações fisiológicas, desconhecendo a complexidade dos acontecimentos no humano. Este ponto também é central para tratar da tese da formação humana ética não como um processo inato, de desenvolvimento quase mecânico, mas sim cultural, processual, que possui sua raiz na “linguagem do inconsciente”.

Freud resiste, em razão desse princípio, a reduzir a experiência de construção subjetiva de um ser humano somente ao funcionamento dos neurônios, propondo que o funcionamento da linguagem estaria ligado ao funcionamento psíquico, estabelecendo assim uma lógica da complexidade para conceber sua aquisição: “Qual é, então, o correlato fisiológico da representação simples ou da representação que a recapitula? Claramente nada estático, mas sim algo da natureza de um processo” (FREUD, 1891, p. 79). No lugar da noção de “impressão” surge a de “correlato fisiológico” e ganha consistência a noção de um aparelho que funciona como um “processo”: na proposição freudiana, os processos fisiológicos não são interrompidos onde começam os processos psíquicos. Haverá um paralelismo e uma continuidade entre os processos fisiológicos sensoriais, o processo que acontece no sistema nervoso a nível do córtex cerebral e o processo psíquico de registro da experiência.

Garcia-Roza (1991, p. 35) refere que “o próprio aparelho psíquico é unitário e indivisível, isto é, que ao texto psíquico corresponde, como correlato, um tecido fisiológico que lhe serve de suporte”. Os processos psíquicos não seriam localizáveis como defendiam as teorias neurológicas do século XIX, mas estariam encadeados, correlacionados e em dependência dos processos fisiológicos. Para Caropreso (2003) Freud apresenta a hipótese de

capacidade de pronunciar as palavras, embora se mantenha a compreensão do que as pessoas dizem (GARCIA-ROZA, 1991, p. 19).

uma concepção alternativa da localização das funções cerebrais e da relação entre os processos fisiológicos e psíquicos¹².

A memória não se encontraria circunscrita em células, embora tenha como suporte o tecido nervoso. A estrutura neurológica é tecido que serve de suporte sobre a qual vai se instalar uma estrutura psíquica. O suporte neurológico é inquestionável, sem ele não será possível a aquisição da linguagem, mas o psíquico é algo que transcende o cérebro, que não se esgota nem se explica somente pelo viés anátomo-fisiológico. O psíquico não possui existência material concreta, localizada dentro de algum órgão ou espaço cerebral, antes consiste num fenômeno de alta complexidade, que se produz como um processo, que nos habita e que está além dos nossos órgãos. Por esse motivo Freud e seus contemporâneos se valeram da expressão “alma” para designar o psíquico, em razão não da materialidade, mas da imanência deste processo. Garcia-Roza (1991, p. 46) esclarece, de modo acertado, que “o que Freud está recusando não é o neurológico, mas o anatômico entendido em termos de localizações elementares”.

Não podemos ter sensação alguma sem associá-la imediatamente; se podemos ainda conceitualmente separá-las de forma tão afiada, na realidade elas se prendem a um único processo que, começando em uma área do córtex, difunde-se por sobre a sua totalidade. A localização do correlato fisiológico é, então, a mesma para representação e associação, e, já que a *localização de uma representação nada significa além da localização de seu correlato*, então devemos necessariamente recusar colocar a representação em um ponto do córtex cerebral e a associação em um outro. Ao contrário, ambas partem de um mesmo ponto e nunca se encontram em repouso em ponto algum (FREUD, 1891, p. 80).

Em contraponto a uma teoria reducionista e localizacionista, o autor propõe uma concepção dinâmica dos processos mentais e da aquisição da linguagem, ou seja, um modelo complexo de cérebro que faz contraponto ao modelo neurológico vigente, que toma em conta não somente os aspectos orgânicos, mas também aspectos singulares, inter-relacionais, históricos, familiares, culturais, etc. Esse é o ponto onde Freud vai se diferenciar dos neurologistas de sua época para explicar como se constituem os fenômenos mentais – o que é próprio da condição humana, com suas extraordinárias sutilezas e complexidades: memória, palavra, pensamento, sentimentos, a própria subjetividade – num nível de experiência que transcende o puro aspecto fisiológico e o neuronal. Um sujeito não pode prescindir de seu cérebro, mas está muito além dele.

¹² Mais tarde em *Pulsão e suas vicissitudes* (1915), Freud desenvolverá a problemática apresentada aqui por meio da ideia de pulsão, conceito limite entre o somático e o psíquico.

Garcia-Roza (1991) esclarece que, para contrapor a ideia da relação dos distúrbios da linguagem com lesões cerebrais localizadas, a perspectiva que Freud adota é a da complexidade do *aparelho de linguagem*:

Quer se trate das parafasias em particular ou dos processos psíquicos em geral, Freud é de opinião que não podemos procurar o substrato fisiológico da atividade mental na função desta ou daquela parte do cérebro, mas como resultado de processos que abarcam o cérebro em toda sua extensão (GARCIA-ROZA, 1991, p. 24).

Como se dá a passagem desse corpo anatômico-fisiológico para o corpo representado? As relações humanas acontecem pela linguagem, e nosso corpo – que é também uma organização biológica de alta complexidade – se converte em corpo simbólico¹³, tela onde se inscrevem representações das trocas afetivas mediadas pela linguagem. Segundo Birman (2005, p. 13) “o reconhecimento do caráter simbólico do corpo impede sua representação como apenas uma máquina anátomo-funcional, constituída por mecanismos bioquímicos e imunológicos”. A linguagem é uma aquisição que ocorre no nível das trocas simbólicas, a partir da relação com o outro, não bastando para tanto um sistema neurológico em pleno funcionamento, uma vez que a vontade de se comunicar é uma função simbólica. Voltemos a Freud:

Rejeitamos, pois, a suposição de que o aparelho de linguagem seja constituído de centros distintos, separados por territórios corticais sem função e, além disso, que as representações (imagens de lembrança) que servem à linguagem ficam armazenadas em determinadas áreas do córtex, denominadas de centros, enquanto a associação dessas representações é feita exclusivamente por fibras de substância branca subcorticais. Então, resta-nos agora expor a ideia de que *o território da linguagem no córtex é um distrito contínuo*, dentro do qual as associações e transferências, nas quais se baseiam as funções da linguagem, ocorrem em uma complexidade cujos detalhes exatos escapam à compreensão (FREUD, 1891, p. 86).

Embora nessa época Freud ainda não tivesse desenvolvido o conceito, alguns aspectos aqui apresentados – em termos de representações mentais, dos processos psíquicos como paralelos aos fisiológicos, de que as imagens mnêmicas, as lembranças das palavras não estão contidas nas células nervosas, mas num *território contínuo do córtex* – permitem pensar que são o primeiro rabisco do que mais tarde chamará aparelho psíquico. São indícios que servem para entender um processo no qual a aquisição da linguagem, a estruturação de um aparelho da linguagem, é a própria constituição do aparelho psíquico e, portanto, a emergência do

¹³ O conjunto de significação e as representações inconscientes que o corpo biológico passa abrigar em cada um.

sujeito. As funções da linguagem ocorrem por associações e transferências¹⁴, num complexo processo que, definido em termos estruturais, foi nomeado de *território da linguagem*. A ideia de “aparelho” de linguagem é também a de totalidade, e não de algo atomizado em “centros”. *Território* também tem o significado de uma área extensa e ampla. O aparelho de linguagem, proposto neste texto germinal da metapsicologia psicanalítica, constitui-se na primeira ideia freudiana no rumo de um aparelho psíquico que se constrói, sem ser decorrência automática da ordem vital. Sugere que as representações internas que temos dos objetos e das coisas do mundo não estão prontas no ato do nascimento, o que implica conceber que nem o psiquismo nem a linguagem são funções que se desenvolvem de modo autônomo.

Sendo assim, como, no início da vida, colocamos o mundo para dentro da nossa mente? Como se formam as representações mentais? Como colocamos a realidade para dentro de nós e o que acontece quando fazemos isso? A realidade que representamos dentro é exatamente igual a que está fora? O que acontece, no interior do psiquismo, com a informação sensorial proveniente do mundo externo? No que se refere à Freud, o psiquismo é uma construção que exige um conjunto de gestos de alta complexidade para que o ser humano e seu aparelho de linguagem possam advir.

1.2. A teoria freudiana da linguagem: da representação de objeto e da representação-palavra

No início do capítulo seis Freud se ocupou mais precisamente com separar, tanto quanto possível, o aspecto anatômico do campo psicológico, no qual pretende investigar “o que nos ensina o estudo dos distúrbios de linguagem sobre a função desse aparelho” (FREUD, 1891, p. 97). A análise das etapas da formação do aparelho de linguagem vai partir da representação-palavra: “Para a Psicologia, a *palavra* é a unidade da função de linguagem, uma representação complexa que se apresenta como um composto de elementos acústicos, visuais e cenestésicos” (FREUD, 1891, p. 97, grifo do autor).

A hipótese vigente na época sobre as funções psíquicas e a aquisição da fala está orientada pelo conceito de impressão fisiológica: a palavra ingressa pela via perceptiva e recebe um registro no córtex cerebral, como se fosse gravada num arquivo. A proposta de

¹⁴ Aqui está a origem do conceito de *associação* que posteriormente será usado para nomear o método clínico da *associação livre* e também do fenômeno da *transferência* na relação analista e analisando.

Freud, radicalmente distinta, é que a palavra é primeiramente recebida de outro aparelho de linguagem e inscrita no aparelho psíquico como um registro mental ou imagético, composto das imagens sensoriais, auditivas e visuais da palavra, assim como do ato motor que a acompanha. A radicalidade da posição freudiana está na inclusão do outro, aquele que é o sujeito do outro aparelho de linguagem de quem se recebe, através de quem nos chega, primeiramente, a palavra. Assim, pela mediação do outro, nos chegam as palavras e as coisas, nos chegam também os atos motores que acompanham as palavras, as expressões do rosto que chegam junto enquanto as palavras são emitidas, o olhar que a sustenta e entrega, movimentos vitais do semelhante humano. Para Freud o aparelho de linguagem se constitui por processos de associação entre elementos acústicos, visuais e cenestésicos que se inscreveram, formando associações de objeto e posteriormente uma representação-objeto. A representação-objeto consiste num complexo associativo dos elementos acústicos, visuais e cenestésicos. Com relação a representação-palavra, Freud propõe:

Normalmente se consideram quatro componentes da representação de palavra: *a imagem de som [Klangbild], a imagem visual das letras [visuelle Buchstabenbild], a imagem de movimento da fala [Sprachbewegungsbild], e a imagem do movimento da escrita [Schreibbewegungsbild]*. Entretanto, essa composição se mostra mais complicada quando se entra no mérito do provável processo de associação que acompanha cada uma das tarefas da linguagem (FREUD, 1891, p. 97, grifos do autor).

Conforme essa perspectiva, o aparelho de linguagem vai se estruturar inicialmente pela inscrição e associação dos elementos acústicos, visuais e cenestésicos da palavra recebida, para somente depois formar uma representação-objeto e uma representação-palavra. Uma representação não vai ter um único registro, senão que se forma pela conjunção de vários, por isso Freud usa o termo *território da linguagem*.

Todavia é necessário distinguir associação enquanto relação entre termos que articula os elementos acústicos, visuais e cenestésicos para formar uma representação-palavra, da concepção de um complexo associativo de representação-palavra em sua relação com outras representações-palavra, essa associação de associações que Freud define como *superassociação*¹⁵. As associações de linguagem seriam capazes de produzir a *superassociação* (GARCIA-ROZA, 1991, p. 43, grifo do autor). A relação da representação-palavra em conexão com outras representações-palavra forma uma rede de significantes que

¹⁵ Um complexo associativo numa relação com outras representações-palavra, o que podemos compreender como a rede de significantes, uma vida subjetiva de sentido profundo que nos habita. Nesse termo está provavelmente uma primeira referência de Freud à suposição da existência do inconsciente.

amplia o território da linguagem. A aquisição da linguagem se dá no *território da linguagem* através de uma combinatória de processos onde as associações vão se sobrepondo umas as outras, formando *superassociações*.

Garcia-Roza ressalta que “o aparelho de linguagem nos coloca em presença de um outro aparelho de linguagem que nos introduz no registro da troca simbólica. A linguagem é algo que se adquire, assim como o aparelho de linguagem é algo que se constrói, estas são as teses presentes no texto de Freud” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 40). Para o autor, Freud sustenta a ideia de um processo de articulação entre associações e representações, e “que a estrutura e o funcionamento do aparelho de linguagem resultam dos modos de associação colocados em jogo na relação com um outro aparelho de linguagem” (GARCIA-ROZA, 1996, p. 42). A linguagem se adquire numa construção que depende da experiência vivida e que está determinada historicamente desde o princípio. O aspecto original da teoria de Freud é que a linguagem aparece como fator da subjetividade. A fala não é um ato de fonação, é um ato de sujeito. Neste sentido, de acordo com a terminologia foucaultiana, se poderia dizer que a linguagem é resultado de processos de subjetivação, no sentido de que é pela capacidade humana de simbolizar o real, significando-o que as palavras ganham sentido.

1.3. Teoria embrionária do bebê e o papel do cuidado adulto

Nessa perspectiva, o bebê recebe palavras de um outro aparelho de linguagem, e as inscreve como partes, traços de imagens acústicas, visuais e cenestésicas: escuta-se a palavra recebida no interior da experiência de encontro com o semelhante cuidador. Quando o bebê recebe palavras de um outro aparelho de linguagem, elas estão inseridas numa rede simbólica. Os seres humanos não dizem palavras sem que estejam recheadas de sentidos que vão compor um código, uma mensagem endereçada ao bebê. A linguagem é recebida de um outro ser humano que não é uma máquina de falar, mas que se dirige ao *infans*¹⁶ com uma porção de desejos e expectativas imersos num caldo de sentidos. No início essa construção acontece na relação com o outro, que deixa inscritas no incipiente tecido psíquico as marcas do que é dito, visto, ouvido, sentido. Estes registros são o que mais tarde, na Carta 52 da correspondência com Fliess, Freud vai nomear *signos de percepção* (FREUD, 1897, p. 255).

Freud refere que as diversas experiências que temos com os objetos, acústicas, táteis e visuais, e ainda aquelas que envolvem outros sentidos, podem entrar na composição das

¹⁶ Aquele que ainda não fala.

associações de objeto. Nos *Três ensaios sobre a sexualidade* Freud, referindo-se às “excitações das superfícies sensíveis – a pele e os órgãos sensoriais” (FREUD, 1905, p. 192), nos ensina que toda a superfície corporal, epiderme e mucosas, é excitável, ou seja, é capaz de vir a ser polo perceptível¹⁷. Todos os possíveis pontos perceptivos do corpo do bebê servem como porta para essa troca simbólica: o ouvido, o olhar, o tato, a boca no seio, a temperatura do corpo e os estímulos térmicos, o cheiro, as expressões, os movimentos, o toque na pele, a posição e o modo como é segurado, todos os sentidos. São sensações táteis, olfativas, visuais, auditivas, que estimulam a parcialidade pulsional.

No encontro precoce do bebê com o outro que já possui aparelho de linguagem, a estruturação e a operação deste aparelho entra em contraste com o de alguém que ainda está por construir, o que significa dizer que existe uma assimetria originária entre os dois protagonistas, e não uma posição de igualdade com relação ao aparelhamento de linguagem: aqui só um sabe falar. Nos primórdios da vida, a palavra está dirigida àquele que ainda não a entende, o *infans*.

Nesta posição freudiana reside um aspecto de relevância: não se aprende direto do mundo, se aprende pela necessária mediação do outro; é pelo encontro que o outro aparelho de linguagem nos introduz no registro da troca simbólica, aquela na qual existe alguém que nos fala e nos toma como sujeito. No encontro com a linguagem ninguém sai ileso. Antes de se alimentar de leite o bebê se alimenta de voz. Nesses primeiros momentos da vida, o bebê é imerso num caldo de linguagem produzido pela função materna no qual as palavras são seu alimento simbólico.

O bebê é possuído pelos adultos que se encarregam de cuidá-lo muito antes que possa compreender o sentido das palavras e atos que recebe, uma vez que ainda não existe um ‘Eu’. Ele, portanto, vai ser representado, falado, pensado, antes mesmo que possa falar e pensar. Nossos primeiros pensamentos não são nossos, nossas primeiras palavras não são nossas, são de outro que as oferta a nós desde sua rede simbólica. Esse é o paradoxo da constituição humana: falamos com nossos bebês sabendo que não entendem o sentido compartilhado da linguagem; contudo, não podemos esperar que o bebê cresça e aprenda a falar para então falar

¹⁷ Sobre esse tema remeter-se ao texto *Três ensaios sobre a sexualidade* com a noção de zonas erógenas e de que todo corpo e qualquer ponto da pele ou da mucosa é excitável, desde que haja estimulação que provoque uma sensação prazerosa de determinada qualidade (FREUD, 1905, p. 168-172).

com ele. É porque a mãe ou sua substituta atribui, com convicções delirantes¹⁸, pensamentos e sentimentos ao bebê nos primeiros tempos de sua vida, que lhe entrega palavras conversando com ele ainda que ele não entenda, que se inauguram as condições de humanização.

Bebês de quatro a doze semanas de vida são muito ativos nas trocas vocálicas com a mãe – em balbucios, co-criações e proto-conversa¹⁹ - que são sustentadas pelo olhar e pela voz do outro. Ao conversar com um bebê, é comum que se use um modo típico e espontâneo de falar, um modo em que se chega mais perto, fala-se mais devagar, olhando nos olhos, levantando as sombrancelhas e sorrindo ao bebê; muito mais que uma prática vocálica, é quase um canto, com a entonação prosódica peculiar do “manhês”²⁰. As mães falam com os bebês nesse estilo próprio, de pequenas palavras com tom, timbre, cadência e ritmo de voz diferentes do habitual. Uma musicalidade acompanha a voz no que a mãe diz e, sem muito pensar no significado daquilo que diz, ela simplesmente se deixa levar pelo encanto desse encontro, nele realizando uma convocatória vital feita de formas verbais e motoras e de trocas visuais, táteis e auditivas. O bebê de quatro ou cinco semanas não é só ouvinte, ele faz par como musicante. A voz da mãe será incorporada²¹ para que passe de *infans* a *ser falante*²², primeiramente com balbucios e *lalíngua*²³.

¹⁸ A loucura necessária das mães como nomeou Winnicott, uma “enfermidade normal” que permite a mãe ter uma sensibilidade exaltada e interpretar o que o bebê dá a ver, a capacidade de se colocar no lugar dele, entender e atender suas demandas e necessidades (WINNICOTT, 1956).

¹⁹ A mãe propõe fonemas a serem repetidos, fala espontaneamente com o bebê, faz silêncio e espera atentamente aos sons com que ele pode responder, dando-lhe lugar de interlocutor, num diálogo com intervalo e troca de turno. O bebê vai produzir balbucios que serão interpretados como um diálogo, a mãe segue sua melodia e lhe dá um papel de protagonista, canta, imita os seus sons, supõe um sujeito pensando, fala por ele e o representa falando. O *infans* incorpora a voz da mãe e a partir disso forma o balbucio, diz proto-palavras para depois dizer palavras.

²⁰ O termo manhês tem sido utilizado no Brasil para denominar como as mães costumam falar com seus bebês: com uma entoação caracterizada por picos prosódicos, uso de diminutivos, pela evitação de encontros consonantais, pela repetição de sílabas e pelo uso de tons de voz mais altos que o habitual (JERULALISNKY, 2014, p. 67). O termo, essa prosódia chamada manhês, ficou conhecido a partir das pesquisas de psicolinguistas, como Anne Fernald (1989) *Intonation and communicative interest in mother's speech to infants: Is the melody the message?* que mostra o poder da entonação da voz para transmitir informação significativa na intenção comunicativa do adulto ao *infans*, exclusivamente saliente na melodia do discurso materno. Fernald investigou porque esse modo de fala interessava tanto ao bebê. Também as pesquisas de Colwyn Trevarthen (2004) *Intimate contact from birth: How we know one another by touch, voice and expression. In movement.* sobre a protoconversa¹⁹ e as co-criações do bebê e do adulto, que trocam sons, expressões faciais ou gestos de modo sincrônico com ritmo e regularidade alternada e previsível, em que o bebê de ouvinte, se torna cantor, envolvido pela musicalidade da voz materna.

²¹ Sobre esse tema ver em Freud o mecanismo da *incorporação* nos *Três ensaios sobre a sexualidade*, “A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a *oral*, ou, se preferirmos, *canibalesca*. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na *incorporação* do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma de *identificação*, um papel psíquico tão importante” (FREUD, 1905, p. 186) e também a *identificação primária* em *Psicologia das massas e análise do eu*, um modo primitivo de constituição do sujeito segundo o modelo do outro, “A identificação é conhecida pela psicanálise como a

A ênfase não está propriamente no significado das palavras que a mãe ou a substituta diz, mas em como ele diz, na entonação da sua voz, no canto repleto de desejo que deixa marcas profundas. Com o tempo e com as experiências de encontro com quem cuida, formar-se-á um conglomerado de diferentes marcas e registros do vivido, formando uma rede representacional e o tecido psíquico.

Garcia-Roza comenta que “é através do esquema da *representação-palavra* e das *associações de objeto* que Freud vai abordar o problema da *significação* e apontar para uma possível concepção do signo como arbitrário” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 44, grifo do autor). Quando Freud emprega o termo *associações de objeto* está se referindo a associações que irão formar a representação complexa de objeto, indicando que aquilo que é inscrito não é a palavra inteira ou o objeto real do mundo tal como ele é, mas uma série arbitrária de associações ligadas a ele. Cada sensação (visual, acústica, cenestésica) vinda das impressões que o mundo produz deixará uma inscrição, que Freud chama de *imagem mnêmica*. Sensações e associações são concomitantes. As associações são as primeiras inscrições no psiquismo. Perceber é associar, o registro de uma percepção se produz mediante associações e, em razão dessas associações, é absolutamente singular em cada sujeito. O que se inscreve são traços das experiências vividas no encontro inter-humano que não guardam correspondência tal qual com os objetos no mundo²⁴.

Garcia-Roza refere que:

A afirmação de que a palavra adquire sua significação pela ligação com a representação-objeto faz do aparelho de linguagem um aparelho que não apenas articula representações, mas sobretudo que essa articulação de representações tem um efeito de *sentido*. A significação não resulta da relação entre a representação-objeto e a coisa externa ou o referente, mas da relação entre a representação-objeto e a representação-palavra (GARCIA-ROZA, 1991, p. 48).

Isso quer dizer que a representação-palavra precisa da representação-objeto para existir e esse é o efeito de sentido: só podemos conhecer algo se o representamos e a própria percepção é construída por meio das associações de registros existentes que a configuram.

mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1921, p.133). A primeira e mais arcaica forma de identificação é a incorporação do objeto amado, fazendo uma identificação com ele, quando ainda não há um ‘eu’.

²² *O Falasser*, termo cunhado por Lacan.

²³ Termo que Lacan quis fazer o mais próximo possível da palavra *lalação* (MALEVAL, 2017, p. 105). Neologismo forjado por Lacan referente a *alíngua*, a não língua, *lalange*.

²⁴ O tema de como as experiências vividas deixam marcas mnêmicas será abordado mais adiante no estudo do *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895). Entretanto, aqui em *Sobre a concepção das afasias*, já encontramos uma antecipação.

Freud está propondo que toda transmissão que serve de base para a estruturação humana passa pela linguagem e pelo inter-relacional. Um bebê está todo tempo ganhando palavras e formando sua rede de representações. Existe um código de língua que é compartilhado, mas cada sujeito irá constituir um sentido singular quando representa um conteúdo dentro de si. O aparelho de linguagem é que tornará possível a significação das coisas do mundo.

Aqui estão os primeiros traços da metapsicologia freudiana. Em síntese, primeiro há o objeto, a coisa do mundo, então inscrições e associações no aparelho mental formarão a representação-objeto – o signo – para daí haver a representação-palavra – o símbolo. Freud trabalha na perspectiva de que quando algo do exterior se inscreve no interior do aparelho há uma recomposição desse mundo real, ou seja, o que se inscreve dentro do psiquismo não é o mesmo que chega desde a realidade, passa por um processo de decomposição e recomposição, sendo que este último termo está dado pelos registros internos do sujeito que, associados, imprimirão o caráter singular à sua percepção. Trata-se de uma criação nova e própria, portanto, que não é efeito de uma simples percepção tal qual ou mesmo a memória arquivada de um objeto.

Em relação ao esquema proposto por Freud, Garcia-Roza comenta que “colocar de um lado a *representação-palavra*, entendida como uma representação complexa, isto é, como formada por representações diversas, e por outro lado as *associações de objeto*, designando com este termo também um complexo associativo, significa um definitivo abandono do conceito de *impressão*” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 46). O já referido conceito de impressão designava que cada elemento psicológico seria associado a um elemento fisiológico na célula nervosa, e a associação entre duas impressões seria o mesmo que a associação entre duas ideias. Nessa proposição, as ideias são uma reprodução das impressões tal e qual, numa associação simples e direta sem que nada de novo disso resulte.

O aparelho freudiano de linguagem cria algo novo, não uma simples e direta impressão da palavra que recebemos, como se ela estampasse diretamente e tal qual a coisa do mundo num arquivo em nossa mente. No aparelho de linguagem humano não ocorre assim porque a representação é particular em razão de que somos confrontados com um outro aparelho de linguagem e que – e isso é o mais importante – nos transmite uma linguagem comprometida por uma rede significante desejante subjetiva e inconsciente. O suporte neurológico íntegro e um aparelho fonador hígido são requisitos de base para que tudo isso ocorra, mas não são o suficiente para que haja linguagem.

É em razão de tudo isso que colocar uma palavra dentro da vida psíquica é fazer uma criação nova. O aparelho de linguagem não é uma lista de nomes de coisas que recebemos e arquivamos, mas um registro marcado pela história presente na passagem do sentido das coisas que são internalizadas – de modo singular e arbitrário como o são as representações para cada um – resultado das experiências pessoais com aqueles que nos transmitiram a palavra, assumindo um sentido próprio pelo modo como as inscrevemos e representamos em nós. Como cada sujeito significa e inscreve uma palavra é arbitrário e único, porque cada objeto representado em si não é uma réplica do objeto real, mas uma invenção nova. O que ingressa desde o mundo sofre uma espécie de decomposição e deixa inscrito um fragmento, não o objeto do mundo concreto. A representação de objeto proposta por Freud é uma espécie de “coisa em mim”, e essa “coisa” não é outra senão o que eu capturo dela e recomponho dentro. Por isso Freud propõe essa ideia de que a representação da palavra não é uma réplica armazenada dentro de um arquivo, mas uma invenção nova, o traço marcadamente humano da singularidade.

Com essa abordagem psicológica da teoria da representação, Freud está construindo um modelo do funcionamento mental e preparando ideias que serão os passos posteriores rumo à conceptualização do aparelho psíquico e do objeto da psicanálise: o inconsciente. O esquema psicológico da representação-palavra de Freud está apresentado na figura 1. O autor assim o define:

A representação de palavra se apresenta como complexo de representação fechado; a representação-objeto, ao contrário, se apresenta como um complexo de representação aberto. A representação de palavra não é conectada à representação de objeto por meio de todas as suas partes componentes, mas somente por meio de imagem de som. Dentre as associações de objeto, são as visuais que representam o objeto de maneira semelhante àquela pela qual a imagem de som representa a palavra (FREUD, 1891, p. 102).

Figura 1. Esquema psicológico da representação-palavra em Freud



Fonte: Freud, 1891.

Caropreso (2003) observa que na proposição freudiana a representação-objeto é um complexo associativo aberto por estar composto por uma variedade maior de elementos sensoriais e pela possibilidade de novos elementos – novas percepções acústicas, visuais, cenestésicos, táteis – se acrescentarem à representação-objeto anterior sem cessar, o mesmo não ocorrendo à representação-palavra, que se apresenta como uma representação fechada. As múltiplas associações possíveis dão o caráter de complexo associativo aberto, por isso arbitrário também. Sempre há a possibilidade de que novas percepções acrescentem novos elementos à representação-objeto, um rearranjo das informações vindas do mundo externo. Entretanto, não se passa o mesmo no que se refere à representação-palavra: uma vez que esta se constituiu não há novos elementos a serem acrescentados àquela representação. O que ocorre são as representações-palavra se associarem a outras representações-palavra, ampliando a rede dessas representações.

A palavra conquista seu significado por meio da conexão com a *representação de objeto* [*Objektvorstellung*], ao menos se limitarmos nossa consideração aos substantivos. A representação de objeto é, por sua vez, um complexo associativo composto pelas mais diversas representações visuais, acústicas, táteis, cenestésicas, etc (FREUD, 1891, p. 102-103).

Para elucidar a noção de representação-objeto Freud recorre à filosofia, mais especificamente a John Stuart Mill²⁵. De acordo com Caropreso (2003, p. 21), tanto para

²⁵ Pensador britânico que defende a doutrina associacionista. Freud apoiou-se em seu livro *Sistem of Logic* (1872), mais especificamente no capítulo III chamado *Things that are denoted by names* - Coisas que são representadas por nomes (tradução nossa). Freud havia traduzido um livro de Mill para o alemão - *An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy* (1865), revelando também a fonte da concepção

Freud quanto para Mill “a representação de objeto consistiria num complexo de impressões sensoriais e, portanto, nossa ideia de uma coisa no mundo só poderia ser uma inferência que se originaria desse agregado de impressões e da nossa capacidade de expectativa”. Refere Freud:

Concluimos a partir da Filosofia que a representação de objeto nada mais contém além dessas representações, e que a aparência de uma *coisa*, para cujas *características* concorrem aquelas impressões dos sentidos, somente se constitui na medida em que abarcamos, na soma das impressões dos sentidos que apreendemos de um objeto, a possibilidade de uma grande sequência de novas impressões na mesma cadeia associativa (J.S. Mill). A representação de objeto, portanto, não se apresenta a nós como uma representação fechada, ao passo que a representação de palavra se nos apresenta como algo fechado, apesar de ser capaz de ampliação (FREUD, 1891, p. 102-103).

Em Freud a representação-objeto é uma construção mental resultante de um complexo de associações dado pelas inscrições de elementos acústicos, visuais e cenestésicos e táteis, inicialmente num nível perceptivo. Uma representação-objeto tem sua existência dada por essa trama associativa de registros sensoriais, para somente depois formar a representação-palavra. Freud afirma que nos substantivos o significado é dado pela relação da representação-palavra com a representação-objeto. Entendemos que nos substantivos isso fica mais claro em razão de seu significado como nome concreto. A relação entre a representação-palavra e a representação-objeto é simbólica, pois é uma relação nominativa com o símbolo, com a representação-objeto interna e não com o objeto do mundo externo. A representação-palavra liga-se à representação-objeto pela sua imagem acústica. Caropreso (2001) afirma que para Freud a imagem acústica é o elemento central na organização da representação-palavra porque é a partir das imagens acústicas²⁶ que a representação-palavra vai se associar à representação-objeto e adquirir assim um significado²⁷. Que a linguagem seja acessada pela articulação com a representação-objeto que a representação-palavra realiza indica que não é

associacionista que o apóia em sua proposição da representação não ser compreendida como uma impressão, como um elemento isolado, mas algo da natureza de um processo, o processo associativo. Mill considerava que fenômenos experimentados juntos e com frequência produziriam associações inseparáveis, não podendo ser pensados separadamente, e inclusive que novas sensações poderiam vir a ser experimentadas em associação com as anteriores, resultando na representação interna de um objeto externo. A concepção das associações de objeto em Freud viriam em parte dessa concepção de objeto em Mill.

²⁶ A orelha é um orifício que não se fecha e aquilo que ouvimos é importante para nossa constituição. Entretanto como cada um significa o que ouve é singular e único.

²⁷ Seria uma antecipação da referência à calota acústica descrita bem mais tarde em *O ego e o id* (1923), seu esboço da segunda tópica do aparelho psíquico? “O ego usa um receptor acústico [*Hörkappe*]” e “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (FREUD, 1923, p. 38), ou seja, ele deriva das sensações corporais vindas principalmente da superfície do corpo.

possível entender algo se não o representamos, pois a representação-palavra só adquire significado a partir do processo interno que é sua relação com a representação-objeto²⁸.

Este é um aspecto que nos ajuda a compreender a diferença entre o funcionamento psíquico de crianças com patologias graves, onde há falhas justamente nesse processo precoce de estruturação psíquica, com dificuldades na própria estruturação construtiva do pensamento – do qual esse processo interno de composição articulada entre as representações de objeto e as representações da palavra formam a base – e da inteligência que dão lugar aos transtornos graves de aprendizagem, daqueles outros transtornos menos severos que aparecem na vida escolar envolvendo este campo da aquisição de conhecimentos. Este processo representacional interno não pode ser substituído por treinamentos de comportamento e linguagem – que ofertam palavras-próteses vindas de fora nos quais esse processo interno de composição articulada não está presente – sem que com isso se acarretem danos permanentes. Aqui o reconhecimento dos sinais que indicam o andamento adequado do desenvolvimento psíquico precoce faz reclame.

²⁸ Nas palavras do escritor Valter Hugo Mãe (2013, p. 98) “dizemos palavras para sentir que as coisas aparecem pela primeira vez”.

2 OS CONCEITOS COMPONENTES DO NÚCLEO GERMINAL FREUDIANO PARA A ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA PRECOCE PRESENTES NO PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA

Neste capítulo apresentaremos alguns conceitos-chave componentes do núcleo germinal freudiano para a estruturação psíquica precoce presentes num texto que pode ser considerado fundante da psicanálise, o *Projeto para uma Psicologia Científica*. O primeiro sub-capítulo trata do “Desamparo primordial” e o segundo do “Complexo do semelhante”, núcleos centrais deste segundo capítulo. A prematuridade, a insuficiência e a dependência com que nasce a cria humana, ou seja, seu desamparo, levam à relação primordial com o semelhante, que com sua ação específica e a função de entendimento, propicia o processo de constituição do vir a ser humano. Examinaremos um parágrafo que descreve os primeiros momentos da vida do recém-nascido e as linhas básicas da experiência precoce mãe-bebê, que como experiência de satisfação tem as consequências mais profundas para a formação psíquica infantil, do pensamento e da inteligência. Assim, mostraremos como o desamparo primordial constitui-se como essencial da condição infantil e qual o papel da figura do semelhante para introduzir o bebê humano no seio da cultura.

2.1. Desamparo primordial

O *Projeto para uma Psicologia Científica* começou a ser escrito por Freud numa viagem de trem de Berlim à Viena, no outono de 1895. Freud enviou os rascunhos manuscritos ao amigo Wilhelm Fliess, mas decidiu abandoná-los e recusou-se levar adiante a escrita e publicação do texto. Ele somente veio a público postumamente, em 1950, depois que Marie Bonaparte, ex-paciente e aluna de Freud, Princesa da Grécia e da Dinamarca, neta de Napoleão, adquiriu o manuscrito de um livreiro que, por sua vez, o havia comprado da viúva de Fliess e posto o material a salvo de destruição pela Gestapo. Por muito tempo esse texto, que consiste exatamente num rascunho, foi considerado tão somente uma curiosa e excêntrica peça histórica do período pré-psicanalítico, em razão de que os conceitos centrais da teoria psicanalítica – como os de *inconsciente*, *recalcamento*, *pulsão* – ainda não haviam sido definidos por Freud. Contudo, quando estudado profundamente, tal rascunho bem que poderia ser chamado, *a posteriori*, de “rascunho de psicanálise”, uma vez que revela vestígios inaugurais de ideias fundamentais da psicanálise, a ponto de ser hoje considerado um texto

fundante que expõe a gênese de conceitos que Freud vai desenvolver posteriormente ao desenvolver sua metapsicologia. Freud não recusou as ideias contidas nesse escrito – muitas vezes voltou a elas – mas sim a linguagem nele utilizada e, possivelmente, nunca o considerou algo mais do que um rascunho (GARCIA-ROZA, 1991, p. 69-70).

A linguagem do texto, neurológica e fisicalista, usa termos como “neurônio”, “princípio de inércia”, revelando a necessidade de tornar a psicanálise respeitada pela mentalidade dominante no campo científico do final do século XIX. Com isso, além de Freud parecer mais neurologista, revela também a influência que o neo-positivismo do círculo acadêmico de Viena exercia sobre os pesquisadores da época. Freud tratava de entender a mente humana e seus padecimentos e pretendia construir um modelo teórico para o aparelho da alma inspirado nos fundamentos altamente valorizados da ciência de seu tempo. Nesse sentido, não obteve êxito. A ideia de neurônio deve ser lida como uma metáfora da parte mais elementar da rede – quiçá ligada com a noção de representação – que compõe a estrutura do aparelho psíquico e não como a célula menor do tecido anatômico do cérebro. A relação possível entre o aspecto psíquico e o anatômico é a de que existe uma estrutura neurológica por sobre a qual vai se instalar uma estrutura psíquica, como observa Roudinesco (2016):

Num manuscrito com aproximadamente cem páginas, “Projeto para uma psicologia científica”, concebido como um tratado de psicólogos para uso de neurologistas, expôs, [...] em 1895, um plano geral de sua abordagem neuropsicológica da memória, da percepção e da consciência. Nele, descrevia os processos patológicos através dos quais tentava pôr em evidência as características dos fenômenos psicológicos considerados “normais” (ROUDINESCO, 2016, p. 72).

Com isso buscava “prover uma psicologia que seja ciência natural” (FREUD, 1987, p. 316) e se distanciar cada vez mais da compreensão corrente de restringir os fenômenos psíquicos às desordens orgânicas. Estabeleceu, nesse texto, correlações entre as estruturas cerebrais e o aparelho psíquico “tentando representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados por partículas materiais ou neurônios” (ROUDINESCO, 2016, p. 73). Quando tomou consciência de sua necessidade de ‘neurologizar’ o aparelho psíquico, Freud desistiu de tal projeto e abandonou o manuscrito. Entretanto, é nele que estão contidas as primeiras ideias sobre o desamparo, a prematuridade da criança humana e a relação prioritária com o semelhante que propicia o processo de constituição do vir a ser humano, contendo um parágrafo que descreve as linhas básicas da experiência precoce mãe-bebê.

Ainda que Freud não apresente de maneira sistemática o papel do adulto nessa estruturação, alguns trechos dão indicações que permitem ao intérprete formular ideias sobre

os temas do desamparo e da formação do complexo do semelhante, que nos interessam. Segue a citação integral deste parágrafo:

O enchimento dos neurônios nucleares em ψ terá como resultado uma propensão à descarga, uma *urgência* que é liberada pela via motora. A experiência demonstra que, aqui, a primeira via a ser seguida é a que conduz a *alteração interna* (expressão das emoções, gritos, inervação muscular). Mas como já explicamos no início, nenhuma descarga pode produzir resultado aliviante, visto que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão em ψ . Nesse caso, o estímulo só é passível de ser abolido por meio de uma intervenção que suspenda provisoriamente a descarga de Qn no interior do corpo; e uma intervenção dessa ordem requer a alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), que, como *ação específica*, só pode ser promovida de determinadas maneiras. O organismo humano, é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária do entendimento (*comunicação*), e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os motivos morais. (FREUD, 1895, p. 336)

A primeira frase desse trecho, “enchimento dos neurônios nucleares em ψ ” (FREUD, 1895, p. 336) diz respeito ao fato de que, no início da vida, o frágil equilíbrio do organismo do bebê é dominado por um precário princípio de homeostase, que ele compara ao princípio da física de inércia. Isso equivale a afirmar que “os neurônios tendem a se livrar da Q” (FREUD, 1895, p. 316) – leia-se quantidade – em uma tendência a evacuar completamente qualquer nível de tensão derramando fora a totalidade das quantidades de estímulo que recebe. Esse é o modelo do arco-reflexo: esse ato se resume a que tudo aquilo que ingressa como estímulo perceptivo por um lado, tende a ser descarregado num ato motor por outro, não deixando tensão nenhuma. Não existe interioridade possível no modelo do arco reflexo, uma vez que o organismo não se modifica em sua estrutura pelo ingresso de um estímulo. Permanece exatamente igual a antes, na medida em que descarrega inteiramente tudo o que nele ingressou. Se essa passagem não deixa resto interno, não há registro da experiência e não há interioridade. O organismo ficaria vazio. Freud, porém, adverte que isso não é possível, porque uma tensão de necessidade, como a fome por exemplo, representa uma quebra desse estado, produzindo o afã de descarga motora. Um organismo assim não poderia ultrapassar um estado absolutamente primitivo, “vivendo” aos pulos entre um pulso de tensão e inércia completa sem jamais se modificar e nem modificar este estado de coisas. Não seria possível haver vida psíquica ao se manter essa condição primeira, uma vez que não se opera registro de experiência. Aprender também não seria possível sob tais condições.

A citação seguinte é que “a primeira via a ser seguida é a que conduz a *alteração interna*” (FREUD, 1895, p. 336). Por alteração interna se entende que algo se opera dentro do organismo, uma espécie de espasmo dirigido para a descarga motora: o bebê se inquieta, chora, esperneia. O aumento de tensão leva a essa alteração interna na forma de agitação, berros. Entretanto essa descarga não produz alívio, pois o estímulo endógeno, como a fome, não cessa em razão dela. Freud propõe compreender esse estado como um desamparo primordial, um estado de des-auxílio, des-ajuda – *Hilflosigkeit*²⁹. Este conceito aponta para o estado de desamparo como parte da condição humana em Freud, e sua alastrada presença no tempo originário do ser humano é um dos conceitos-chave que este texto contém. Devido à sua imaturidade e insuficiência, o pequeno ser é incapaz de cumprir sozinho a tarefa necessária para fazer cessar a tensão interna e o desconforto que a acompanha. Ficaria entregue a ele se dependesse apenas de si mesmo. O recém-nascido traz consigo uma pauta de comportamentos automáticos, um conjunto de reflexos básicos, que é insuficiente para suprir essa necessidade e encarregar-se de si mesmo. Seu equipamento biológico é insuficiente, e o máximo que conseguiria sozinho seria chorar de fome por horas e horas sem que essa alteração interna em nada resolvesse: “nenhuma descarga pode produzir resultado aliviante, visto que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão em ψ ” (FREUD, 1895, p.336).

2.2. Complexo do semelhante

Essa tensão só poderá ser suspensa por meio de uma alteração no mundo externo, ou seja, da assistência alheia. Sem o auxílio de uma pessoa experiente disposta a suprir o que o bebê necessita para viver, ele morreria. Algo de fora deve vir para cancelar o fluxo constante de tensão produzido pelo estímulo endógeno incessante que incrementa a tensão interna. Essa ação, que atende aquilo que o pequeno precisa e que Freud chamou ação específica, só pode ser efetuada pelo semelhante humano, o *Nebenmensch*³⁰. Freud (1895) introduz assim o segundo e o terceiro conceitos do conjunto de conceitos-chave contidos nessa passagem do

²⁹ Sobre a tradução de *Hilflosigkeit* do alemão para o português: *Hilf* vem de *Hilfe* (substantivo: ajuda) ou de *Hilfen* (verbo: ajudar). *Hilflos* é um adjetivo, que significa desamparado, ou impotente. O *Hilflosigkeit* é a forma substantivada desse adjetivo (o 'keit' no final é o sinal da substantivação), então pode ser traduzido como 'desamparo' ou 'impotência', vai depender do contexto da frase, pois pode ser 'desamparo', se for em relação a impossibilidade de receber ajuda externa, 'impotência', se for em relação a sua própria impossibilidade de ajudar.

³⁰ *Neben* significa vizinho, próximo, ao lado. Enquanto *Mensch* é homem no sentido de humano. O outro que está ao lado. O próximo que está ao lado e socorre ou o próximo assegurador.

texto, aqueles que tratam da ajuda alheia ou estrangeira, e a ação específica, fornecida pela atenção de uma pessoa experiente, o semelhante, atenta ao desamparo original da criança. Este semelhante intervém desde o início da vida e executa ações específicas, como o fornecimento de alimento que faz cessar a tensão endógena da fome, por exemplo.

Embora Freud não o defina precisamente, consideramos que a categoria de semelhante representa a mãe ou sua substituta, ou, mais precisamente, ao que hoje corresponde à dimensão de função materna. A alteração interna, ou seja, o choro ou a agitação motora, termina por comover e convocar o cuidador, produzindo nele efeitos significativos. Entre parênteses, quando refere a ajuda alheia e a ação específica, Freud escreve, detalhando, que é o *fornecimento de víveres e aproximação do objeto sexual* que ali acontece. Esse trecho é de uma sutileza impressionante: ele marca que a experiência de cuidado humano está desdobrada nesses dois fatores: satisfação da necessidade e prazer. Então a função materna de quem se aproxima do pequeno reúne essas duas questões. A dimensão de “objeto sexual” significa que a mãe se comove com a insuficiência de seu bebê, vive em si a dor e desamparo dele, dirigindo-se ao bebê com o desejo de que ele viva, de “deixa-me te alimentar”. Desse modo o semelhante despeja-se o tempo todo sobre o bebê. O adulto cuidador é outro ser humano que derrama sobre ele seu universo libidinal produzindo efeitos que transformam esse organismo básico original num organismo complexo.

Quando o recém-nascido grita, se agita e chora, ele acusa, a seu modo, sem que tenha um saber específico a respeito, a intensa carga de tensão interna que sobre ele se abate. Ele grita porque sente um terrível desconforto com coisas com as quais se debate sem nada delas conhecer: fome, sede, frio. Contudo, justo em razão de todo esse des-saber, ainda não existe aqui uma comunicação. Não se pode considerar que haja chamado, uma mensagem dirigida a outro porque ainda não há sujeito com intencionalidade – ainda não há conhecimento do que existe em si mesmo e nem reconhecimento de que existe o outro – mas apenas uma descarga motora aleatória e desorganizada de um organismo primário que tenta se aliviar da tensão. A única coisa que o bebê consegue fazer é gritar e se inquietar. O adulto, porque é experiente, ou seja, tem um aparelho psíquico constituído, é quem traduz naquela errática agitação um caráter de mensagem de um sujeito em apuros. O adulto vê – tornando-se o receptor de uma mensagem ainda sem emissor – um comunicado do bebê em seu gesto agoniado de descarga, atribuindo-lhe, assim, um pensamento e uma intencionalidade que ele ainda não possui.

É o adulto que reconhece e significa esse choro como apelo, como pedido de ajuda, inscrevendo o bebê no mundo da linguagem. Essa *pessoa experiente*, como nomina Freud,

considera o choro como se fosse a ele endereçado e se coloca em relação a esse apelo na posição de responsabilidade, assumindo exercer uma ação específica. De modo que esse agente externo não é um outro qualquer, mas o *Nebenmensch*, o humano próximo e experiente que se coloca numa posição bastante sensível e prestativa para o bebê, dando aquilo que ele precisa, satisfazendo sua necessidade e, mais importante ainda, tendo nesse gesto um registro de prazer. Essa é a dimensão sutil que Freud propõe no entre parênteses: não é só um ato de dar comida, mas uma experiência prazerosa de satisfação. Aqui está o que poderíamos chamar de sentido freudiano do laço amoroso, a fala amorosa da mãe, o toque carinhoso, o olhar encantado, todos estes aspectos compoem o cimento erótico fundamental do primeiro laço humano. Esse complexo conjunto de gestos fundantes arrancam o bebê da caverna biológica em que ele nasceu; a prosseguir nela, essa pequena criatura pequena teria o destino de bicho e, como qualquer bicho, seguiria os ciclos biológicos instintivos e fechados dos animais³¹. Entretanto, quando o semelhante entra nesse jogo, já não é mais assim. De modo que não pode prescindir da mãe ou de sua substituta que, com seus sistemas de representações, sua rede significativa, suas expectativas, seus desejos e sua linguagem, produz o conjunto que Freud designa como a *aproximação do objeto sexual*.

A assimetria não se dá somente no plano da relação real dos corpos, que põe o bebê em dependência radical e em condição de passividade com a mãe, mas na disparidade de saberes. A mãe, porque tem um Eu constituído, sabe o que o bebê precisa e o que convém; o bebê, que nada disso sabe, apenas grita. Para que a mãe interprete qual ação específica deve realizar para aliviar a tensão e satisfazer o bebê, atendendo seu estado de desamparo, é necessário que ela se veja afetada³², que se comova pelo que acomete o corpo do bebê³³ e, a partir disso, tenha desejo e prazer de atendê-lo (JERUSALINSKY, 2014, p. 25). A mãe fica

³¹ Sugere-se ler sobre a história de Victor de Aveyron, uma estranha criatura encontrada em 1799 nos bosques próximos ao povoado de Saint-Serin, no sul da França. O cineasta francês François Truffaut rodou o filme *O Garoto Selvagem* baseando-se nos relatos de Jean Marc Gaspard Itard, educador francês que o adotou. Apesar de andar em posição ereta, se assemelhava mais a um animal do que a um ser humano, porém, imediatamente foi identificado como um menino de uns onze ou doze anos. Unicamente emitia estridentes e incompreensíveis grunhidos e parecia carecer do sentido de higiene pessoal, fazia suas necessidades onde e quando lhe apetecia.

³² Remeter à definição de identificação transativista em Jean Bergès e Gabriel Balbo (1998) *Jogos de posições da mãe e da criança*.

³³ “A mãe implica sua economia de gozo naquilo que é padecido pelo bebê, afetando-se em seu corpo pelo que afeta o corpo do bebê e evocando a sua representação desse afeto. Na medida em que o bebê, a partir da identificação transativista, fizer sua essa representação ‘emprestada’ pela mãe, aquilo que o afetou ganhará o valor de uma experiência representada (...) Encontramos aqui a radicalidade com que a não correspondência entre corpo e sujeito comparece na primeira infância. É preciso que o funcionamento corporal do bebê afete a economia de gozo materno para que, a partir de tal percurso pulsional no laço com a mãe, o bebê possa ter acesso a uma representação do que o acomete em seu organismo e, ao deter tal saber, possa constituir esse corpo como o seu” (JERUSALINSKY, 2014, p. 26).

afetada pelo que está afetando o bebê³⁴, se aproxima, faz narrativas, representa o que lhe passa, faz ofertas que chamam prazer: “hummm, está tão gostoso esse mamã”. Não se trata de um exercício abnegado, mas de desejo, de uma função exercida com prazer. O bebê se identifica com essas representações e essas identificações propiciam as primeiras inscrições constituintes no seu psiquismo (JERUSALINSKY, 2014, p. 27). Esse é a condição psíquica que, no semelhante, é condizente com o que Freud chama *aproximação do objeto sexual*³⁵.

Freud observa que esse singular conjunto da interação entre o cuidador e o bebê assume a função secundária, mas não menos importante, do entendimento. O uso da expressão entendimento em lugar de comunicação, presente em algumas traduções de Freud para o português, confere uma diferença fundamental entre o caráter pragmático da comunicação, como ato adaptativo instrumental, e o esforço de entendimento, trabalho de simbolização realizado tão somente pelo adulto nesse tempo. O pensamento primeiramente está no outro humano, no próximo assegurador, marcando desde a origem a assimetria e a prioridade do outro no centro do processo de estruturação psíquica. Somente a partir disso, mais tarde e secundariamente, é que o choro vai se constituir como comunicação, porque nos primórdios essa agitação do bebê não passa de um ato de pura descarga – falida, aliás – da tensão interna gerada pela quebra da homeostase. O choro se torna comunicação na mente do adulto experiente que o traduziu como uma mensagem a ele endereçada, como se fosse uma

³⁴ Para ampliar esse tema ver o trabalho de Winnicott (1956) *A preocupação materna primária*, função materna narcisizante de encarregar-se do “desejo de vida”, de investir no vínculo com o filho. O estado de dependência absoluta e grande fragilidade em que está o bebê exige um intenso investimento libidinal materno nesses primeiros tempos. Se não houver um ambiente que dê suporte afetivo e operativo à mãe em estado de fragilidade emocional, pela perda inclusive de sua autonomia e identidade, ela terá dificuldades de entrar no estado de “preocupação materna primária” que lhe permite identificar-se com o bebê, ocupar-se dele e oferecer as condições que asseguram a continuidade de “ser” dele. A mãe fica vulnerável pelo próprio desamparo e dependência revividos, pois muitas vezes é tomada por esse sentimento de desamparo comparável ao desamparo inicial do bebê. Justamente por isso consegue colocar-se na pele do bebê e atendê-lo, porém ela também precisa ser atendida para desenvolver a confiança em si própria.

³⁵ Bleichmar (2000) refere que os cuidados exercidos na perspectiva de manter a criança com vida e ajudá-la a crescer são determinados por constelações amorosas que denomina de *Narcisismo transvasante*, daquilo que se é capaz de destinar a outro ser: “El ser humano es el único loco que pudiendo vivir sin engendrar de modo determinado por el instinto, busca otro ser humano del cual ocuparse, al cual volcar su amor. [...] El amor de objeto es efecto de la posibilidad de un transvasamiento narcisista, en el cual el amor de los padres inviste al sujeto, no queda en ellos mismos” (BLEICHMAR, 2000, p. 68). Referimo-nos ao apaixonamento, ao desejo de dar, de “deixa-me te alimentar”, “de que o bebê viva!”, pois o desamparo do bebê reativa na mãe as marcas mnêmicas das experiências de satisfação, da sexualidade infantil recalçada originariamente no inconsciente dela, de suas experiências primitivas de prazer com seus objetos primordiais. A partir disso a mãe vai ter prazer de atender o seu bebê: “Es impensable un amor que no implique cierta dosis de narcisismo, en razón de que aquello que podemos amar guarda, de uno o otro modo, restos de nosotros mismos, o nos permite recuperar aspectos amorosos originariamente que constituyen ya una parte de nosotros mismos” (BLEICHMAR, 2000, p. 68).

narrativa do estado de apuro vivido pelo bebê, logo vocalizada com musicalidade na enunciação simbolizante da voz materna: “ora, ora, tu estás me chamando meu bebê, tu estás com fome, quer a mamãe...”. Ao dizer isso ela está atribuindo pensamento a essa criança. Como é o adulto que atribui o sentido de que o bebê sofre de fome, é na mente da mãe o primeiro lugar onde essa representação existe e esse sofrimento é sentido. O choro do bebê incomoda e comove a mãe e lhe convoca a atender. Somente depois de ter ganho existência na mente da mãe é que esse sofrimento, passando por um estado transitivo, chegará futuramente a ser sentido pelo bebê. Nesse trânsito de um estado psíquico que se gera na mente da mãe para depois chegar ao bebê, é a própria mente do bebê que se gesta. Freud se refere a esse processo quando fala da possibilidade do entendimento: o cuidado se faz a partir de entender e atender isso, e se realiza num investimento e num movimento de esforço de alcançar o bebê. A reação do cuidador não pode ser opaca. O adulto na figura de cuidador tem um papel ativo. Fazer do grito do bebê um apelo para lhe alimentar, abrigar, medicar ou consolar, fazer seu esse grito e mover-se por ele. Portanto as primeiras interpretações vêm da mãe ou de sua substituta, sendo decisivas pelo fato de serem narrativas que o bebê ainda não tem, dando sentido ao que lhe passa.

É assim que o próximo assegurador (*Nebenmensch*) vai afastando a cria do campo da mera necessidade biológica e o instaura no campo da linguagem e da intersubjetividade. Esse ato – que garante a sobrevivência do bebê e que é também o ato responsável pela inclusão no mundo humano – é perpetrado pelo adulto, que mesmo tendo prerrogativa de escolher nada fazer, resolve por realizar um gesto de cuidado na direção de um ser que ainda não passa de um organismo deficitário para realizar, nesse ato mesmo, o ingresso no mundo humano. Santos Filho (2016) refere:

Nós nos humanizamos na cultura, e esse fato implica que, no início da nossa vida, alguém fez um ato de inclusão para que a nossa incompetência fosse vencida. O fato de que a humanização passa por esse aspecto faz com que a presença do semelhante fatalmente nos arranque do egoísmo, porque, um dia, minha vida foi a coisa mais importante do mundo para alguém, ainda que em mim não houvesse nenhuma competência que justificasse isso. O fato de que nós fomos alvo de um gesto de inclusão, nos obriga eticamente a pensar de modo a combater a ação exclusiva sobre as diferenças, seja qual for a diferença (SANTOS FILHO, 2016, Informação Oral).

Esse ato de cuidado que origina a humanização, significando que alguém viu no bebê atributos de sujeito e o incluiu no mundo, nos coloca frente a um compromisso moral de fazer pelo semelhante esse mesmo ato de auxílio que alguém um dia – sem que tivéssemos sequer

recursos para pedir nem atributos para ofertar e merecer – fez por nós e nos transformou em quem somos³⁶. Carregamos a marca do auxílio recebido no desamparo, que é o que sensibiliza e move a ir em auxílio do bebê; o desamparo do bebê reativa essa marca interna que carregamos. Este é o quarto conceito-chave para a estruturação psíquica precoce presente no texto: a introdução da categoria do semelhante. É dele que trata a enigmática frase de Freud: “o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os motivos morais” (FREUD, 1895, p. 336). Esse é o princípio da ética para com o semelhante do ponto de vista freudiano. O estado de desamparo em que nascemos, nossa condição humana primeira, que nos põe na condição de deficiente, depende de um gesto de inclusão de alguém para que possamos ingressar no mundo humano. Esse ato nos coloca em posição de reconhecer o semelhante e respeitá-lo.

2.3 Demais conceitos-chave componentes do núcleo germinal freudiano para a estruturação psíquica precoce

A tese seguinte de Freud (1895) é que esse laço com o outro primordial, que faz a ação específica capaz de apaziguar a tensão necessidade, promove o registro psíquico de uma experiência de satisfação:

Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno. A totalidade do evento constitui então a *experiência de satisfação*, que tem as consequências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo (FREUD, 1895, p. 336).

As quantidades internas provenientes da tensão de necessidade podem então ser reduzidas a zero. Porém, com Freud, constatamos que o objeto do mundo exterior que vem atender à necessidade da criança é apresentado como composto de um duplo estatuto. O mesmo objeto apaziguador que fornece víveres necessários é também um objeto sexual. É um objeto também instigador e inquietante, que desacomoda, que provoca. A experiência de satisfação deixa lembranças da sensação de apaziguamento, mas também deixa atrás de si o rastro da ação desejosa do semelhante que, como marcas mnésicas no incipiente psiquismo, mudarão para sempre seus modos de funcionamento.

³⁶ E que mesmo podendo fazer o que quer conosco, não o faz. Aqui está a origem e a constituição da ética para Freud (1895, p. 336): “Fonte primordial de todos os motivos morais”.

Assim, o estado de profunda desajuda do lactante produz a possibilidade de inclusão do outro humano, que vem atendê-lo com todos os seus sistemas simbólicos, seus desejos, seu prazer de cuidar, que com seus sistemas sexuais em atividade, ainda que sob recalque, inunda o bebê de um modo que subverte a ordem vital do organismo biológico. A criança que vai em busca da satisfação de necessidade encontra o seio e o desejo do outro. O nutritivo e cálido leite materno satisfaz e elimina a necessidade orgânica, mas deixa um registro psíquico desta experiência de satisfação que muda para sempre a relação do filhote humano com as tensões endógenas³⁷. A partir daí já não há mais a prevalência dos automatismos reflexos; cada passagem do semelhante deixa marcas, produz registros internos e altera o organismo para sempre, dando início aos movimentos voluntários do jogo libidinal³⁸ entre a dupla. Daquilo que acontece, algo fica dentro, pulsando, originando a vida psíquica num organismo que já não é mais uma repetição do mesmo. Nasce assim o inevitável paradoxo da humanização e do laço humano, em seu perene balanço entre apaziguamento e excitação.

Na passagem sobre a experiência de satisfação Freud descreve como estão dispostos, no jogo dos tempos iniciais, o bebê e seu cuidador, e como o real ingressa instaurando um mundo interno até então inexistente, produzindo inscrições e os primeiros traços de representação psíquica e, portanto, a gênese do psiquismo, plantando a semente daquilo que virá a ser o pensamento. A repetição dessas experiências e a constância da ação do semelhante deixam outros registros, outras marcas mnêmicas, levando a uma abertura de uma rede de representações que complexiza o aparelho psíquico. A experiência de satisfação configura o quinto conceito-chave dos tempos inaugurais do psiquismo propostos pelo autor.

Mais tarde, quando surgir uma nova tensão de necessidade, um novo desequilíbrio causado pelo assédio do estímulo endógeno, o bebê poderá reevocar as marcas mnêmicas produzidas pela experiência de satisfação e reinvestir os rastros deixados em si pelo outro cuidador para reencontrar apaziguamento – ainda que este seja temporário – frente à vivência de desprazer. Antes de chorar copiosamente, ele poderá investir essa marca e alucinar a presença do objeto, como por exemplo, chupando bico e buscando vestígios do objeto dentro de si. São os traços do objeto mãe, fragmentos de atributos que restarão como um conjunto de registros – a temperatura da pele, a melodia e o tom da voz, o cheiro, o olhar, o toque – e não

³⁷ A experiência de satisfação deixa marcas para além da necessidade, e Lacan acrescenta a voz (pulsão invocante e a prosódia particular da voz materna) e o olhar (pulsão escópica) junto às trocas alimentares (pulsão oral). Ver em Lacan o Seminário 11 (1973), sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

³⁸ A libido é definida por Freud (1905) como a energia da pulsão sexual, do desejo, compreendendo a sexualidade no sentido amplo freudiano, do prazer e satisfação, não a genitalidade.

propriamente o objeto completo mãe³⁹. Esse é o primeiro broto de pensamento humano, germe de vida psíquica. Freud denomina de alucinação primitiva esse processo, acrescentando aqui o sexto conceito-chave para a estruturação psíquica:

Assim, como resultado da experiência de satisfação, há uma facilitação entre duas imagens mnêmicas e os neurônios nucleares que ficam investidos em estado de urgência. Junto com a descarga da satisfação, não resta dúvida de que a *Qn* se esvai também das imagens mnêmicas. Ora, com o reaparecimento do estado de *urgência* ou de *desejo*, o investimento também passa para as duas lembranças, reativando-as. É provável que a imagem mnêmica do objeto será a primeira a ser afetada pela *ativação do desejo*. Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção - a saber, uma *alucinação* (FREUD, 1895, p. 337).

Uma primeira produção psíquica que abre caminho para o que será mais tarde o pensamento. O bebê poderá repetir, pela alucinação, a experiência de satisfação, reinvestindo as marcas mnêmicas que ficaram inscritas. O primeiro pensamento é uma alucinação primitiva que tem sua finalidade inteiramente dirigida ao equilíbrio – nunca alcançado – de um organismo débil, em estado de necessidade e desamparo e sem recurso de suprir-se. O gesto de satisfação das necessidades biológicas não se resume a liquidar essa tensão imediata, mas termina por configurar uma experiência de troca e prazer que deixa marcas profundas no psiquismo, registros mentais das experiências vividas que podem ser vivificadas alucinatoriamente. Esse processo modifica de forma perene o funcionamento mental: o pequeno ser humano desenvolve a capacidade de pensar em algo em ausência. Do estado de viver do instinto ao erotismo presente no vínculo, surge a vida psíquica; pelo intercâmbio humano nos humanizamos.

Graças a essa experiência de satisfação suficientemente repetida criam-se umas trilhas permanentes que Freud chama *facilitações*, caminhos percorridos e fixados pelo prazer que tornam possível a organização de um mundo de representações e, onde antes havia a simplificação do reflexo, instala-se uma crescente complexidade⁴⁰. Pela via da satisfação se fixam os caminhos de prazer repetido. É esse trilhamento que se deseja repetir alucinando (FREUD, 1895, p. 337). O conceito de traço, marca, indício ou pista (*erinnurungsrest ou erinnurungsspur*) assemelha-se à abertura de um sulco que é como uma pegada, o buraco

³⁹ O rosto do cuidador é o primeiro espelho da criança e não pode ser opaco. O precursor do espelho é o rosto da mãe como aponta Winnicott em seu artigo *O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil* (1967).

⁴⁰ Em *Mais além do princípio do prazer* (1920), Freud dirá que a mãe é a primeira membrana pára-excitações para o bebê, que filtra as intensidades que vem de fora, atenuando as quantidades que o atingem.

que fica assim que o objeto se retira, o rastro que deixa vestígio de quem passou por ali e já não mais está (JERUSALINSKY, 2014, p. 89). Esse sentido se expressa na sutileza dos versos de Antonio Machado (2008): “*Caminante son tus huellas el camino y nada más/caminante no hay camino/se hace camino al andar/al andar se hace camino/y al volver la vista atrás/se ve la senda que nunca/se ha de volver a pisar*”.

A força do desamparo faz com que o objeto se aproxime várias vezes e vá deixando marcas múltiplas, semelhantes e diferentes, de diferentes nuances da mãe e do próprio bebê, numa miríade de encontros distintos que complexificam o universo inicial do mundo psíquico. A repetição da experiência vai construindo a relação mãe-bebê.

Quando surgir uma nova tensão de necessidade, essas marcas vão ser reinvestidas e uma trilha vai ser percorrida para evocar e recordar, e assim suportar o desamparo, proporcionando um alívio. Trata-se de um pensamento que busca reequilibrar internamente as tensões e recuperar a homeostase. Podemos citar uma cena exemplar desse movimento quando um bebê chupa a mãozinha ou a chupeta com tanto gosto.

Para Freud (1895), a experiência de satisfação suficientemente repetida a cada novo estado de tensão permite reencontrar essas imagens e lembranças, revivê-las e recriá-las. Freud propõe uma solução alucinatória onde alucinar e pensar se tornam alternativas ao desamparo. Entretanto, essa alternativa logo se mostra ineficiente, pois a alucinação primitiva resolve a tensão apenas por um tempo mínimo e, sobretudo, não satisfaz a fome. Freud, ao dar-se conta disso, complementa: “Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação. Quando uma ação reflexa é introduzida em seguida a esta, a consequência inevitável é o desapontamento” (FREUD, 1895, p. 337).

O primeiro broto de pensamento humano ainda é extremamente desadaptado, uma vez que, ao invés do bebê buscar no mundo a solução para a tensão interna que reaparece, ele busca dentro de si mesmo, reacendendo a pequena centelha de memória que é a alucinação primitiva. Movimento original para o surgimento da experiência humana, essa primeira produção psíquica é um modelo de pensamento ainda muito precário, onde ainda não há sujeito, mas que pode fazê-lo nascer. A alucinação primitiva, portanto, forçosamente deverá ser abandonada por sua inoperância. Freud passa a ocupar-se então da precariedade desse modelo de sistema psíquico, que pode “cair num estado de inermidade” e de desamparo a cada vez:

Quer dizer, isto pode ocorrer em primeiro lugar quando ele, encontrando-se em *estado de desejo*, investe de novo a lembrança de um objeto e então põe em ação o processo de descarga; nesse caso, deixa de ocorrer a satisfação, porque o objeto não é *real*, mas está presente apenas como *ideia* imaginária. Para começar, *Psi* é incapaz de estabelecer essa distinção, já que só pode funcionar com base da sequência de estados análogos entre neurônios. Assim, necessita de um critério proveniente de outra parte para distinguir entre *percepção* e *ideia* (FREUD, 1895, p. 342, grifos do autor).

O bebê precisará lidar com a *prova de realidade*, aprender a identificar se o semelhante cuidador e objeto de satisfação está sendo alucinado ou está de fato presente, para somente então iniciar a descarga através do choro, chamando-o assim que identificar sua aproximação. Aprende assim a postergar a satisfação e proteger-se de experiências de intenso desprazer e desamparo. Será necessário que este aparelho mental em constituição avance na direção de desenvolver as condições que forneçam a “*indicação da realidade*” (FREUD, 1895, p. 343):

É, por conseguinte, *a inibição pelo ego que possibilita um critério de diferenciação entre a percepção e a lembrança*. A experiência biológica ensinará, então, a não iniciar a descarga antes da chegada da *indicação da realidade* e, tendo essa finalidade em vista, a não levar a catexia das lembranças desejadas além de certa quantidade (FREUD, 1895, p. 343, grifos do autor).

A tarefa seguinte do incipiente aparelho mental é discernir entre a presença ou não do objeto e a ilusão da alucinação. O bebê terá que diferenciar a indicação de realidade da lembrança, sem se deixar iludir pela alucinação que não resolve a fome. A prova de realidade permite comparar os dados perceptíveis do objeto de satisfação com os traços mnêmicos já inscritos e poderá inibir e postergar a descarga para quando houver a indicação da presença do objeto e vivenciar uma nova experiência de satisfação. Isso implica já um fiapo de espera e de renúncia. Esse funcionamento impede o desenvolvimento de um desprazer intenso. Uma cena que exemplifica o que estamos descrevendo é quando o bebê, ao identificar que a mãe chegou, cospe o bico e logo a chama pelo choro ou com resmungos.

Freud (1895) apresenta o funcionamento mental a partir dos processos psíquicos primários e secundários, sendo as condições de espera e postergação dadas pelo funcionamento dos processos psíquicos secundários: “O processo primário e o processo secundário podem definir-se em termos puramente econômicos: descarga imediata no primeiro caso, inibição, adiamento da satisfação e desvio no segundo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 293).

Freud descreve:

A catexia de desejo, levada ao ponto da alucinação, e a completa produção do desprazer, que envolve o dispêndio total da defesa, são por nós designados *processos psíquicos primários*; em contrapartida, os processos que só se tornam possíveis mediante um bom investimento do Eu, e que representam versões atenuadas dos referidos processos primários, são descritos como *processos psíquicos secundários*. Ver-se-á que a condição necessária destes últimos é a utilização correta das *indicações de realidade*, que só se torna possível quando existe inibição por parte do Eu (FREUD, 1895, p. 344, grifos do autor).

Na alucinação primitiva o bebê busca o caminho mais curto, que é o de repetir a percepção ligada à inscrição da experiência de satisfação da necessidade para reestabelecer a satisfação. Esse é o modelo do processo psíquico primário, que vigora quando ainda não há sujeito (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 293). A alucinação primitiva presta grande serviço para a economia interna, mas não transforma a realidade. Freud observa que essa ação não transforma a realidade e carece de sentido prático: “o requisito indispensável continua sendo o de que os processos *Psi* não sigam seu curso sem serem inibidos, e sim em conjunto com um Eu ativo. Com isso ficaria demonstrado o sentido eminentemente prático de toda atividade de pensamento” (FREUD, 1895, p. 349).

Este modo de pensamento primitivo é abandonado em virtude de sua impossibilidade de satisfazer a necessidade e deixar o organismo inerte para resolver suas tensões, entregue, portanto, à morte. No sub-item *Introdução do Eu*, Freud descreve que, em *Psi*, “se formou uma organização cuja presença interfere nas passagens de quantidade que, na primeira vez, ocorreram de determinada maneira, isto é, acompanhadas de satisfação ou dor. Essa organização se chama Eu” (1895, p. 340). Formar-se-á uma rede de *neurônios* investidos que facilitarão o escoamento da energia através de vias colaterais e que “atua como *uma inibição do curso da Qn*” (1895, p. 341). Freud exemplifica:

Imaginemos o ego como uma rede de neurônios investidos e bem facilitados entre si, da seguinte maneira. Suponhamos que uma *Qn* penetrasse no neurônio *a* vindo do exterior, então, se não fosse influenciada, ela passaria para o neurônio *b*; mas ela é tão influenciada pela catexia colateral *a-a* que libera apenas uma fração para *b*, e talvez nem sequer chegue de todo a *b*. Logo, se o Eu existe, ele deve inibir os processos psíquicos primários (FREUD, 1895, p. 341).

O incipiente psiquismo precisa ir além da alucinação primitiva para desenvolver funções mais complexas: constituir um Eu, desenvolver um funcionamento regido pelo

processo psíquico secundário e estabelecer um tipo de pensamento que Freud nomeia de cognitivo ou judicativo, o juízo de realidade para chegar à situação desejada.

Portanto, o aparelho mental vai tornando cada vez mais complexo seu funcionamento, promovendo como efeito a estruturação psíquica e conduzindo à organização do pensamento lógico, reflexivo, o processo secundário de pensamento. É mais inteligente encontrar soluções eficazes que operem mudando a realidade. Aqui surge a relevante questão de compreender, a partir de Freud, como esse pensamento desadaptado chegará ao ponto de ser educado para tornar-se, no futuro, uma inteligência capaz de resolver problemas da realidade.

O primeiro broto de pensamento humano que é a alucinação primitiva é pré-condição para a educação e a aprendizagem. Para avançar nessa direção se faz necessário introduzir dois conceitos novos: identidade de percepção e identidade de pensamento. Segundo Laplanche e Pontalis tratam-se de

termos usados por Freud para designar aquilo para que tendem respectivamente o processo primário e o processo secundário. O processo primário visa reencontrar uma percepção idêntica à imagem do objeto resultante da vivência de satisfação. No processo secundário a identidade procurada é a dos pensamentos entre si (LAPLANCHE; PONTALIS 1994, p. 293).

Os termos identidade de percepção e identidade de pensamento, aparecem no capítulo VII de *A Interpretação do Sonho* (1900), como veremos adiante.

Ao nascer não se é ainda um ser humano, mas uma cria biológica com potencialidade humana, que pode ter um destino humano que é dado pelas condições sociais e pelas condições de humanização específicas. É condição da humanização que não haja somente a satisfação de necessidades básicas, mas inscrições sexualizantes que darão origem à representação, à alucinação primitiva e ao pensamento, antes mesmo que este se converta na produção mais sofisticada da inteligência e do conhecimento. Sem a interferência desejante do agente humano que tem a seu encargo os cuidados iniciais da cria, as ações de preservação da vida seriam ações sem consequências para a natureza biológica na qual nos originamos. Os mecanismos automáticos de adaptação biológica amadureceriam, como ocorre em qualquer animal, mas não surgiria ali nenhuma inteligência humana. A inteligência, como conhecimento do mundo, é um processo atravessado pela criatividade, pela imaginação e pela fantasia, sendo primordial para tanto a presença do semelhante investido na posição de cuidado.

Portanto, o desamparo primordial longe de ser um componente negativo na origem de

um ser humano, desempenha e constitui-se num papel essencial para a formação da condição infantil e, em sentido mais amplo, para a formação ética do ser humano, sendo a figura do adulto cuidador prioritária para a formação psíquica infantil ao introduzir o bebê humano no seio da cultura.

3 OS PRIMEIROS MODELOS FREUDIANOS DE APARELHO PSÍQUICO

Dentro desse capítulo estudaremos dois textos clássicos que se configuram, junto ao *Projeto para uma Psicologia Científica*, nos primeiros modelos freudianos sobre a constituição do aparelho psíquico, sendo eles *Carta 52* e *Interpretação do Sonho*. Com a *Carta 52*, Freud conserva a concepção quantitativa, mas abandona a fisiologia do sistema nervoso como explicação dos fenômenos mentais e os termos neurológicos, presentes nos dois textos estudados anteriormente, para apresentar como o aparelho mental se estrutura a partir de inscrições e marcas mnêmicas permanentes das percepções e sensações das experiências de satisfação ao longo do precoce encontro humano, constituindo em seu conjunto um complexo sistema de memórias baseado em sucessivas traduções de vivências. Trata-se de um processo tradutivo complexo e contínuo de estruturação psíquica, uma travessia que exige trabalho psíquico a ser realizado pelo bebê com a ajuda das narrativas do semelhante cuidador. Mostraremos a progressiva compreensão da complexidade dessa estruturação em que representação-coisa e representação-palavra ganham conceituação de destaque, bem como o papel do adulto como mediador nesse processo de representação.

Com *Interpretação do Sonho* examinaremos como Freud resignifica e retrabalha ideias propostas na *Carta 52* – sendo esse um elo entre os dois textos – organizando cada vez mais suas concepções ao propor um esquema de aparelho mental composto por uma série de registros psíquicos que funcionam como um sistema arquivos. Dentre os textos estudados aqui nessa pesquisa, esse é o primeiro texto de cunho psicanalítico publicado por Freud. Um trajeto de como percepção e sensação vão virar representação, o início de nossa existência como sujeitos e como essa estruturação de um aparelho mental mais complexo requer a presença do semelhante. Culmina na proposição de um modelo teórico ao apresentar uma descrição sistemática do aparelho psíquico, sua estrutura interna em instâncias (Inconsciente, Pré-consciente, Consciente) e seu funcionamento, também conhecido como a primeira tópica da metapsicologia freudiana. Exporemos como Freud não postula somente uma sistematização do funcionamento mental, mas também sua complexidade com os conceitos de identidade de percepção, identidade de pensamento e prova da realidade, em que a presença do semelhante servirá de suporte para a passagem da alucinação primitiva ao pensamento inteligente e a capacidade de aprender. O dispositivo da prova da realidade figura entre as grandes instituições do Eu, processos que se desenvolvem no decorrer das experiências vividas no interior do laço humanizante com o outro, na estruturação do aparelho psíquico e o

adulto operando como mediador nos tempos de constituição do Eu na discriminação entre o mundo exterior e o mundo interior. Para tanto, traremos como complementação alguns outros conceitos presentes na obra freudiana que são esclarecedores.

3.1 Um aparelho de memórias, traduções e narrativas entre os primeiros modelos de aparelho psíquico: a *Carta 52*

Escrita por Freud em 6 de dezembro de 1896, esta carta faz parte do conjunto de documentos dirigidos ao colega Wilhelm Fliess, médico otorrinolaringologista e seu interlocutor desde o momento em que se conheceram no outono de 1887. Os dois homens construíram uma relação de trabalho e amizade, trocando uma correspondência volumosa e íntima entre 1887 e 1902. O mais importante desses documentos é o texto do *Projeto para uma Psicologia Científica* de 1895 já referido nesse estudo. Em mais de 125 cartas, Freud comunicou seus pensamentos com a máxima liberdade, apresentando relatos organizados de suas ideias em evolução, e que eram os primeiros esboços de textos publicados posteriormente. Esses documentos, cartas e rascunhos só vieram a público em 1950, na já descrita tortuosa história de sua descoberta e preservação. É claro que, por se tratar de material íntimo e privado, Freud não tinha nenhuma intenção publicá-los, e fez inclusive várias investidas para destruí-los. Deve-se ter em mente, ao estudá-los, que foram considerados por seu autor relatos inacabados de suas opiniões.

Dentre estes documentos está a Carta 52⁴¹, escrito precoce de Freud que contém ideias de como o aparelho mental se estrutura a partir de retalhos de inscrições, constituindo em seu conjunto um complexo sistema de memórias, no qual as marcas mnêmicas das experiências de satisfação vão deixando traços e registros permanentes:

Como você sabe estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. [...] Não sei dizer quantos desses registros há: três, pelo menos, provavelmente mais (FREUD, 1897, p. 254).

⁴¹ Pode-se consultar na nova edição das Cartas a Wilhem Fliess (2008) a nova numeração desta carta: Carta 112.

Para Freud as primeiras sensações, recebidas inicialmente por este aparelho, ocorrem no nível das percepções, sem que reste delas nenhum traço de sua passagem, como um organismo simples pelo qual tudo passa sem que nada fique retido: “W |*Wahrnehmungen* (percepções)| são os neurônios em que se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, nelas mesmas, não conservam nenhum traço do que aconteceu. Pois a *consciência e a memória são mutuamente exclusivas*” (FREUD, 1897, p. 254).

Nessa carta Freud procura esclarecer a diferença entre memória e percepção. Nesse primeiro tempo trata-se de percepções puras e simples, e não há delas nenhuma inscrição. É no encontro com o semelhante, que se desenvolve ao longo do tempo com constância e repetição, que uma experiência primordial de satisfação – vivida justamente com este *próximo assegurador* (Nebenmensch) – deixará traços que configurarão um registro inicial: “Wz *Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção) é o primeiro registro das percepções; é praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade” (FREUD, 1897, p. 255). As sensações perceptivas do bebê nos primeiros momentos de encontro com o semelhante cuidador – que atende com a ação específica suas urgências vitais e produz uma experiência de satisfação – são estímulos sensoriais bastante iniciais e que deixam pouco a pouco alguns indícios, signos de sua presença. Ainda que jamais sejam capazes de tornar-se conscientes para o sujeito que logo virá instalar-se ali, servem de matéria prima para a alucinação primitiva. Nos primórdios a palavra recebida é somente um som, uma sensorialidade que ingressa.

Assim, das primeiras inscrições das experiências de satisfação restam signos de percepção que são sensações corporais, e que dependerão da leitura de alguém para – ao serem conectadas com as representações de palavra, através exatamente daquele “outro aparelho de linguagem” acima referido no texto das afasias – serem inscritas e representadas a nível mental. O agente da função materna é quem estabelece conexões, pontes verbais e redes de ligação entre esses indícios perceptivos – que o bebê recebe como sensações – para que fiquem registradas e posteriormente criem uma representação. A mãe ou sua substituta nomeia o que o bebê sente no seu corpo, conversa com o bebê no encontro, canta, acolhe, embala, toca na sua pele e esse registro fica marcado na incipiente estrutura psíquica. Essas percepções e sensações corporais excitantes ficarão inscritas do encontro prazeroso com o semelhante cuidador: um cheiro, um toque, um som, um olhar, todos registros muito anteriores ao que conhecemos como memória mais adiante na vida. Essa primeira marca é o resíduo do encontro com o semelhante que se inscreve, não como objeto concreto do mundo,

mas como produto residual de uma experiência, retalhos do objeto – o “objeto sexual” que Freud refere no texto do Projeto – e dos efeitos da presença deste sobre o bebê. Estes primeiros registros de percepção da experiência formam uma inscrição originária que deixará como resíduo os signos de percepção, primeiras e arcaicas inscrições, uma marca mnêmica. A marca mnêmica é a memória em sua forma mais arcaica. Tais ideias serão aprofundadas no livro *Interpretação do sonho* (1900) escrito três anos depois e que estudaremos a seguir nesse capítulo, pautando a progressiva compreensão e sistematização do psiquismo por Freud em seus textos. Este é o elo entre a *Carta 52 e Interpretação do Sonho* e o motivo de estarem aqui no mesmo capítulo: o caminho para a apresentação desse aparelho estratificado em sistemas psíquicos, essas transcrições culminando na proposição das três instâncias da primeira tópica do aparelho mental no capítulo VII do livro dos sonhos.

Não pode haver anonimato nos cuidados iniciais⁴². O que ressoa como sensações no corpo do bebê vai se inscrever no psiquismo através da leitura feita pelo semelhante cuidador. Esse fenômeno implica que este esteja num nível de organização um passo à frente daquele, e sua presença é imprescindível para que algo da experiência seja subjetivada. O semelhante, tal como um intérprete, faz a leitura das sensações para que haja inscrição delas e consequente subjetivação. A mãe traduz as sensações em representações construindo marcas psíquicas num momento em que nosso corpo abarca nosso psiquismo e em que nosso psiquismo ainda não se destaca de nosso corpo.

A proposta de Freud é de um aparelho que se constitui por traços de memória que se depositam como indícios, signos do real vivido, com a ajuda da narração feita pelo semelhante, não acontecendo de forma igual, pronta ou completa, nem de lembranças de cenas inteiras, mas “restos do visto e ouvido”. Alguns desses signos serão concomitantes, os mesmos braços, a mesma voz e olhar, mas também serão diferentes a cada vez, porque a mãe nunca está igual nem é perfeita ou ideal, num momento está mais quieta, mais cansada e distante, agitada e angustiada, noutro mais falante, mais ou menos disponível, acomoda seu bebê de outro modo, tem um jeito suave ou precipitado de sustentar os braços, seu tom de voz, a textura da sua roupa, cheiro, toque e o próprio olhar variam. Para que o aparelho mental avance na sua constituição deve haver uma mescla de constância de experiências, mas

⁴²René Spitz (1980) psiquiatra infantil com formação psicanalítica, desenvolveu um conjunto de pesquisas em crianças abandonadas que, durante o primeiro ano de vida, permaneceram um período prolongado numa instituição hospitalar ou orfanato, privadas de cuidados maternos. Estudou as consequências e concluiu que os bebês apresentavam perturbações somáticas e psíquicas resultantes de cuidados realizados de forma anônima sem estabelecimento de laço afetivo. Designou por *Hospitalismo* o conjunto dessas perturbações e atrasos irreversíveis no desenvolvimento em todos os níveis, que levavam os bebês à depressão e apatia.

também diferença entre o já inscrito e o que ali se vai encontrar de novo. Para Freud, a representação resulta do investimento dos traços mnêmicos deixados pelas coisas. É então que se apresenta o segundo registro: “*Ub (Unbewusstsein)* [inconsciência] é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações (talvez causais). Os traços *Ub* talvez correspondam a lembranças conceituais; igualmente sem acesso à consciência” (FREUD, 1897, p. 255).

A “representação-coisa” consiste então numa primeira transcrição, primeira fixação psíquica da tradução dos signos de percepção anteriormente inscritos, e cujo destino é permanecer fixados no inconsciente. Isso significa que na medida que existem marcas inscritas pode haver relações causais entre elas e a rede de representações que vai se tornando cada vez mais complexa, formando uma representação da coisa, representação essa que é investida e fixada no tecido psíquico. A representação da mãe é o resultado de uma soma de experiências com seus signos, o cheiro, a voz, o toque, seus cuidados e palavras, na alternância entre sua presença/ausência que se reproduzem repetidas vezes, se interconectam e conformam a imago materna⁴³. Essas vivências significativas e primeiras configuram uma travessia que exige trabalho do aparelho psíquico, promovendo traduções e retraduções que necessitam ser ligadas e ressimbolizadas para que se convertam em experiência e formem, assim, uma primeira rede significante que se organiza em diversos sistemas onde as marcas mnêmicas se vão estratificando numa espacialidade psíquica.

O termo representação – *Vorstellung* –, aqui referido por Freud, é um “termo clássico em filosofia e em psicologia para designar aquilo que se representa, o que forma o conteúdo concreto de um ato de pensamento e em especial a reprodução de uma percepção anterior” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 582). Ainda para Laplanche e Pontalis (1988) a representação é definida como aquilo do objeto que se inscreve nos sistemas mnésicos, ou seja, o traço mnésico. Entretanto, já nesse texto Freud distingue dois níveis das representações: as representações de palavra e as representações de coisa, conferindo-lhes uma distinção tópica fundamental: “as representações de coisa, que caracterizam o sistema inconsciente, estão em mais imediata relação com a coisa: na alucinação primitiva, a representação de coisa seria considerada pela criança como equivalente do objeto percebido e investida na sua ausência” (LAPLANCHE; PONTALIS 1988, p. 583).

Representação de coisa e representação de palavra são termos usados por Freud em seus textos metapsicológicos, e segundo Laplanche e Pontalis (1988, p. 585) a distinção “tem

⁴³ Nas palavras do cancionero: “Detalhes tão pequenos de nós dois, são coisas muito grandes pra esquecer e a toda hora vão estar presentes, você vai ver” (CARLOS; CARLOS, 1971).

a sua origem nas pesquisas do jovem Freud sobre a afasia”. Nesse escrito, antes da aparição do termo representação de coisa, encontramos os termos associação de objeto e representação-objeto (*Objektvorstellung*), enquanto em *A Interpretação do Sonho* o termo usado é representação-coisa (*Dingvorstellung*). A ideia da representação-coisa está ligada, para os autores, à de traços mnésicos. Uma das definições mais exatas apresentadas por Freud da representação-de-coisa é que esta “consiste no investimento de cargas – se não nas imagens diretas da lembrança-de-coisa [*Sacherinnerungsbilder*] –, nos traços de lembrança que estão mais distantes e derivam dessas lembranças” (FREUD, 1915, p. 49). A representação-coisa reinveste e reativa o traço mnésico, que seria a inscrição do acontecimento, conforme elucidado no estudo da sequência de registros presentes nesta *Carta 52*.

As representações-de-palavra são propostas através de uma concepção ligada a representações verbais e à tomada de consciência. Desde o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) Freud anuncia a ideia de que a associação de uma imagem mnésica a uma imagem verbal é o que possibilita o índice de qualidade específico da consciência ou, como dissemos anteriormente a respeito do texto sobre as afasias, que só é possível entender algo se o representamos, pois a representação-palavra só adquire significado a partir do processo interno que é sua relação com a representação-objeto. Essa ideia seguirá presente em Freud e, conforme Laplanche & Pontalis, “é fundamental para compreendermos a passagem do processo primário para o processo secundário, da identidade de percepção para a identidade de pensamento” (1988, p. 585). Freud vai destacar o alcance tópico que possui a distinção entre uma representação consciente e uma outra inconsciente em seu texto *O Inconsciente* (1915):

As duas não são, como pensávamos, diferentes registros do mesmo conteúdo situados em locais psíquicos diferentes. Tampouco são diferentes estados funcionais de investimentos de carga aplicados ao mesmo local. Uma representação [*Vorstellung*] consciente abrange a representação-de-coisa [*Sachvorstellung*] acrescida da representação-de-palavra [*Wortvorstellung*] correspondente, ao passo que a representação [*Vorstellung*] inconsciente é somente a representação-de-coisa [*Sachvorstellung*] (...). Quanto ao sistema *Pcs*, este surge quando essa representação-de-coisa, ao ser vinculada às representações-de-palavra que lhe correspondem, recebe uma camada de sobreinvestimento de carga [*Überbesetzung*]. Assim, podemos supor que são os tais sobreinvestimentos de cargas [*Überbesetzungen*] o fator que leva a uma organização psíquica mais elevada e possibilita a substituição do processo primário pelo processo secundário dominante no *Pcs* (FREUD, 1915, p. 49).

Freud (1915) considera que não é possível que as representações-coisa se tornem conscientes por meio de seus próprios resíduos de percepção, mas que o pensamento se dá em sistemas psíquicos mais distantes dos resíduos originais da percepção, necessitando de um reforço de qualidade para se tornarem conscientes, o que ocorre quando se vinculam com a palavra: “tais relações, que só se tornam palpáveis por meio de palavras, são de fato a parte essencial de nossos processos de pensamento” (FREUD, 1915, p. 50).

Para Freud, o aparelho mental se constitui por retalhos de memória baseados em inscrições simultâneas, contíguas e repetidas nas experiências de satisfação com o semelhante que ocorrem no início da vida: “os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico (...) Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação” (FREUD, 1897, p. 255). Trata-se de um processo tradutivo complexo e contínuo de estruturação psíquica a partir da relação com o semelhante. Em relação ao terceiro registro, Freud refere que a “*Vb (Vorbewusstsein)* |pré-consciência| é a terceira transcrição, ligada às representações verbais e correspondendo ao nosso ego reconhecido como tal” (FREUD, 1897, p. 255).

Cada passagem de um sistema a outro produz uma nova inscrição que opera a partir dos signos que retranscreve, sendo, portanto, efeito do que a precede e base para o que a segue. O tempo de constituição do aparelho psíquico não é uma simples sequência cronológica, já que se operam profundas transformações no material psíquico a cada salto evolutivo presente nos distintos momentos estruturantes por onde transcorre essa constituição. No registro mais profundo, o do inconsciente, fixam-se representações que, organizadas entre si, possibilitam a criação de novas ligações e promovem a complexidade crescente do aparelho psíquico. Trata-se de um modelo tradutivo, onde as primeiras inscrições são representadas pelo trabalho psíquico do adulto que significa, que fala com o bebê enquanto atende suas necessidades, produzindo assim sentidos que se inscrevem e que vão ser ressignificados pouco a pouco, pelo próprio sujeito, na extensão das experiências posteriores a partir das quais vão surgir os enlaces de linguagem que levam à representações-palavra.

Contudo, nem tudo pode ser traduzido, porque a própria mãe está atravessada por falhas, por faltas e tampouco compreende tudo que o bebê precisa, e Freud (1987, p. 255, grifo do autor) descreve: “quando falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas nessa época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada região ainda vigoram os ‘*fueros*’;

estamos em presença de ‘sobrevivências’”. Em toda constituição psíquica sempre há restos não representados, aspectos de desligamento e o intraduzível que também compõe nosso psiquismo.

Para Hanns (1996, p. 397) a proposição de Freud é que a representação é o que se simboliza e se representa internamente da experiência vivida, as marcas desta experiência que ficam inscritas na mente no sentido de uma ideia, imagem, concepção ou pensamento. “Ele utiliza as expressões ‘imagem sonora’ e ‘imagem motora’, apontando para a visualização interna que se constitui pela composição e coordenação de diversas imagens (cenestésicas, visuais, auditivas, etc.)” (HANNNS, 1996, p. 400), como anunciado em *Sobre a concepção das afasias*.

A concepção freudiana da memória não é estática, mas uma função que se forma a partir de sistemas de traços que são reorganizados, reagrupados e reconfigurados a cada tanto em razão de transcrições e retranscrições que ocorrem ao longo da vida. Assim podemos ressignificar e reelaborar representações mediante distintos níveis da capacidade de simbolização. A infância é, contudo, o tempo mais aberto e permeável à novas inscrições se comparável ao resto da vida, conforme nos aponta Freud (1905, p. 163) quando afirma que “temos razões para crer que em nenhuma outra época da vida a capacidade de recepção e reprodução é maior do que justamente nos anos da infância”.

3.2 O primeiro modelo sistematizado de aparelho psíquico na *Interpretação do Sonho*

No final do século XIX, Freud dedicava boa parte de seu tempo a desbravar o território obscuro do inconsciente, contando, para tanto, com o auxílio de sonhos próprios e de seus pacientes (ROUDINESCO, 2016). Descobriu nos sonhos um caminho para a realização de desejos inconscientes; desenvolveu uma teoria sobre o funcionamento da atividade onírica, os processos psíquicos do deslocamento e da condensação, e o modo de ligação do sonho com o resto diurno. Este intenso trabalho interno culminará no livro *A Interpretação do Sonho*, publicado em 1900. Neste texto estão reunidos cento e sessenta sonhos, incluindo cinquenta sonhos próprios (ROUDINESCO, 2016). Mostrou assim que o inconsciente é um fenômeno psíquico presente na vida de qualquer um, que não apenas produzia sintomas histéricos, mas também sonhos, atos falhos, chistes, fantasias, desejos. Freud (1900, p. 489) dirá que “O sonho são atos psíquicos tão importantes quanto quaisquer

outros, sua força propulsora é, na totalidade dos casos, um desejo que busca realizar-se”. Na primeira parte do livro do sonho, seu interesse era provar que os sonhos tinham um sentido e que exibiam um sofisticado mecanismo psíquico tanto para sua formação quanto para seu esquecimento.

Freud se encontrava melhor preparado para apresentar uma descrição sistemática do aparelho psíquico, sua estrutura interna e funcionamento. O sétimo capítulo apresenta um modelo teórico para o funcionamento do inconsciente e, pela primeira vez, uma proposta dele como um sistema psíquico regido por leis que lhe são singulares. Assim, como sistemas psíquicos, as partes componentes deste aparelho mental – também conhecido como a primeira tópica – são substantivadas e recebem a correspondente denominação: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. Trata-se de uma conceituação tópica, mas não anatômica, da maquinaria que produz os sonhos. Para designar os distintos sistemas psíquicos são adotadas as siglas *Ics*, *Pcs* e *Cs*.

O esquema gráfico do aparelho exhibe, na extremidade esquerda, um polo sensorial, e na direita um polo motor, sendo o trânsito das excitações entre os dois polos mediado pelo seu transcurso no interior do aparelho. Na extremidade sensorial encontra-se o sistema perceptivo que recebe os estímulos do mundo externo e também do universo interno. Os processos psíquicos transcorrem da extremidade perceptual para a extremidade motora, marcando a posição de Freud de que “os processos reflexos continuam a ser o modelo de todas as funções psíquicas” (1900, p. 492-493). Modelo mais básico, vale lembrar, cujo simplismo pouco corresponde à complexidade crescente do processamento psíquico. Até que a excitação seja descarregada muita coisa acontece dentro deste incipiente aparelho, uma vez que a mesma realiza uma tramitação psíquica em seu interior. Freud resignifica e retrabalha, de certo modo, ideias propostas no texto *Sobre as afasias* – naquilo que diz respeito às percepções e associações – e na *Carta 52*, no que se refere a uma memória baseada em sucessivas traduções de vivências. Este árido esquema de aparelho mental, composto por uma série de registros psíquicos que funcionam como um sistema arquivos, é o modelo pelo qual se representa, nos primeiros tempos da vida de todos nós, o início da existência como sujeito psíquico.

O sistema sensorial recebe os estímulos perceptivos, mas não preserva nenhum traço deles. É um segundo sistema posterior que transforma essas sensações em traços permanentes. No seu transcurso dentro desse sistema, as percepções das experiências e sensações vividas deixarão traços mnêmicos. De uma percepção passageira resta um traço permanente inscrito,

assim que, como na *Carta 52*, também aqui percepção e memória se distinguem. As percepções que se inscrevem ligam-se a outras percepções segundo a simultaneidade de sua ocorrência. Esse fato é referido por Freud como “associação”. Freud conclui que “um exame mais detido nos indicará a necessidade de supormos a existência não de um, mas de diversos elementos *Mnem.*, nos quais uma única excitação, transmitida pelos elementos *Pcpt.*, deixa fixada uma variedade de registros diferentes” (FREUD, 1900, p. 494). Este material bruto da memória será concebido como o núcleo do inconsciente.

Quando se forma um sonho, os pensamentos – servindo-se desses registros de memória primários que formam o núcleo do inconsciente – se representam em imagens visuais e sensoriais; isso ocorre devido ao processo psíquico de regressão que entra em vigor nesse momento de acesso às lembranças mais profundamente guardadas como marcas mnêmicas das experiências. Portanto, “falamos em ‘regressão’ quando, num sonho, uma representação é retransformada na imagem sensorial de que originalmente derivou” (FREUD, 1900, p. 497). O sonho nada tem a oferecer a não ser a realização de um desejo inconsciente, de modo que, assim como a alucinação primitiva, não opera sobre a realidade, mas sobre esses registros psíquicos arcaicos, portanto nesse texto Freud compara a atividade onírica com a atividade anímica primitiva do bebê ao reinvestir as marcas mnêmicas internas alucinatoriamente para a realização de um desejo, como veremos logo adiante.

A estruturação de um aparelho mental mais complexo requer a presença do semelhante. Os conceitos de identidade de percepção, identidade de pensamento e prova da realidade dão testemunho do quão prioritária é essa presença, que servirá de suporte para a passagem da alucinação primitiva ao pensamento inteligente.

Não temos nenhuma dúvida de que esse aparelho só atingiu sua perfeição atual após um longo período de desenvolvimento. Tentamos reconduzi-lo a uma etapa anterior de sua capacidade de funcionamento. Algumas hipóteses cuja justificação deve ser buscada de outras maneiras dizem-nos que, a princípio, os esforços do aparelho tinham o sentido de mantê-lo tão livre de estímulos quanto possível; conseqüentemente, sua primeira estrutura seguia o projeto de um aparelho reflexo, de modo que qualquer excitação sensorial que incidisse nele podia ser prontamente descarregada por via motora. Mas as exigências da vida interferem nessa função simples, e é também a elas que o aparelho deve o ímpeto para seu desenvolvimento posterior (FREUD, 1900, p. 515- 516).

Se o bebê humano não tem as condições necessárias para fazer por si esse apaziguamento de tensão – tendendo a seguir o caminho da descarga segundo o modelo de funcionamento do arco-reflexo – tampouco tem um saber prévio instintivo e inato que lhe

possibilite saber qual é o objeto que pode satisfazer sua necessidade. Essas condições terão que se constituir. Nota-se que, no percurso que segue ao descrever esse processo constitutivo, Freud retoma ideias já trabalhadas no texto do *Projeto para uma psicologia científica*.

O bebê faminto grita ou dá pontapés, inerte. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente de uma necessidade interna não se deve a uma força que produza um impacto momentâneo, mas a uma força que está continuamente em ação. Só pode haver mudança quando, de uma maneira ou de outra (no caso do bebê através do auxílio externo), chega-se a uma “vivência de satisfação” que põe fim ao estímulo interno. Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica (a da nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade (FREUD, 1900, p. 516).

A vivência de prazer deixa um rastro de sua ocorrência, deposita-se no interior como marca mnêmica, o que traz consequências psíquicas e muda os modos de funcionamento do incipiente psiquismo. O que se segue tem importância crucial na obra e pensamento freudiano, uma vez que apresenta o nascimento do *desejo*, “uma vez que nada senão o desejo pode colocar nosso aparelho anímico em ação” (FREUD, 1900, p. 517).

Em decorrência do vínculo estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará reinvestir a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de *desejo* (FREUD, 1900, p. 516, grifo nosso).

O acúmulo de excitação que se reinstala é sentido como desprazer, colocando o aparelho em ação com objetivo de repetir a vivência de satisfação, recorrendo para tanto às marcas por ela deixadas, sendo a alucinação primitiva o caminho escolhido para ir em busca da percepção como realização do desejo, mostrando que o curso do funcionamento psíquico estará regulado pelas sensações de prazer e desprazer. “A vivência de satisfação constitui a origem da procura da identidade de percepção” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 293).

[...] o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para um completo investimento da percepção. Nada nos impede de presumir que tenha havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação. Logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma “identidade perceptiva” – uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade (FREUD, 1900, p. 516).

Freud propõe que, de forma análoga à alucinação primitiva, no sonho a realização alucinatória de desejo se dá por um caminho regressivo que reinveste as marcas mnêmicas internas, sendo que o termo identidade de percepção significa que a alucinação primitiva é o caminho mais curto para obter essa percepção (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994). Essa vivificação produz a mesma coisa que uma percepção, qual seja, a satisfação alucinatória primária. A identidade procurada é a da equivalência de representação entre o desejo e a marca mnêmica da vivência de satisfação. Esse é o modelo de funcionamento do processo psíquico primário, de descarga imediata sem adiamento da satisfação, um caminho desviado do trabalho com o real por uma via alucinatória e que, assim como o sonho, também se oferece como uma via indireta para a realização de desejos.

Entretanto, a alucinação primitiva só existe por conta do desejo, é ilusória e mostra-se insuficiente para resolver a tensão interna imposta pela necessidade. Esse modo de funcionar, portanto, não pode ser mantido ininterruptamente porque acarretaria um colapso no aparelho mental, que operaria num circuito fechado sobre si mesmo. Freud (1900, p. 517) conclui que “os sonhos, que realizam seus desejos pela via curta da regressão, simplesmente preservaram para nós, nesse aspecto, uma amostra do método primário de funcionamento do aparelho psíquico, método esse que foi abandonado por ser ineficaz”.

Tal ineficácia diz respeito ao fato de que as excitações terão que encontrar novos modos de ligação para que não fiquem entregues a um destino de repetição fechado sobre si próprio – a tensão de necessidade e o reinvestimento da marca – simplesmente equilibrando a tensão interna sem que nisso ingresse o trabalho com o real, o que é insuficiente para viver. Esse primeiro broto do pensamento humano é desadaptado e irá à falência em algum momento porque a tensão de necessidade se impõe sem cessar. Não há, nesse circuito fechado, a solução da tensão de necessidade, a busca pelo objeto nutrício, senão que uma reativação de memórias. Que classe de inteligência é essa? Como avançar quando o movimento fica restrito a investir uma marca interna sem buscar pelos objetos do mundo e sem conseguir nada a não ser o equilíbrio interno? A ausência de aplicabilidade na resolução de problemas da realidade imediata da vida não permite que essa inteligência seja reconhecida como tal. Embora a inteligência humana comece por esse primeiro movimento, esse broto de pensamento que é a alucinação primitiva, algo mais tem que ocorrer para que se chegue ao que conhecemos como inteligência, uma ação direcionada e adequada a um fim, capaz de conhecer e agir sobre o mundo e resolver os problemas práticos nascidos da interação com a realidade.

Esse problema foi salientando por Freud quando assinalou que tal modo de funcionamento em nada altera a realidade. Ele aponta para a necessidade de acontecer algo distinto, um salto de qualidade, para que a vida mental se desenvolva no sentido da resolução dos problemas: “a amarga experiência da vida deve ter transformado essa atividade primitiva de pensamento numa atividade secundária mais conveniente. (...) A satisfação não sobrevém e a necessidade perdura” (FREUD, 1900, p. 516). Para tanto é preciso que se desenvolva – como alternativa à identidade de percepção – a identidade de pensamento e a prova da realidade, de cujas noções Freud começa a tratar.

Para chegar a um dispêndio mais eficaz da força psíquica, é necessário deter a regressão antes que ela se torne completa, para que não vá além da imagem mnêmica e seja capaz de buscar outros caminhos que acabem levando ao estabelecimento da desejada identidade perceptiva desde o mundo exterior (FREUD, 1900, p. 516).

Doravante será necessário que o sistema se desdobre em outro tipo de funcionamento capaz de controlar o movimento voluntário, que iniba a regressão à alucinação e o desvio da excitação. Freud dá um passo a frente:

Tornou-se necessária uma segunda atividade – ou, em nossa terminologia, a atividade de um segundo sistema – que não permitisse ao investimento da marca mnêmica avançar até a percepção e desde aí ligar as forças psíquicas, mas que desviasse a excitação surgida da necessidade por uma via indireta que, em última análise, através do movimento voluntário, alterasse o mundo externo de tal maneira que se tornasse possível chegar a uma percepção real do objeto de satisfação (FREUD, 1900, p. 543).

Assim chegamos a um ponto em que se desenvolve a capacidade de aprender. Esse segundo sistema teria a função de inibir a descarga de investimentos evitando o desenvolvimento do desprazer, protegendo os processos psíquicos da regulação exclusiva pelo princípio de prazer. Em nota de rodapé acrescentada em 1919, Freud (1900, p. 516) esclarece: “noutras palavras, torna-se evidente que tem de haver um meio de testar a realidade”, para ver se a impressão que se produz na vida psíquica é real ou não, um esforço para diferenciar a alucinação primitiva da realidade, ou seja, para compreender se o objeto real que aplaca a necessidade – por exemplo a mãe – está mesmo presente ou se o bebê tão somente está alucinando, o que levaria a uma inadequação entre meios e fins.

A prova da realidade é a operação psíquica que permite distinguir a percepção real do objeto de uma recordação dele, sem se deixar iludir pela intenção direta da satisfação.

Laplanche e Pontallis (1914) a definem como o “processo postulado por Freud que permite ao indivíduo distinguir os estímulos provenientes do mundo exterior dos estímulos internos, e evitar a confusão possível entre o que o indivíduo percebe e o que não passa de representações suas, confusão que estaria na origem da alucinação” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1914, p. 490). No *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, Freud (1917) observa que o dispositivo da *prova da realidade* figura entre as grandes instituições do Eu.

Encontramos aqui as primeiras proposições freudianas sobre os dois princípios de funcionamento mental: “proponho descrever o processo psíquico admitido exclusivamente pelo primeiro sistema como processo primário, e o processo que resulta da inibição imposta pelo segundo sistema, como processo secundário” (FREUD, 1900, p. 545). O primeiro sistema corresponde ao inconsciente, sendo que seu modo de funcionamento permanece ativo por toda a vida demandando constante trabalho de contenção, inibição e transformação; o segundo sistema é o sistema do Eu, aquele que, por conta do freio inibitório e das transformações – para o qual conta respectivamente com o auxílio dos processos de recalque, juízo e sublimação – impostas ao imediatismo do prazer do sistema inconsciente adquire condições de viver no mundo, torna-se capaz de aprender. Ainda no livro *Interpretação do Sonho*, no capítulo intitulado *Os processos primário e secundário* Freud (1900) vai propor o termo identidade de pensamento para fazer o contraponto à identidade de percepção, sendo a identidade de pensamento uma modificação da identidade de percepção. A escolha dos termos é muito relevante aqui, uma vez que o contraponto ao império da percepção, dos sentidos, do hedonismo e da sensualidade imediata é o processo de pensar:

Há mais uma razão pela qual, como posso demonstrar, o segundo sistema é obrigado a corrigir o processo primário. O processo primário esforça-se por promover uma descarga de excitação, a fim de que, com a ajuda da quantidade de excitação assim acumulada, possa estabelecer uma identidade perceptiva – com a vivência de satisfação. O processo secundário, contudo, abandonou essa intenção e adotou outra em seu lugar – o estabelecimento de uma identidade de pensamento (com aquela vivência) (FREUD, 1900, p. 545).

A distinção entre os processos primário e secundário e as hipóteses sobre o funcionamento psíquico estão entre os conceitos mais fundamentais de Freud. Os processos primários são aqueles que se fazem presentes no aparelho mental no princípio de sua estruturação, ao passo que os processos secundários se desenvolvem no decorrer das experiências vividas no interior do laço humanizante. São as contingências do outro – que

forma parte deste laço e ordena a experiência inter-humana que ali se desenrola – que vem inibir e sobrepor-se aos primários, desviando e direcionando as moções de desejo vindas do inconsciente para objetivos mais elevados e dando suporte à identidade de pensamento.

Como o aparelho psíquico não possui critérios para estabelecer por si mesmo a distinção entre a representação do objeto como alucinação e sua percepção real, essa condição precisa ser construída pela ação do semelhante, revelando na obra freudiana o papel primordial deste no processo de humanização, na estruturação do aparelho psíquico e na construção subjetiva. O semelhante opera como mediador para o advento do pensamento e a constituição do Eu e, da mesma forma, para instaurar a diferença entre o que é mundo exterior do mundo interior, da discriminação Eu-não Eu. Assim se estabelece a diferença entre a realidade exterior e aquilo que é simplesmente desejado e imaginado. O surgimento do pensamento e de sua organização como condição de constituição e funcionamento da inteligência não se desenvolvem de forma autônoma a partir da contiguidade biológica, mas necessitam de pré-requisitos para acontecer.

Um aparelho regido pelo processo secundário vai inibir tal modo de descarga imediata, sendo esse o primeiro princípio para o pensar. O adiamento da descarga de satisfação exige outro caminho, uma abertura de novas vias e novas simbolizações⁴⁴, resolvendo a tensão de outro modo. A existência dos múltiplos registros psíquicos vai compor uma rede de representações, que será a rede do Eu. Assim que o Eu, por força de sua própria existência, inibirá a descarga direta⁴⁵. Uma distribuição dos investimentos antes diretamente descarregados será realizada no campo das representações, e essa distribuição produzirá uma inibição da descarga. Considerando isso, a hipótese sobre a gênese da distinção entre a percepção e a realidade será relacionada “com a constituição do ego através das diferentes modalidades da oposição do ego e do não-ego” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 492).

Se tentarmos esquematizar com Freud esta constituição (ver: Ego-prazer, Ego-realidade), podemos reconhecer-lhe três tempos: um primeiro tempo em que o acesso ao mundo real está aquém de toda a problemática; [...] Existe uma equação percepção-realidade (mundo exterior). Na origem, a existência da representação é uma garantia da realidade do representado, enquanto, interiormente, o ego só é informado pelas sensações de prazer e desprazer das variações quantitativas da energia pulsional. Num segundo tempo, chamado de ego-prazer, o par contraposto já não é entre o subjetivo e o objetivo, mas o agradável e o desagradável. [...]. O terceiro tempo, denominado ego-realidade-definitivo, seria correlativo ao

⁴⁴ As “vias colaterais” que Freud descreveu no *Projeto para uma psicologia científica* (1895).

⁴⁵ Ver *Introdução ao Eu* no *Projeto para uma psicologia científica* (1895).

aparecimento de uma distinção entre o que é simplesmente representado e o que é percebido. A prova de realidade é o que viria permitir essa distinção e, por isso mesmo, a constituição de um ego que se diferencia da realidade exterior no próprio movimento que o institui como realidade interna (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 493).

Freud (1911) utiliza os termos Eu-prazer (*Lust-Ich*) e Eu-realidade (*Real-Ich*) fazendo referência à relação do indivíduo com o mundo exterior e com a realidade, propondo que o desejo e as satisfações pulsionais que funcionam segundo o princípio do prazer, progressivamente terão de se submeter ao princípio da realidade. “Ego-prazer e ego-realidade não são duas formas radicalmente diferentes do ego, antes definem dois modos de funcionamento das pulsões do ego, segundo o princípio de prazer e segundo o princípio de realidade” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 192). Ao abordar a relação com a realidade, é em *Pulsão e seus destinos* (1915) que Freud considera, segundo os autores, “não a articulação de um princípio com o outro nem a evolução das pulsões do ego, mas a gênese da oposição sujeito (ego) – objeto (mundo exterior)” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 192), na constituição do eu.

Seguindo Freud no estudo dessa gênese da oposição sujeito – mundo exterior, encontramos sua proposição dos três tempos estruturantes e constitutivos do Eu, e vemos que o primeiro tempo é aquele em que o “Eu-sujeito coincide com tudo que é prazeroso e o mundo externo, com tudo que é indiferente” (FREUD, 1915, p. 158). Considerado como o *Eu-realidade inicial*, esse psiquismo arcaico tem seu funcionamento inteiramente baseado numa equação que faz equivaler percepção e realidade. Opera através do reinvestimento dos traços mnésicos encontrando, por desvio, a satisfação da necessidade na reprodução alucinatória das percepções da vivência de satisfação. Essa é a única realidade conhecida nesse tempo inicial, por isso *Eu-realidade*, sendo o mundo externo algo inteiramente fora de questão e indiferente. Nessa primeira etapa o sujeito está definido em conformidade com o modelo da satisfação alucinatória do desejo no lactente, sem distinção, portanto, entre a alucinação e a percepção real do objeto. É nesse sentido que Laplanche e Pontallis (1994, p. 493) referem existir “uma equação percepção-realidade (mundo exterior). Na origem, a existência da representação é uma garantia da realidade do representado, enquanto, interiormente, o ego só é informado pelas sensações de prazer e desprazer das variações quantitativas da energia pulsional”. O que importa não é o mundo exterior, mas as satisfações pulsionais pela via alucinatória e as sensações internas reguladas pelo prazer e desprazer.

No segundo tempo o Eu coincide com tudo que é agradável e o mundo exterior – aquilo que não é Eu – com todo o desagradável. Neste momento, diferentemente do primeiro tempo, o mundo exterior entra em consideração. Este tempo é chamado de *Eu-prazer*, nele prevalecendo o

Eu-prazer-purificado, que coloca a característica de prazer acima de qualquer outra. O mundo externo é decomposto agora em uma parcela prazerosa, que ele incorpora em si, e em um resto, que lhe parece estranho [*fremd*]. De seu próprio Eu ele extraiu uma parte que expeliu para o mundo externo e que passa a sentir como hostil (FREUD, 1915, p. 159).

Para o Eu, o que é mau ou estranho e o que se encontra fora, são idênticos.

O terceiro tempo, denominado *Eu-realidade-definitivo*, consiste na condição de diferenciar entre o que é simplesmente representado daquilo que é percebido, instituindo a diferença e a discriminação entre o mundo exterior e o mundo interior. “O *eu-realidade-definitivo* corresponderia a um terceiro momento, aquele em que o sujeito procura reencontrar no exterior um objeto real correspondente à representação do objeto primitivamente satisfatório e perdido: reside aí o fator propulsor da prova da realidade” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 193). O sinal de realidade vai auxiliar na construção de outros modos de funcionamento interno do aparelho psíquico, regidos agora pelo processo secundário, pela inibição e postergação da descarga baseados na identidade de pensamento, e que irão inibir o processo primário a partir de renúncias pulsionais. Em *A Negação* (1925) Freud descreve o juízo de existência – que afirma ou nega que uma representação encontre a sua correspondência na realidade – como decorrente das operações a partir da prova de realidade.

Se num primeiro momento o funcionamento psíquico é de repetição num circuito fechado necessidade/alucinação primitiva/realização alucinatória do desejo, a diferença vai ser dada pela mediação do cuidador, que ajuda a construir uma inibição da descarrega direta apresentando-se como um outro, o semelhante. Quem proporciona essa inibição é a mãe ou sua substituta, uma vez que é aquela que atende, mas também frustra, ajudando a sustentar as renúncias que o bebê, sozinho, não consegue. O aparelho psíquico se estrutura através da renúncia pulsional e pela frustração das satisfações diretas e imediatas, tendo essas renúncias o efeito de um processo de reconhecimento do que é não-Eu, do outro como não próprio, como um primeiro não-meio, reconhecendo a presença real do semelhante. Este, com sua mediação e presença auxilia a construir a discriminação entre percepção e realidade.

No primeiro tempo da vida existe um estado inicial de indiferença ao mundo, o que leva Freud (1915) a concluir que a indiferença é precursora do ódio. O outro e o mundo não existem, até que apresentem a frustração. A marca da separação Eu/não-Eu se instaura também pela frustração que o objeto institui ao não satisfazer todos os desejos do bebê. A partir disso, prazer e desprazer passam a reger também as relações do Eu com o mundo externo e com os objetos. Se o objeto for fonte de sensações prazerosas, tenderá a ser amado. Inversamente, se o objeto for fonte de desprazer, haverá uma tendência a repulsa e ao ódio contra ele⁴⁶ (FREUD, 1915, p. 159).

A constituição da diferença entre o Eu e o não-Eu permite estruturar as capacidades de tolerância, a consideração e o reconhecimento do semelhante e de suas contingências próprias. Essas contingências não são somente ensinadas, mas precisam antes ser estruturadas na relação intersubjetiva para – a partir da relação com o outro na figura do cuidador e em posição de alteridade – instalarem-se intra-subjetivamente preparando o exercício da cidadania. Nesse sentido a mediação do adulto na posição de cuidador mais próximo, seja ele a mãe, o pai ou substituto, é central para a formação do psiquismo infantil, uma vez que este se apresenta como um outro em separado, possuidor de necessidades singulares, próprias e distintas a ser reconhecido e respeitado como tal. Essa atitude marca a posição de diferença e alteridade entre o adulto e o *infans*, posição que é estruturante para a constituição humana, que tem consequências futuras do ponto de vista da formação ética do sujeito e de sua vivência cidadã no espaço público. Isso exige sinalizar, também, para os limites da concepção freudiana de infância, neste período de sua elaboração intelectual.

⁴⁶ Freud propôs nesse mesmo texto de 1915 que o amor e o ódio não são opostos, mas sim que é a indiferença que se opõe ao par amor/ódio.

4 A CONDIÇÃO INFANTIL EM FREUD E A FORMAÇÃO DO EU

O quarto capítulo contém formulações sobre um tempo posterior de produções da pequena criança por si mesma, marcando a presença agora internalizada do outro em si e da formação do Eu, do narcisismo como representação de si mesmo. Assim, no primeiro sub-capítulo analisaremos em *Além do princípio do prazer*, a partir do jogo do carretel conhecido em psicanálise como o *Fort-Da*, os tempos iniciais da estruturação do 'Eu'. Salienta-se que através do papel da mediação da mãe, a própria criança ao brincar com o carretel, constrói de maneira ainda muito rudimentar seu próprio psiquismo. Abordaremos a função do brincar na infância como elaborativa das experiências agradáveis e desagradáveis, as renúncias pulsionais implicadas nesse processo e os efeitos de estruturação psíquica presentes nesse jogo do binômio presença-ausência, separação-reencontro na relação com o adulto significativo. Mostraremos como a criança produz um jogo simbólico fruto de um intenso trabalho psíquico no laço afetivo com o adulto que será a própria constituição de seu 'Eu', considerando o *Fort-Da* o marco inicial do brincar simbólico do faz de conta. Esses jogos ajudam a lidar e elaborar as angústias mais arcaicas, tendo função estruturante do psiquismo precoce e efeitos de subjetivação.

No segundo sub-capítulo deste quarto capítulo, ao seguirmos a ideia da constituição do psiquismo humano passando por tempos estruturantes e tendo como base o texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, apresentaremos os tempos desde o autoerotismo, onde a imagem de si ainda é fragmentada e a satisfação da libido em si mesmo, até a concepção do narcisismo como uma etapa da evolução psíquica fundamental e necessária para a estruturação de um Eu enquanto imagem unificada do corpo, representação de si mesmo e uma concepção de que originalmente o Eu é investido de libido para somente depois haver o investimento na relação com os outros.

Apresentaremos a concepção do Eu como imagem e sentimento de si a partir da introdução do semelhante na origem e na sustentação inicial do narcisismo no bebê, numa proposição freudiana em que não existe, no começo da vida, uma unidade comparável ao Eu, mas que ela resulta de um processo de evolução psíquica que se dá na mais estrita dependência presença e investimento do cuidador, ou seja, na intersubjetividade. Essa complexa economia do amor próprio nasce e se sustenta a partir da relação com o outro, vem do narcisismo dos pais reeditado e investido nos filhos. Partilharemos da ideia de que uma criança não existe sozinha, que é incapaz de criar ou sustentar por si própria sua vida e, da

mesma forma, seu narcisismo, o amor por si mesma e a imagem que tem de si. Examinaremos que será também pela presença e intervenção do semelhante que ocorrerão operações psíquicas de saída do narcisismo, de instituição da castração simbólica, das renúncias pulsionais, dos interditos necessários para a formação humana, dos ideais e a conseqüente formação ética.

4.1 *Além do princípio do prazer: o semelhante humano no jogo do carretel e o nascimento do Eu.*

Em março de 1919 Freud começa a trabalhar na escrita de *Além do Princípio de Prazer*, publicado em 1920. A razão de eleger esse texto para o presente estudo, e de posicioná-lo antes de outros que foram escritos mais cedo⁴⁷, deve-se ao seu conteúdo. O processo nele descrito está mais próximo das concepções sobre a constituição do sujeito e dos tempos iniciais da estruturação do ‘Eu’.

No capítulo dois, entre outros temas, Freud propõe-se examinar o “método de funcionamento empregado pelo aparelho mental em uma de suas primeiras atividades normais” (FREUD, 1920, p. 25), apresentando a compulsão à repetição como um fenômeno presente no comportamento e nas brincadeiras das crianças, nos jogos que repetem infinitas vezes. Freud traz para o primeiro plano o motivo *econômico* que leva uma criança a brincar, ou seja, a consideração pela produção de prazer envolvido. Relata sua observação, em razão da oportunidade que teve de conviver por algumas semanas com seu neto Ernst, de uma cena criada e realizada repetidas vezes pela criança, então com um ano e meio de idade. Esse ato, que Freud narra como se fosse um jogo, ficou conhecido como o *Fort-Da*, ou o “jogo do carretel”. Seu advento marca o início do brincar simbólico, sendo até hoje uma referência para a psicanálise quando se trata das brincadeiras constitutivas na infância. Nesse texto, o avô atento e perspicaz tenta decifrar o significado da “enigmática atividade que ele constantemente repetia” (FREUD, 1920, p. 25). Eis o trecho em que descreve o jogo em sua íntegra:

⁴⁷ Estamos nos referindo a *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914) que estudaremos a seguir.

A criança de modo algum era precoce em seu desenvolvimento intelectual. À idade de ano e meio podia dizer apenas algumas palavras compreensíveis e utilizava também uma série de sons que expressavam um significado inteligível para aqueles que a rodeavam. Achava-se, contudo, em bons termos com os pais e sua única empregada, e tributos eram-lhe prestados por ser um ‘bom menino’. Não incomodava os pais à noite, obedecia conscientemente às ordens de não tocar em certas coisas, ou de não entrar em determinados cômodos e, acima de tudo, nunca chorava quando sua mãe o deixava por algumas horas. Ao mesmo tempo, era bastante ligado à mãe, que tinha não apenas de alimentá-lo, como também cuidava dele sem qualquer ajuda externa. Esse bom menininho, contudo, tinha o hábito ocasional e perturbador de apanhar quaisquer objetos que pudesse agarrar e atirá-los longe para um canto, sob a cama, de maneira que procurar seus brinquedos e apanhá-los, quase sempre dava bom trabalho. Enquanto procedia assim, emitia um longo e arrastado ‘o-o-o-ó’, acompanhado por expressão de interesse e satisfação. Sua mãe e o autor do presente relato concordaram em achar que isso não constituía uma simples interjeição, mas representava a palavra alemã ‘fort’. Acabei por compreender que se tratava de um jogo e que o único uso que o menino fazia de seus brinquedos, era brincar de ‘ir embora’ com eles. Certo dia fiz uma observação que confirmou meu ponto de vista. O menino tinha um carretel de madeira com um pedaço de cordão amarrado em volta dele. Nunca lhe ocorrera puxá-lo pelo chão atrás de si, por exemplo, e brincar com o carretel como se fosse um carro. O que ele fazia, era segurar o carretel pelo cordão e com muita perícia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas, ao mesmo tempo que o menino proferia seu expressivo ‘o-o-o-ó’. Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava seu reaparecimento com um alegre ‘da’ (‘ali’). Essa, então, era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Via de regra, assistia-se apenas a seu primeiro ato, que era incansavelmente repetido como um jogo em si mesmo, embora não haja dúvida de que o prazer maior se ligava ao segundo ato (FREUD, 1920, p. 25-27).

O menino, conforme Freud, não parecia ser uma criança precoce nas aquisições do desenvolvimento, nem tampouco exibir qualquer transtorno psíquico. Embora não possuísse ainda uma fala estruturada, podia se comunicar com sons, gestos, valendo-se de palavras únicas, como “palavras-frases”, para representar seus afetos, linguagem que se mostrava inteligível aos familiares. Tinha bom vínculo com os pais e, embora fosse bastante ligado à sua mãe, não chorava quando de suas breves saídas. Porém ele tinha o hábito de lançar seus brinquedos e outros objetos para longe de si e, neste constante gesto, Freud supõe que Ernst encenava e preparava-se para lidar com a separação e ausência da mãe, como se brincasse de fazê-los ir embora.

A partir das experiências reais de separação da mãe, o menino produziu um jogo repetido onde um carretel de madeira amarrado num cordão era arremessado até que desaparecesse do seu olhar por trás da cortina do seu berço. Ao fazer isso emitia um longo som ‘o-o-o-ó’, para depois puxá-lo de volta vocalizando então um ‘a-a-a-a’ acompanhado de intenso júbilo. Em uma conversa com a mãe, Freud pergunta o que seria esse ‘ooooo’ e ‘aaaaa’ que o menino dizia. Ela então lhe responde: “Ah! Ele diz assim toda vez que joga os objetos longe!”. Passou bastante tempo até que Freud encontrasse sentido para essa

enigmática atividade. Recorrendo novamente à mãe, compreende o sentido que ela deu às produções sonoras do menino, chegando à conclusão de que se tratava das palavras *fort*⁴⁸ e *da*⁴⁹. Esse detalhe serve a nosso propósito de demonstrar que Freud, intérprete do jogo, buscou o sentido nas narrativas da mãe, demarcando assim a tese central da presença do adulto como intérprete primordial dos atos das crianças.

Freud conclui que o jogo aceita uma interpretação óbvia: “Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia pulsional (isto é, a renúncia à satisfação pulsional) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que encontrava ao seu alcance” (FREUD, 1920, p. 27). Freud (1920, p. 27) acrescenta que “a criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente”, mesmo que nunca chorasse quando ela o deixava por breves períodos e ao refletir sobre o motivo de haver prazer por parte do menino em repetir tantas vezes o mesmo jogo, deduz que o prazer maior era experimentado no segundo ato, ou seja, no reencontro com o carretel lançado.

Freud refere que nesse jogo a criança está realizando movimentos fundantes da constituição psíquica e formativos de seu ‘Eu’ a partir de uma renúncia: quando sua mãe saía, ao invés de se agarrar na barra da sua saia e chorar copiosamente tentando em vão evitar sua saída, Ernst punha-se a brincar lançando e puxando o carretel na borda da saia encortinada do seu berço. Por conta própria criou uma brincadeira que lhe ajudava suportar o sofrimento pela ausência e separação da mãe: lança o carretel e o faz desaparecer, acompanhado de expressiva produção sonora ‘o-o-o-ó’. Ao puxar de volta, saudava seu retorno com o entusiasmado ‘a-a-a-a’. Esta era a brincadeira completa: separação e reencontro, estabelecendo uma alternância de presença e ausência. Saudar o reencontro/presença com muita alegria parecia ser para Freud, e também para o menino, “o verdadeiro propósito do jogo” (FREUD, 1920, p. 27). Ao invés de chorar, Ernst brinca; brincando tolera a ausência da mãe porque faz um ressarcimento de sua ausência concreta no nível simbólico: essa é a realização cultural produzida e inaugurada a que Freud se refere, um jogo simbólico que faz desaparecer e reencontrar. É simbólico pelo fato de que as nuances próprias de um processo de simbolização estão presentes: no lugar da descarga direta – agarrar-se a chorar desesperadamente nas pernas da mãe ou nos seus braços, eliminando as bordas entre os dois – produz um saber ao brincar, indício do início da formação de um Eu – não Eu. Trata-se de um

⁴⁸ *Fort* em alemão tem o sentido de ‘partir’, ‘ir embora’.

⁴⁹ *Da* em alemão significa ‘ali’, ‘aqui’.

jogo simbólico, sustentado a partir da renúncia pulsional, de ir e vir, na borda do berço, nas bordas do corpo dele e da mãe, como sustenta Jerusalinsky (2014). Para o bebê essas bordas não estão dadas desde sempre, são efeito de um processo de construção mútua, fruto de um intenso trabalho psíquico no laço afetivo com o adulto que será a própria constituição de seu 'Eu'.

Portanto, com Freud, podemos postular que a brincadeira da criança consiste em uma alta realização cultural pois, ao sentir-se privado do objeto fonte de sua satisfação pulsional, o menino se vê forçado a uma renúncia pulsional imposta pela saída da mãe e produz ali uma invenção, realizando assim uma compensação para si mesmo através do ressarcimento simbólico que lhe auxilia suportar a ausência. Repetindo os dois atos inúmeras vezes produz uma profunda transformação em si mesmo, inaugurando um funcionamento psíquico sob o domínio do princípio do prazer: ao invés de começar a chorar e aferrar-se à barra da saia da mãe, o que produziria fracasso e desprazer, vai brincar na barra encortinada do seu berço, ato que promove um verdadeiro efeito estruturante no psiquismo.

Da mesma maneira que o jogo de presença e ausência do brinquedo com o carretel estava regido pelo princípio do prazer, o impulso para sair da posição passiva e sentir-se no domínio da situação também, pois “a criança, afinal de contas, só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta” (FREUD, 1920, p. 28). Ao brincar, a criança opera uma passagem da passividade para a atividade; esse processo ocorre inclusive com aquelas que ainda não falam, e embora ainda não seja uma brincadeira estruturada como o faz-de-conta, o *Fort-Da* é o marco inicial do brincar simbólico. Nele reconhecemos as suas condições primordiais: a criança transforma uma experiência de sofrimento vivida passivamente num jogo criativo onde coloca-se como sujeito ativo da ação e da situação, bem como alterna por moto-próprio a série presença/ausência. Esta é uma classe de jogo que significa algo para além da ação em si mesma, produzindo simbolizações, onde a pequena criança sustenta a si e às suas criações mesmo na ausência do olhar da mãe. De um ser criado pela mãe, ela se torna autora de uma criação pessoal (JERUSALINSKY, 2014).

Para Freud o primeiro ato, o da partida, parece ter sido encenado com mais frequência que o segundo com seu desfecho agradável. Conforme seu entendimento, a criança transformou o sofrimento pela separação num jogo que transforma seu mundo psíquico e sua incipiente posição como sujeito, pois “no início achava-se numa situação *passiva*, era dominada pela experiência; repetindo-a porém, por mais desagradável que fosse, como jogo,

assumia papel ativo” (FREUD, 1920, p. 27). Esses atos, independentemente de partirem de vivências agradáveis ou não, estão mediados pela *pulsão de dominação*⁵⁰, servindo como via para lidar com as situações de desamparo e sofrimento vividos passivamente, permitindo elaborar vivências traumáticas. Sendo o sujeito colocado numa posição ativa, estando ele a controlar o objeto, pode também dispensá-lo quando bem queira, como se dissesse: “agora sou eu que te mando embora”.

Freud propõe ainda outra compreensão: jogar longe o objeto poderia estar representando uma vingança, um desafio à mãe que dele se afasta, agregando: “Pois bem, então: vá embora! Não preciso de você. Sou eu que estou mandando você embora” (FREUD, 1920, p. 28). Freud conta que um ano mais tarde esse mesmo menino, quando estava zangado com um brinquedo, costumava agarrá-lo e jogá-lo ao chão, dizendo: “Vá para frente!”. Nesse tempo ele havia escutado suficientes vezes que seu pai estava ausente porque estava na guerra, na frente de batalha. Por muitas vezes ele nem mesmo lamentava esse duro fato, revelando o desejo de ser o único possuidor de sua mãe. Assim, através do jogo, expressa também seus impulsos hostis exibindo, contudo, um importante ganho simbólico, uma vez que procedia “lançando longe de si objetos, em vez de pessoas” (FREUD, 1920, p. 28).

O reconhecimento, por parte do bebê, da existência do semelhante como alguém separado, de que a mãe não é uma extensão de si e tem vontade própria, é um choque psíquico importante. Significa que o mundo não está sob o domínio dele e de sua vontade, que nele habitam outros objetos, e que não é ele quem diz como as coisas terão que acontecer. A elaboração da ideia de ‘ser separado de’ é um processo fundamental e difícil na constituição de si. É justamente a falha no processamento dessa aquisição arcaica – o reconhecimento da diferença do que sou eu e o que não sou eu, entre o que me pertence e o que me é estranho – que pode residir a gênese de muitos tipos de rechaço e dificuldades com tolerar as diferenças.

É uma experiência de grande risco lançar-se para além do corpo materno: o carretel é a mãe mas também é ele experimentando-se apartado da mãe. Antes de inventar o carretel, Ernst, um menino relativamente travesso, simplesmente lançava longe os objetos, tanto que sua mãe e aqueles que o cuidavam tinham que procurar seus brinquedos pela casa toda, encontrando-os não raro nos lugares mais inusitados (JERUSALINSKY, 2014). Isso é indicativo, de acordo com Jerusalinsky (2014) de que existem jogos precursores do *Fort-da* e que são primeiramente sustentados no laço com o outro. São eles: os jogos de “cadê-achou” e

⁵⁰ Sobre esse termo, remeter-se ao texto *Três ensaios sobre a sexualidade*, sobre a fase pré-genital da organização sádico-anal, na oposição atividade/passividade e o modo pelo qual ativamente a criança tenta dominar o que lhe acontece, controlar os objetos e o mundo (FREUD, 1905, p. 186).

“lançar para que o outro recupere”. Conhecemos muito bem o gosto dos bebês por lançar objetos para que o outro, seu referente simbólico, os recupere. Esse jogo repetido tantas vezes na “cadeira de papá” está sustentado no laço amoroso e na firme suposição que o Outro estará ali para juntar e para que ele volte a lançar. São jogos que envolvem um exercício de separação e reencontro e que o bebê por sua própria conta não consegue fazer, sendo necessário que alguém os crie com ele. O bebê precisa radicalmente da sustentação psíquica do outro antes de poder brincar ele próprio⁵¹. O bebê necessita ser brincado, como ocorre com o jogo do “cadê-achou” que tantas risadas provoca nos pequenos. Corre-se o risco de não evoluir para o *Fort-da* caso não haja um adulto que sustente esses jogos que fazem trabalhar a alternância deste binômio fundamental presença-ausência, separação-reencontro, e por falhas situadas exatamente neste ponto não é raro encontrarmos bebês apáticos e crianças pequenas que não brincam.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926) descreve a angústia como uma reação ao perigo da perda de um objeto, pois “a separação de um objeto deve ser dolorosa” (FREUD, 1926, p.194). Durante um certo tempo um bebê passa de braço em braço sem maiores perturbações com a diferença, “para ele, todos os braços são os da mãe” e mesmo que a relação com o pai seja muito ativa e ele seja capaz de diferenciar muito bem um e outro enquanto pessoas, “no que concerne às categorias simbólicas que estão sendo manejadas, *todos* são mãe; *tudo* é mãe” (RODULFO, 1990, p. 119). Para ilustrar como a perda de um objeto familiar e próximo produz angústia, Freud (1926, p. 194) descreve “a situação da criancinha quando se lhe apresenta um estranho em vez de sua mãe”. O mesmo ao qual antes sorria, agora lhe provoca estranhamento e pranto⁵². Sua reação de chorar e seu rosto expressam seu sofrer. Como ela ainda não distingue a ausência temporária da partida permanente da mãe, “logo que perde a mãe de vista comporta-se como se nunca mais fosse vê-la novamente” (FREUD, 1926, p. 195). Repetidas experiências consoladoras são necessárias para que o bebê compreenda que a ausência da mãe é comumente seguida pelo seu reaparecimento. É aqui que o jogo do “cadê-achou” tem uma função estruturante:

⁵¹ No aforismo de Winnicott (1964): “Um bebê sozinho, isso não existe!”

⁵²A angústia do oitavo mês, exteriorizável ante o estranho, conforme conceitualizou René Spitz em sua obra *O Primeiro ano de vida* (1980). Esta angústia é um índice de que se está inscrevendo, pela primeira vez, algo como alheio à mãe e Rodulfo (1990) propõe que a angústia de estranhamento “diz algo do teor: se nem tudo é mãe, se há elementos não-mãe, pelo menos um, basta um, eu não sou ela tampouco e ela não é eu” (1990, p. 119).

a mãe encoraja esse conhecimento, que é tão vital para a criança, fazendo aquela brincadeira tão conhecida de esconder dela o rosto com as mãos e depois, para sua alegria, de descobri-lo de novo. Nessas circunstâncias a criança pode, por assim dizer, sentir anseio desacompanhado de desespero (FREUD, 1926, p. 195).

As primeiras formas do jogo de alternância presença/ausência são em presença. O adulto mostra que a deseja e ela sente o prazer de ser buscada, querendo também brincar de olhar, procurar e encontrar. Esses jogos ajudam a lidar e elaborar as angústias mais arcaicas, tendo função estruturante do psiquismo precoce e do sujeito. Conhecemos as angústias frente ao desconhecido que os bebês têm, mas no jogo de imitação de caretas, no início eles estranham, mas depois gostam, riem, querem mais, porque o desconhecido se torna familiar na sequência. Sentem-se no domínio da cena ao não se perpetuar o estranho que assusta.

Nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905) Freud já havia descrito a angústia das crianças como a “expressão da falta que sentem da pessoa amada; por isso elas se angustiam diante de qualquer estranho; temem a escuridão porque, nesta, não vêem a pessoa amada, e se deixam acalmar quando podem segurar-lhe a mão na obscuridade” (FREUD, 1905, p. 2011). Em nota de rodapé, ilustra esse tema com o seguinte diálogo de um menino de três anos com medo de ficar sozinho: “Titia, fale comigo! Estou com medo porque está muito escuro. E a tia respondeu: De que lhe adianta isso? Você não pode mesmo me ver. Não faz mal, respondeu o menino, quando alguém fala fica mais claro” (FREUD, 1905, p. 211). O medo não era da escuridão, mas da ausência de uma pessoa amada, acalmando-se com a voz, prova de sua presença. Quando o rosto do cuidador reaparece no ‘cadê-achou’, ou este devolve o objeto jogado ao chão no “atirar para que o outro recupere”, a criança apazigua suas angústias e pode desfrutar com seu riso.

São jogos que produzem efeitos de subjetivação e posteriormente vemos, nas crianças maiores, o prazer com que compartilham o jogo de esconde-esconde e a iniciativa de esconderem-se ao saber da chegada da mãe, para que sejam então procuradas. É como se dissessem: “agora sou eu que não estou, vem me achar!”; o prazer está muito mais em ser procurado – desejado – do que em esconder-se.

O desenvolvimento de uma criança, entre tantos fatores, também é resultado do trabalho do aparelho psíquico diante dos acontecimentos da vida e do mundo. Ao brincar a criança põe-se em um lugar ativo frente aos impedimentos que a vida lhe apresenta. Dá assim o testemunho de desejo de apropriação do mundo e do que se passa consigo. Através da brincadeira ela pode elaborar seus dilemas e conflitos, suas frustrações e limites, tornando-se senhora da situação:

É claro que em suas brincadeiras as crianças repetem tudo que lhes causou uma grande impressão na vida real, e assim procedendo, ab-reagem a intensidade da impressão, tornando-se, por assim dizer, senhoras da situação. Por outro lado, porém, é óbvio que todas as suas brincadeiras são influenciadas por um desejo que as domina o tempo todo: o desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem. Pode-se também observar que a natureza desagradável de uma experiência nem sempre a torna inapropriada para a brincadeira. Se o médico examina a garganta de uma criança ou faz nela alguma pequena intervenção, podemos estar inteiramente certos de que essas assustadoras experiências serão tema da próxima brincadeira; contudo, não devemos, quanto a isso, desprezar o fato de existir uma produção de prazer provinda de outra fonte. Quando a criança passa da passividade da experiência para a atividade do jogo, transfere a experiência desagradável para um de seus companheiros de brincadeira e, dessa maneira, vinga-se num substituto (FREUD, 1920, p. 28).

Trata-se de uma encenação e repetição sob a regência do princípio do prazer e de um esforço de domínio sobre as forças pulsionais, a serviço de recordar e elaborar as experiências desagradáveis na mente (FREUD, 1920, p. 29). Brincar é atividade séria e árduo trabalho psíquico que tem efeitos constitutivos no aparelho mental, de modo que o brincar é o próprio trabalho de constituição do sujeito a partir da relação com o outro primordial (JERUSALINSKY, 2014). Como a criança não pode fazer tudo que os adultos fazem e nem pode dominar inteiramente seu ir e vir, brinca de ser grande e fazer um ‘como se’ fosse um adulto, bem como decidir o destino de suas experiências da série presença/ausência. Uma criança que brincou mais tem mais chance de ser um adulto com mais capacidade simbólica e criativa para lidar com os conflitos, com os afetos de medo, angústia, raiva, tristeza, suas impulsividades, tem mais permeabilidade psíquica.

Doravante, ainda nos ensina Freud (1911), que a tendência geral do aparelho psíquico é buscar fontes de prazer e ter dificuldades em renunciar a elas. Portanto, mesmo com a instauração do princípio de realidade “um determinado tipo de atividade do pensar foi apartado do teste de realidade, permaneceu livre deste e ficou submetido apenas ao princípio do prazer. É ele o *fantasiar*, que já se inicia com o brincar das crianças e mais tarde prossegue com o *devanear*” (FREUD, 1911, p. 67, grifo do autor). Freud nos mostra que o princípio do prazer nunca é de todo abandonado, conservando sua existência no inconsciente regido pelo processo primário. Se por um lado há uma inibição pelo ego de uma parte da satisfação, outra parte escapa e segue o rumo da fantasia e do brincar, revelado no comportamento das crianças, e ganha o campo dos sonhos, reduto do desejo, revelado na vida adulta pelas formações do inconsciente.

Nota-se a marcante presença do adulto, no caso do *Fort-Da* a presença do próprio Freud, como avô, na possibilidade do entendimento e da narrativa ali realizados. Se no texto *Projeto para uma psicologia científica*, já estudado no capítulo dois, a função de entendimento se fazia possível tão somente do lado do adulto experiente, aqui vemos um Freud que nomeia e narra a ação feita pela criança que ele observa, emprestando parcialmente suas representações para a construção de sentido envolvida. Em contraponto com os primeiros tempos de vida, onde o próximo experiente atribui totalmente seus pensamentos aos apelos do filhote humano, aqui Freud concebe as vocalizações e gestos do *infans* de ano e meio como uma produção própria e com sentido prévio, mesmo que ainda não estruturado na palavra, mas baseado em representações de experiências anteriores com o cuidador, bem como as narrativas da mãe sobre suas produções sonoras. O trabalho elaborativo que complexiza o psiquismo é o que tende a fazer uma descarga mais adequada, postergada – mais preparada para encontrar o objeto que dê o suporte necessário para que ali se gere um certo prazer – e não uma descarga direta, evacuativa, cega para a presença sensível do objeto, propensa a flutuar no vazio, como um choro desesperado que gera desprazer ou os atos compulsivos no adulto que levam ao fracasso simbólico e real. Um adulto sensível capaz de interpretar os anseios do *infans*, tomar como mensagem a ele endereçada.

Se nos primeiros meses de vida não há o reconhecimento da mãe ou substituta como um outro em separado, mas um outro ligado às suas necessidades e demandas, aos 18 meses esse outro passa a ter consistência e existência real. Depois da presença constante e da alternância presença/ausência, é na adversidade da ausência que o bebê cria algo novo. O *Fort-Da* é um jogo da alternância presença/ausência que se desenvolve em ausência. Para Ernst é um enigma a saída da mãe: “será que não me quis? O que houve? Para onde foi?”. Uma mãe que deseja outras coisas que não só o filho sustenta em si mesma um corte simbólico necessário que produz no filho uma criação a partir da renúncia pulsional, na medida em que é uma mãe não-toda dele. Assim como a mãe desejou outras coisas e não ficou aderida ao filho pequeno, desejou “sair”, Ernest também não ficou agarrado às pernas dela, desejou outra coisa, voltou-se para o mundo e criou um jogo. Renúncias imprescindíveis de ocorrer que tem efeitos constitutivos sobre o sujeito a partir da relação primordial com o cuidador, seja ele o pai, a mãe ou seu substituto. Em razão disso salientamos a importância dos estudos dos pilares fundamentais da constituição subjetiva; da importância das narrativas e do quanto os bebês e crianças precisam brincar.

A narrativa que Freud faz põe sentido na ação do menino e tem efeito constitutivo promovendo a subjetivação da criança pequena, tanto em atos sustentados no laço com a criança quanto em narrativas que representam esses atos, outorgando-lhe um lugar de sujeito. O adulto que faz narrativas oferece uma trama simbólica na própria leitura do ato da criança, inserindo-a num contexto e numa descendência. Freud pôs linguagem no gesto repetido do pequeno Ernest, que mais que dar conta da separação da mãe, constituiu-se como posição significativa na linguagem⁵³. Se é feito pela linguagem, existe algo de arte e de criação nesse gesto de restituição do que foi perdido, inaugurando-se aí um verdadeiro salto estrutural para o *infans*.

4.2. Sobre o narcisismo: A relação intersubjetiva e o Eu como representação de si

*Quem de dentro de si não sai
Vai morrer sem amar ninguém.
Baden Powell e Vinicius de Moraes, 1963*

*Tornar um amor real é expulsá-lo de você,
para que ele possa ser de alguém.
Nando Reis, 2000*

O termo *narcisismo*, segundo Hanns (2004), teria sido usado pela primeira vez na área médica por Alfred Binet; conforme Laplanche e Pontalis, embora Freud tenha declarado buscar o termo em Paul Näcke, seu criador teria sido o psiquiatra inglês Havelock Ellis em 1898, usando a expressão “*narcissus-like*” (como narciso) ao descrever uma modalidade de comportamento perverso que pode ser relacionando com o mito de narciso, ou seja, com “o amor que se tem pela imagem de si mesmo” (LAPLANCHE; PONTALLIS, 1994, p. 365). Paul Näcke, em 1899, trabalhando com as perversões sexuais existentes dentro de um hospital psiquiátrico, forjou a palavra *Narzissmus* para descrever um estado compulsivo de erotização do próprio corpo, erotização referida ao sujeito mesmo, sem referência alguma a um objeto exterior – eis-nos aqui novamente às voltas com encontrar ou não o objeto para dirigir-se a ele

⁵³ Lacan nos *Escritos* (1966): “São esses jogos de ocultação que Freud, em uma intuição genial, produziu para nós para que aí reconhecamos que o momento em que o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem”. O sujeito não domina assim somente sua privação, mas domina a si mesmo, fazendo ele mesmo aparecer e desaparecer na ‘*provocação* antecipada de sua ausência e de sua presença’. “Ele torna-se seu próprio objeto, domina a si mesmo pela linguagem em seu *Fort!* e em seu *Da!*” (p. 183).

no caminho das vias de satisfação – e que se faz acompanhar de práticas masturbatórias típicas de certos tipos severos de psicose (TERRAZAS, 1990, p. 101). Nessas situações, o indivíduo trata o próprio corpo como habitualmente se trataria um objeto sexual.

Em Freud o termo aparece pela primeira vez, de modo mais extensivo, em seu artigo *Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), e serve para descrever um tipo particular de escolha de objeto homossexual que consiste em eleger o objeto sexual conforme um critério de semelhança consigo próprio, tanto no que se refere aos atributos corporais como psíquicos:

Os meninos que agora ele ama à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando ele era uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do *narcisismo*, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome (FREUD, 1910, p. 92).

De acordo com Ernest Jones (1961), Freud já vinha empregando o termo narcisismo em 1909, antes mesmo de incluí-lo em seus escritos, nos debates da Sociedade Psicanalítica de Viena, declarando que o narcisismo era um tempo de organização da libido situado numa posição intermediária entre o autoerotismo – ou o erotismo de si – e o amor pelos objetos. Freud retoma essa questão no *Caso de Schreber* (1911), onde descreve a existência de “um estágio do desenvolvimento da libido entre o autoerotismo e o amor objetal” (FREUD, 1911, p. 82), chamado de narcisismo, para relatar: “o que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne suas pulsões sexuais (que até aqui haviam estado empenhadas em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por se tomar a si mesmo, ao seu corpo, como objeto de amor, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma pessoa que não ele mesmo, como objeto” (FREUD, 1911, p. 83). Em *Totem e Tabu* (1913) exprime as mesmas ideias. Nessa mesma época, se empenhava também em preparar a segunda edição dos *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), na qual, segundo Hanns (2004), aparece a primeira menção impressa do termo ‘narcisismo’ numa nota de rodapé acrescentada ao texto em 1910.

Podemos pensar, com Freud, que a constituição do psiquismo humano passa por tempos estruturantes. Para uma apropriada compreensão do narcisismo é preciso primeiro

entender como acontece o tempo que o antecede, o autoerotismo⁵⁴. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) Freud realiza um aprofundado exame das manifestações da sexualidade infantil, descrevendo o autoerotismo e os caminhos da satisfação pulsional no início da vida: “salientemos que a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é auto-erótica” (FREUD, 1905, p.169).

Aqui existe um pormenor terminológico e conceitual que merece consideração. O prefixo “auto”, que deriva do grego *heautoû*, exprime a ideia de *si próprio, em si próprio, voltado a si mesmo*. Conforme Rossetto (2018) a expressão “si mesmo” tem uma trajetória sedimentada em grandes áreas do conhecimento como a psicologia e a filosofia, bem como presença fortemente marcada em diversas teorias, entretanto o termo ‘si mesmo’, de uma maneira geral em filosofia, contempla de certa forma a noção e a presença de um Eu⁵⁵.

Em Freud, o termo ‘auto’ presente na definição de auto-erotismo, está referido a um erotismo inicial como erotismo que, antes presente noutro, passa a ser sentido em si mesmo, sofrido em si mesmo, inscrito em si mesmo, todavia não concebendo esse ‘si mesmo’ como um Eu, mas um corpo erógeno ainda representado como fragmentado. Não seria apropriado dar a esse autoerotismo um sentido sinônimo a egoísmo, de um indivíduo centrado sobre si mesmo, uma vez que não existe um Eu que, como estrutura psíquica, sustente tal suposto egoísmo. ‘Auto’ aqui adquire o sentido de “em direção de si”, pelo fato da libido estar direcionada ao próprio corpo num momento evolutivo psíquico em que se desenham, sobre o corpo biológico, um conjunto de marcas sensuais que inauguram uma nova cartografia corporal.

⁵⁴ Se seguimos uma vertente em Freud, o primeiro tempo da vida é o tempo do corpo reflexo e biológico, “aquele que nasce é um organismo biológico fetalizado” que referimos na introdução. Por isso nessa vertente freudiana, não há indícios que sustentem a ideia de um psiquismo fetal. O segundo tempo da vida e primeiro da libido é o auto-erotismo, sendo o terceiro tempo da vida e segundo da libido, o narcisismo.

⁵⁵ Foucault na obra *A Hermenêutica do Sujeito* (1982) refere que Sócrates, no texto do *Alcebiades* afirma que é preciso ‘ocupar-se consigo mesmo’, como um ‘cuidado de si’ (FOUCAULT, 1982, p. 48) sendo então “essa relação designada pelo pronome reflexivo *heautón*” (FOUCAULT, 1982, p. 49). Para o autor, “trata-se pois de uma interrogação metodológica sobre o que significa aquilo que está designado pela forma reflexiva do verbo ‘ocupar-se consigo mesmo’” (FOUCAULT, 1982, p. 50). Foucault utiliza a expressão ‘si mesmo’ quando trata amplamente da proposição “cuidado de si sobre si mesmo” (*epiméleia heautoû*). Embora não seja uma expressão advinda especificamente da filosofia foucaultiana, “no pensamento de Michel Foucault, a expressão é empregada especialmente na obra *A Hermenêutica do Sujeito*, e assume lugar central no percurso de suas argumentações” (ROSSETTO, 1918, p. 24). Por ‘si’ Foucault (1982, p. 49-50) entende o tipo de relação que o ser humano pode ter e nutrir com ele mesmo e propõe entender o que é o *autò tò autó*, o sujeito do cuidado, objeto do cuidado, designado pela forma reflexiva do verbo ‘ocupar-se consigo mesmo’, e a originalidade do autor é a proposição de que acontece na intersubjetividade, pensado como um trabalho de si sobre si mesmo que só é possível na relação com o outro. Contudo, o ‘si mesmo’ nesse caso, já concebe um ‘eu’.

Portanto, se seguimos com Freud, trata-se de um ‘auto’ nem tão ‘auto’ assim, porque sua existência inevitavelmente passa pela presença de um outro desejante como já foi abordado nesse estudo. Um ‘auto’ que nasce da intersubjetividade, não unitário, autodeterminado, impenetrável ou auto-suficiente. Aqui ‘auto’ assume o sentido de uma direção, uma orientação, já que é concebido como um ‘auto’ proveniente de outrem e que, uma vez inscrito no sujeito e vivido como erotismo de si e em si, nele revela a marca do outro.

Freud toma como modelo dessa modalidade erótica o ‘chuchar’ ou sugar com leite: “a repetição rítmica de um contato de sucção com a boca e os lábios, do qual está excluído qualquer propósito de nutrição” (FREUD, 1905, p. 168) e conclui que “o ato está determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado” (FREUD, 1905, p. 170). O ser humano quando nasce, se alimenta (de)leite.

No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa. É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportam-se como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida. A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento (FREUD, 1905, p. 170).

A mãe, a partir de suas ofertas cotidianas de cuidados, produz satisfações que se alargam muito além do puro atendimento da necessidade alimentar, criando um espaço onde transcorrem as primeiras experiências de prazer que deixam rastros de sensações sobre certas partes do corpo, experiências que o *infans* vai se esforçar por repetir. Nasce assim, num conjunto articulado, a pulsão e a zona erógena, consistindo essa última na região do corpo sobre a qual as práticas do cuidado materno incidem, produzindo os registros de prazer que inscrevem no incipiente psiquismo um corpo erógeno gestado no encontro com o semelhante cuidador⁵⁶. Este encontro assume assim uma atribuição sexualizante porque transcorre numa

⁵⁶ Freud no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) ao referir-se à ajuda alheia e à ação específica, detalha o encontro do bebê em desamparo com seu cuidador, o semelhante humano, através do *fornecimento de viveres e aproximação do objeto sexual*, marcando que a experiência de cuidado humano está desdobrada nesses dois fatores: satisfação da necessidade e prazer. A função da mãe ou a substituta que se comove com a insuficiência do bebê e se aproxima para atendê-lo está encharcada de desejos, derramando sobre ele seu

atmosfera carregada de desejo. Para Freud, a sexualidade infantil nasce apoiada nos cuidados vitais dedicados à conservação da vida e da integridade do bebê. Nesse mesmo intercuro de cuidados, seguindo Freud, outro registro se faz presente, o registro do prazer que acompanha cada um desses gestos, prazer intenso e compartilhado entre o bebê e aquele que o cuida. O autor observa, contudo, que a natureza fundante desse jogo prazeroso, naquilo que diz respeito à gênese da sexualidade no bebê, passa despercebida pelo próprio adulto que a protagoniza:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como um substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta. Ela considera seu procedimento como um amor “puro”, assexual, já que evita cuidadosamente levar aos genitais da criança mais excitações do que as inevitáveis no cuidado com o corpo (FREUD, 1905, p. 210).

Freud termina por destacar assim as três características essenciais da manifestação sexual infantil: “nasce *apoiando-se* numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo *autoerótica*, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona erógena*” (FREUD, 1905, p. 171, grifo do autor)⁵⁷. O corpo do bebê – atravessado por este jogo prazeroso carregado de significantes que o adulto propõe⁵⁸ – passa de uma condição de organismo biológico para o estatuto de corpo marcado pelo desejo, repleto de sensações erógenas, mesmo que ainda seja um corpo fragmentado, sem a unificação proporcionada pela imagem de si que é dada pelo advento do Eu. Este tempo representa, então um registro em si, inscrito na superfície do corpo e do psiquismo, do erotismo antes existente no outro. Essa é a

universo libidinal produzido efeitos que são as marcas de prazer vivido. Esse tema da posição do adulto estar atravessada pela sua sexualidade foi proposto mas não desenvolvido por Freud. Esse trabalho foi feito por outros autores posteriormente. Laplanche (1992) frisa que a constituição do sujeito psíquico é produto do encontro com o outro humano desejante, atravessado pela sexualidade. Apoiado na ideia de que no início da vida o bebê é um ser em estado de desamparo – que entregue a si mesmo seria incapaz de ajudar-se por conta própria – o autor reconhece aí a marca da passividade e da dependência com relação ao semelhante.

⁵⁷ Freud pensava que se havia o auto-erotismo, seria também porque teria havido sedução e excesso nos cuidados: “em primeiro plano situa-se a influência da sedução, que trata a criança prematuramente como um objeto sexual e que, em circunstâncias que causam forte impressão, ensina-a a conhecer a satisfação das zonas genitais” (1905, p. 178). Freud não foi até a ideia do gozo materno, da sexualidade infantil no inconsciente do adulto reativada no encontro através dos cuidados e pelo desamparo do lactante, mas dá pistas com o “se horrorizaria”, são desejos que estão recalçados no inconsciente materno, sendo Laplanche quem refere que “a verdade do apoio é a sedução”. Sobre a recusa a usar o bebê como satisfação própria, falaremos no capítulo cinco.

⁵⁸ No *Projeto para uma psicologia científica* (1895) Freud falou da *aproximação do objeto sexual* e nessa citação acima refere “sentimentos derivados da sua própria vida sexual”.

razão do emprego aqui o prefixo *heautoû*, “auto”: um erotismo de si, impresso sobre si mesmo.

No Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis, autoerotismo é definido como

a característica de um comportamento sexual infantil precoce pelo qual uma pulsão parcial, ligada ao funcionamento de um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontra a sua satisfação logo ali, isto é: sem recorrer a um objeto exterior; sem referência a uma imagem do corpo unificada, a um primeiro esboço de ego, tal qual como ele caracteriza o narcisismo (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 79).

Se no autoerotismo a imagem de si ainda é fragmentada e a satisfação da pulsão anárquica e parcial, atrelada prazer de órgão, no narcisismo será o Eu – enquanto imagem unificada do corpo e representação de si mesmo – o objeto de investimento da libido.

Sobre o narcisismo: uma introdução figura como primeiro texto – na oficialidade da produção psicanalítica e freudiana – destinado a dar conta do tema. Nessa direção, procura abordar a distribuição e o equilíbrio dos investimentos libidinais entre o Eu e o objeto no funcionamento psíquico, assim como a possibilidade de um recolhimento narcísico da libido, como se pode observar no desejo de dormir e na formação dos sonhos; na doença orgânica⁵⁹ e nas patologias graves como psicoses e hipocondria; nas perversões, e mesmo nas neuroses. O texto consiste numa tentativa de dar forma acabada ao que vinha sendo discutido sobre o tema nas reuniões da incipiente Sociedade Psicanalítica de Viena. É um texto freudiano clássico que revolucionou a estrutura teórica da psicanálise.

Freud iniciou sua escrita em 1913, durante suas férias em Roma, porém a publicação só ocorreu em março de 1914. Escreveu e, quando revisou, ficou insatisfeito com o resultado em razão das contradições internas que continha: o texto nasceu com o estigma de um transtorno da estruturação do narcisismo, uma vez que o próprio criador não gostou dele nem depois de pronto e nem durante o processo de concepção. Segundo Ernest Jones (1961), Freud teria dito que ‘O Narcisismo’ teve um parto difícil, com todas as marcas da deformação correspondentes de um tal processo. Esse sentimento possivelmente se liga à percepção que as ideias ali lançadas faziam balançar o edifício teórico da psicanálise: uma nova concepção de

⁵⁹ Freud ao falar da influência da enfermidade orgânica sobre a distribuição da libido diz: “Todos sabemos e consideramos natural que o sujeito atormentado por uma dor orgânica e por incômodos diversos deixe de se interessar pelas coisas do mundo exterior que não digam respeito ao seu sofrimento. [...] recolhe seu interesse libidinal dos objetos de amor e que, enquanto estiver sofrendo, deixará de amar. [...] Diríamos então: o doente recolhe seus investimentos libidinais para o Eu e torna a enviá-los depois da cura. ‘A alma inteira encontra-se recolhida na estreita cavidade do molar’, diz W. Busch sobre o poeta que sofre de dor de dente” (FREUD, 1914, p. 103).

Eu, agora como imagem e como sentimento de si; um novo dualismo pulsional, com a libido oscilando entre o Eu e o objeto numa espécie de balança energética entre essas duas espécies de investimento; os conceitos de “Eu ideal”, “ideal do Eu” e de um agente de censura que mais tarde será chamado de “Supereu”; uma revolucionária introdução do semelhante e da intersubjetividade na origem e na sustentação inicial do narcisismo no bebê. Isso não é pouco: eis o mal-estar com o texto, essa criança recém parida que vem desorganizar a família. E Freud tinha razão.

O trabalho está constituído de três partes, sem títulos, separadas apenas por números romanos. Na primeira parte Freud propõe conceitos até então inexistentes, como a concepção do narcisismo – além daquele que caracteriza as patologias mentais – como uma etapa da evolução psíquica fundamental e necessária para a estruturação e o equilíbrio psíquico, um tempo da vida pelo qual todos os seres humanos passam. Observa que esse tempo representa um salto evolutivo, uma passagem de um estado de desintegração de zonas erógenas dispersas sobre um corpo ainda fragmentado para alcançar uma primeira unificação em torno de um incipiente Eu que representa o sujeito. Assim, posteriormente – e somente depois de passar e transpor esse tempo de representar a si mesmo para si próprio – é possível aceder à escolha de um objeto fora de si.

Em 1915 ocorreu o lançamento de uma nova edição dos *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Toda a seção sobre ‘A teoria da libido’, acrescentada nessa edição ao ensaio III, baseia-se essencialmente neste texto sobre o narcisismo. Nela Freud apresenta a libido como uma força quantitativa e qualitativa variável com investimentos que podem estar aplicados no Eu ou no objeto, chamando a libido do Eu de libido *narcísica*, “formando uma ideia da relação entre ela e a libido objetal” (FREUD, 1905, p. 204). “A libido narcísica ou do Eu parece-nos ser o grande reservatório de onde partem os investimentos de objeto e no qual elas voltam a ser recolhidas, e o investimento libidinal narcísico do Eu se nos afigura como o estado originário realizado na primeira infância” (FREUD, 1905, p. 204).

Freud apresenta o investimento no Eu como um estado primário de narcisismo, cujo funcionamento psíquico é comparável àquele encontrado na vida psíquica das crianças e dos povos primitivos. Os traços comuns seriam um tipo de ‘delírio de grandeza’ marcado por “uma supervalorização do poder de seus desejos e de seus atos psíquicos, a ‘onipotência de pensamento’, uma crença no poder mágico das palavras” (FREUD, 1914, p. 98). O autor infere, portanto, uma “concepção de que originalmente o Eu é investido de libido e de que uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos; contudo, essencialmente, a libido

permanece retida no Eu” (FREUD, 1914, p. 99). Apresenta-se assim a ideia de um narcisismo originário que, conforme Laplanche, caracteriza um “amor a si mesmo e unicamente a si mesmo, sem nenhuma libido de objeto, sentimento de onipotência; o ego da criança dotado de todas as qualidades; em suma, é um estágio que se aproxima da megalomania. Será uma teoria de uma mônada auto-suficiente?” (LAPLANCHE, 1998, p. 289).

Essa concepção freudiana aproxima-se em muito à apresentada anteriormente sobre um tempo primeiro dentro da proposição dos três tempos estruturantes e constitutivos do Eu. Esse tempo primeiro é aquele em que o “Eu-sujeito coincide com tudo que é prazeroso e o mundo externo, com tudo que é indiferente” (FREUD, 1915, p. 158). A indiferença absoluta governa a relação com o mundo exterior, ou seja, não há o reconhecimento da existência de algo externo a si. Nesse caso o “si” também não representa ainda uma interioridade, senão que tão somente indica polos opostos, o indivíduo – aqui designado com o “si mesmo” sem configurar ainda a menor possibilidade de existência de uma representação unificada de si – e seu entorno, que é o mundo exterior. Considerado por Freud como o *Eu-realidade inicial*, esse psiquismo arcaico tem seu funcionamento inteiramente baseado na equivalência entre percepção e realidade, em conformidade com o modelo da satisfação alucinatória do desejo no lactente, sem distinção, portanto, entre a alucinação e a percepção real do objeto, encontrando a satisfação da necessidade na reprodução alucinatória das percepções da vivência de satisfação, sendo o mundo externo algo inteiramente fora de questão e indiferente. Será pela presença e intervenção do semelhante que poderá produzir-se aí uma diferença. O lugar orientador desse semelhante nos primórdios pode ser a mãe ou quem exerce a função materna.

Um narcisismo assim concebido levaria a crer que seu surgimento se dá espontaneamente de dentro de um indivíduo fechado sobre si mesmo, capaz de, mesmo assim, concentrar todo seu investimento libidinal em um Eu que nasceria imerso numa situação originária de autossuficiência narcísica. Se o termo ‘primário’, adicionado ao conceito do narcisismo, designasse “de um modo geral o primeiro narcisismo, o da criança que se toma a si mesma como objeto de amor, antes de escolher objetos exteriores” (LAPLANCHE; PONTALLIS, 1994, p. 369) faltaria saber de onde provém esse amor por si mesmo? Como, nesse estado tão precoce, essa libido veio parar dentro do Eu? E de onde vem o Eu? Nasceu espontaneamente de dentro do sujeito ou foi outorgado por outro?

Frente à dificuldade proposta por essas questões, Freud orienta seu raciocínio noutra direção, guiando-se pela seguinte pergunta: “qual é a relação desse narcisismo, do qual

estamos tratando agora, com o autoerotismo, que descrevemos como um estado inicial da libido?” (FREUD, 1914, p. 99). Sua resposta não deixa dúvidas: “é uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa ser desenvolvido”. E complementa: “é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo” (FREUD, 1914, p. 99), sem, contudo, esclarecer em que exatamente consiste essa nova ação psíquica – ou ações psíquicas fundantes – que conduzem à unificação das pulsões em torno de uma representação de si e da constituição do Eu. Se seguimos com Freud nessa sua proposição entenderemos que não existe, no começo da vida, uma unidade como comparável ao Eu, mas que ela resulta de um processo de evolução psíquica que se dá na mais estrita dependência com relação ao cuidador, na intersubjetividade, de onde surgem as possibilidades de um investimento libidinal de si mesmo, necessário para sustentação do Eu e constitutivo para a estruturação psíquica.

É assim que chegamos a compreender que a própria construção de ideais narcísicos na criança humana é o reflexo das diferentes maneiras pelas quais os seres humanos amam uns aos outros e da qualidade das suas relações amorosas. O modo pelo qual uma criança elegerá seus objetos de amor se apoia nas experiências de satisfação com aqueles que lhe cuidam. Esse modo de pensar leva à convicção de que uma criança não existe sozinha, que é incapaz de criar ou sustentar por si própria sua vida e, da mesma forma, seu narcisismo, o amor por si mesma e a imagem que tem de si; essa complexa economia do amor próprio nasce e se sustenta a partir da relação com o outro. Freud procura demonstrar que o investimento amoroso por parte dos pais ocorre porque estes depositam sobre seu filho seu próprio narcisismo perdido, construindo com ele um campo de expectativas e esperanças que compõe uma potente forma de amor primeiro que habita a origem de todos nós. Esse investimento amoroso se reporta ao tempo que antecede o nascimento e dá lugar a um investimento suportado pelo desejo, do qual emerge um filho imaginário, um filho ideal que reflete o narcisismo parental.

O narcisismo primário que supomos existir na criança, e que constitui um dos pressupostos de nossas teorias sobre a libido, é mais difícil de ser apreendido pela observação direta. É mais fácil confirmá-lo por dedução retroativa a partir de outro ponto de vista. Ao repararmos na atitude de pais afetuosos para com seus filhos, seremos forçados a reconhecer que se trata de uma revivescência e de uma reprodução de seu próprio narcisismo, há muito abandonado. A supervalorização, que já havíamos apontado como um indício seguro de que estamos em presença de um estigma narcísico na escolha objetal, também domina, como se sabe, essa relação afetiva entre pais e filhos. Assim, eles se veem compelidos a atribuir à criança todas as perfeições – ainda que uma avaliação sóbria não desse motivo para tal – e tendem a encobrir e esquecer todos os defeitos dela. Essa atitude se relaciona

com a negação [*Verleugnung*] da sexualidade infantil. Mas também prevalece a tendência a dispensar a criança da obrigação de reconhecer e respeitar todas as aquisições culturais que outrora os pais foram obrigados a acatar em detrimento de seu próprio narcisismo. Também se inclinaram a reivindicar para a criança o direito a privilégios aos quais eles, os pais, há muito tiveram de renunciar. A criança deve ter melhor sorte que seus pais, não deve ser submetida aos mesmos imperativos que eles tiveram de acatar ao longo da vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrições à própria vontade não devem valer para a criança; as leis da natureza, assim como as da sociedade, devem se deter diante dela, e ela deve realmente tornar-se de novo o centro e a essência da criação do mundo. *His Majesty the Baby*, tal como nós mesmos nos imaginamos um dia. A criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais, tornar-se um grande homem e herói no lugar do pai, ou desposar um príncipe, a título de indenização tardia da mãe. O ponto mais vulnerável do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente encurralada pela realidade, ganha, assim, um refúgio seguro abrigando-se na criança. O comvente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que, ao se transformar em amor objetal, acaba por revelar inequivocamente sua antiga natureza (FREUD, 1914, p. 110).

Nesta passagem do texto Freud aborda pela primeira vez de modo explícito a relação entre o narcisismo primário e o narcisismo parental, introduzindo a função instituinte do vínculo intersubjetivo na constituição psíquica. Desde essa perspectiva, a libido primeiramente vem do outro, que é quem primeiro investe de valor narcísico um sujeito ainda inexistente. A pensar dessa maneira, “não cabe falar de um narcisismo primário anobjetal, que seria algo puramente biológico, que se originaria dentro do indivíduo e dali partiria aos objetos, já que o narcisismo se instaura de entrada através da relação com os pais ou com os personagens significativos da infância” (TERRAZAS, 1990, p. 143, tradução nossa). O narcisismo do *infans* se sustenta no narcisismo parental que é despejado sobre ele, estruturando-se a partir da relação com o semelhante cuidador. O narcisismo não nasce sozinho, mas antes é um narcisismo reeditado nos pais que revive e é outorgado ao bebê na relação intersubjetiva antes mesmo do nascimento.

Assim, o narcisismo primeiro ou o primeiro narcisismo não pertence a si, mas vem de fora, sendo outorgado por uma posição dos pais para com o filho. A representação de si mesmo se constitui a partir da ordem simbólica, sendo o narcisismo paterno e materno precondição para o nascimento do narcisismo na criança. Afirmar que o narcisismo dos filhos é também o narcisismo dos pais significa dizer que os pais satisfazem suas próprias necessidades narcísicas supervalorizando aos filhos, bem como que a vivência de narcisismo satisfeito dos filhos tem sua origem nos pais (TERRAZAS, 1990). Essa passagem do texto freudiano derruba a pretensão de situar o narcisismo no interior da criança ou no interior dos pais, posicionando-o como uma formação que é consequência da relação intersubjetiva, um produto subjetivo e não congênito.

Essa é uma atitude próxima da fascinação que converte o bebê numa espécie de divindade⁶⁰, atribuindo-lhe “todas as perfeições”, *His Majesty the Baby*⁶¹, ao qual se permitem todas as satisfações e prazeres, do qual se encobrem os defeitos, convertendo-o na coisa mais importante do mundo. Um bebê que não é nada no plano do real torna-se uma divindade⁶², existindo assim no imaginário dos pais⁶³, numa verdadeira ilusão antecipatória do sujeito operada pelo amor⁶⁴. “O bebê percebe no olhar e na voz do Outro, de seus próximos, que ele é a origem de surpresa e prazer. O investimento libidinal fálico do qual ele é objeto, o coroa de tal forma a esquecermos que ele não é grande-coisa; ele se transforma em *His Majesty the Baby* para parafrasear Freud em *Para Introduzir o Narcisismo*” (LASNIK, 2016, p. 33).

O bebê se vê nessa imagem refletida, vê a si no espelho dos olhos em júbilo da mãe, no brilho de seu olhar e no prazer revelado por seu rosto, identificando-se com essa imagem de ser a coisa mais importante na vida dessa pessoa, como um ideal. Embora não seja objeto deste escrito a teoria lacaniana sobre o estágio do espelho, torna-se indispensável referir que essa imagem refletida como um espelho é fundamental porque ela vai dar ao bebê seu sentimento de unificação da imagem corporal. O salto estrutural do autoerotismo ao

⁶⁰ Uma representação disso vemos nos quadros chamados de Natividades, como por exemplo de Fra Angelico sobre o nascimento da criança divina, salvadora. O olhar maravilhado dos pais que lhe confere uma aura, um brilho que lhe coroa. Também na história do menino Jesus em que somente Maria sabia da anunciação de que iria ter o filho divino, de Deus. Trata-se de uma narrativa de um povo oprimido que encontra nela um sentido para viver, que do ventre de uma das suas mulheres nasce o rei dos reis. Essa fábula religiosa retrata bem o narcisismo. Outra representação encontramos no mito de Narciso, pois a mitologia grega retrata bem os dramas humanos. Um tempo constitutivo retratado nos quadros, nos mitos e no texto de Freud. Essa criança como um ‘presente’ maravilhoso, que equivale ao menino Jesus em cada casa.

⁶¹ Freud escreveu essa expressão em inglês mesmo no original em alemão, aludindo à pintura de Arthur Drummond na Royal Academy (1898) com esse título. Em 1935 a frase ressurgiu como título de uma música composta pelos compositores americanos Neville Fleson, Artur Terker e Mabel Wayne.

⁶² O experimento da Imagem especular do esquema ótico de Bouasse citado por Lacan parece o modelo do Narcisismo no bebê. “O experimento se apoiava nas características do espelho côncavo que retroprojetava o objeto escondido sob uma mesa, no alto, na altura da boca do vaso. Mas essa miragem só podia ser produzida desde que o olhar do observador estivesse corretamente posicionado no cone formado pelas duas retas das bordas do espelho” (Lasnik, 2016, p. 35). Lacan provavelmente partiu da expressão *ponto de vista* usada por Freud no parágrafo histórico que citamos: há um vaso vazio, porém conforme está o jogo de espelhos, vê-se algo que não está ali. O vaso vazio, oco é o bebê. Aos olhos dos pais, por causa do imaginário, eles enxergam um bebê maravilhoso e não um organismo oco. Esse é o jogo do imaginário. No experimento ótico, as flores não estão lá, mas dão a ilusão de estar, para ver as flores onde elas não existem, para dar atributos onde não há, é preciso que o observador esteja num certo *ponto de vista*, só deste ponto ele enxerga nesse vaso vazio um ramalhete de flores. Quem não está nesse ponto de vista só vê o vaso vazio, não vê nada demais. Assim figura o investimento libidinal dos pais no bebê, desde seu ponto de vista, esse bebê é a coisa mais maravilhosa e importante do mundo.

⁶³ Esse é o registro do Imaginário da tópica lacaniana, o bebê existe assim no imaginário dos pais, eles que veem o bebê assim, uma majestade, um primeiro tempo de ilusão antecipatória que Lacan propõe no Seminário I (1953-1954).

⁶⁴ A loucura necessária das mães como chamou Winnicott.

narcisismo não se consuma sem a presença do semelhante. Esse salto da constituição do Eu pela unificação das pulsões, pela unificação em torno da imagem de si, é o narcisismo.

Nesse plano, o narcisismo é a captação amorosa do indivíduo da imagem que vê refletida no rosto da mãe, como complementou Winnicott⁶⁵ sobre o estágio do espelho em Lacan⁶⁶. Nessa perspectiva, mesmo o narcisismo primário está concebido numa relação intersubjetiva, uma identificação com a imagem de outrem e uma interiorização de uma relação⁶⁷. Nessa perspectiva, o si mesmo primeiramente é efeito de uma ilusão⁶⁸. A identificação narcisista tem uma função na constituição do Eu, um conjunto de representações que conformam quem se vai ser. O narcisismo paterno e materno reeditados são condições necessárias para a constituição do Eu da criança, sendo “que é o ego na sua totalidade que é tomado como objeto de amor, somos assim levados a fazer coincidir a predominância do narcisismo infantil com os momentos formadores do ego” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1990, p. 366).

Essa concepção equivale ao que foi apresentado anteriormente sobre o segundo dos três tempos estruturantes e constitutivos do Eu. Nesse tempo, que está em sucessão ao *Eu-realidade inicial*, o Eu coincide com tudo que é agradável e o mundo exterior – aquilo que não é Eu – com todo o desagradável. Este segundo tempo é chamado de *Eu-prazer*, nele prevalecendo o “*Eu-prazer-purificado*, que coloca a característica de prazer acima de

⁶⁵ Conforme texto de Winnicott (1967) *O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*, em que o rosto da mãe é o primeiro espelho para o bebê. “No desenvolvimento emocional individual, o precursor do espelho é o rosto da mãe. Sem dúvida, o artigo de Jacques Lacan, 'Le Stade du Miroir' (1949), me influenciou. Ele se refere ao uso do espelho no desenvolvimento do ego de cada indivíduo. Lacan, porém, não pensa no espelho em termos do rosto da mãe do modo como desejo fazer aqui. O que vê o bebê quando olha para o rosto da mãe? Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando para o bebê e aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali. Tudo isso é facilmente tomado como evidente. Peço que isso, naturalmente bem realizado por mães que estão cuidando de seus bebês, não seja considerado tão evidente assim” (1967, p. 4). Esta cena se representa bem na música de Vinicius de Moraes (1977): “quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar, ai que bom que isso é meu Deus”.

⁶⁶ Jacques Lacan (1949) propôs a formação do ego, em algum momento entre o sexto e o oitavo mês, como a experiência narcísica que ele denomina estágio do espelho. Lacan diz que se constitui o eu na imagem de si no espelho, que o Eu vem do espelho, de uma alienação inicial ao amor de outra pessoa.

⁶⁷ Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) Freud diz que “a identificação é a mais remota forma de expressão de laço emocional com outra pessoa” (p. 133). Na mais primitiva infância, a identificação primária está referida ao outro, no circuito do desejo e pelo narcisismo materno e paterno reeditados. É em *Luto e melancolia* (1915) Freud refere a identificação narcísica com objeto como uma incorporação.

⁶⁸ Lacan enuncia no *Seminário 11* (1973), *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que existem duas operações de causação do sujeito: a alienação e a separação. A alienação seria um primeiro tempo constituinte, do surgimento do sujeito num laço de sujeitamento ao Outro real, o bebê vai se fazer objeto do gozo do outro, “se fazer olhar”, oferecendo-se como objeto da volúpia de sua mãe “buscando atento a alegria que se inscreve no seu rosto e no seu olhar” (LASNIK, 2013, p. 145).

qualquer outra. O mundo externo é decomposto agora em uma parcela prazerosa, que ele incorpora em si, e em um resto, que lhe parece estranho [*fremd*]. De seu próprio Eu ele extraiu uma parte que expeliu para o mundo externo e que passa a sentir como hostil” (FREUD, 1915, p. 159). Neste momento, diferentemente do primeiro tempo, o mundo exterior entra em consideração.

Freud adverte que os seres humanos precisam amar para não enfermar, sair de si e investir no mundo:

Podemos arriscar-nos a indagar por que a vida psíquica se vê forçada a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e a depositar a libido nos objetos. [...] Um forte egoísmo protege o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos não pudermos amar (FREUD, 1914, p. 105-106).

Isso significa que o narcisismo, como tempo evolutivo, deverá encontrar um desfecho. O Eu ideal, grandioso, idealizado e estimado é o Eu do narcisismo. Essa posição, obviamente, é insustentável ao largo do crescimento da criança. Quando Freud observa que, quando esse Eu ideal começa a exibir fraturas, uma nova situação surge, o erguimento de um Ideal do Eu. Nessa condição, “o amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal. O narcisismo surge deslocado nesse novo Eu que é ideal e que, como o Eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude” (FREUD, 1914, p. 112).

Quando trata das instâncias ideais, Freud refere a necessidade estruturante de passar do narcisismo – do Eu ideal – para o Ideal do Eu por intermédio das operações psíquicas que implantam a castração simbólica⁶⁹, quando então o sujeito tem que descer do Olimpo do narcisismo e construir seus ideais. “Para um bebê que vai bem, seu tempo de Majestade deverá ser cada vez mais de curta duração. Rapidamente, é conveniente que seu ‘Pessoa experiente’, sua mãe ou alguém que se ocupa dele, coloque a divindade retransformada em bebê para dormir” (LASNIK, 2016, p. 39). A vida também pode ser dura com sua Majestade, cujo reinado narcísico está com os dias contados em razão de seu declínio que nele se opera

⁶⁹ Segundo Laplanche e Pontalis (1988) o complexo de castração é o “complexo centrado no fantasma (fantasia) de castração, que vem trazer uma resposta ao enigma posto à criança pela diferença anatômica dos sexos (presença ou ausência de pênis): esta diferença é atribuída a um corte do pênis da criança do sexo feminino. [...] O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo, e mais especialmente com a sua função interditória e normativa” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 111). A punição viria pela realização dos desejos incestuosos e homicidas do complexo edipiano.

para dar lugar à experiência da castração simbólica. Assim que, na terceira parte do texto, Freud inicia sua escrita com o seguinte enunciado:

Há um material de particular relevância para nosso tema que ainda aguarda elucidação. Refiro-me às perturbações a que o narcisismo original da criança está exposto, às reações com as quais o narcisismo se defende dessas perturbações e também às vias que o narcisismo, nesse processo, é forçado a percorrer. O trecho mais importante desse material é sem dúvida o “complexo de castração” (medo [*Angst*] em relação ao próprio pênis no caso do menino e inveja do pênis no caso da menina), que pode ser abordado especificamente no contexto da intimidação sexual precoce sofrida pela criança. A pesquisa psicanalítica possibilita-nos rastrear os destinos das pulsões libidinais quando elas já se encontram isoladas das pulsões do Eu e em oposição a estas. Também nos permite fazer inferências retroagindo a uma época e a uma situação psíquica em que ambas as classes de pulsões, em um amalgamento indissolúvel, agiam em conjunto e compareciam sob a forma de interesses narcísicos (FREUD, 1914, p. 111).

Doravante, este narcisismo original, o narcisismo da plenitude ideal que Freud chamou de Eu ideal, o eu-prazer ou eu-prazer-purificado, estará propenso a ser perturbado e será forçado a percorrer certas direções. O agente desse forçamento não é o próprio sujeito, mas o semelhante através do que Freud designa de intimidação sexual precoce. O importante nesse percurso é como ingressa no funcionamento psíquico a castração simbólica que Freud chama aqui de complexo de castração ou angústia de castração. É como ir dizendo ao pequeno ser transformado em divindade que “você não é toda essa majestade, não pode fazer tudo que quer”⁷⁰. Portanto, os limites para o exercício da satisfação sexual e narcísica serão operados pelo semelhante, podendo esta operação ser concebida como um processo ético-formativo.

Se há uma maneira de pensar o que seria um processo educativo desde o ponto de vista psicanalítico - sem ser o senso-comum de ‘colocar limites nas crianças’ com fórmulas prontas - é a experiência de trânsito através da castração simbólica. O conceito nuclear para pensar o processo ético-formativo é o impacto subjetivo da experiência de castração simbólica sobre a construção imaginária do ‘tudo pode’ do narcisismo, sendo as renúncias decorrentes desse feito, estruturantes. O papel do semelhante será fundamental em ajudar o pequeno aprendiz no caminho de suas renúncias e em como metabolizar esse impacto, qual seja, se vai ter quem o acompanhe e que faça ofertas simbólicas com recursos substitutos à satisfação renunciada. Desse modo, é estrutural o modo como esse grupo humano que cuida da criança pequena, usa esse operador psíquico que em psicanálise se conhece como castração simbólica.

⁷⁰ Ou todas as flores, se relembramos o esquema ótico de Bouasse usado por Lacan e citado anteriormente.

A ‘intimidação sexual precoce’ a que Freud se refere é a notícia que a criança recebe de que nem tudo é possível fazer, que não pode satisfazer todos seus desejos sexuais auto-eróticos, como masturbar-se em público, bem como em um determinado momento não controlar mais os esfíncteres, ouvindo ‘assim não se faz, criança bonita não faz isso’, ‘criança bonita não suja as calças’. O controle esfínteriano, se bem que necessita da maturação neurofisiológica, não é uma aquisição autônoma, mas um marco na operação de apropriação e controle do corpo, um passo rumo à humanização, momento em que a criança faz uma recusa à satisfação pulsional imediata e que permite trocas lúdicas com o adulto. Para Bleichmar (2008), o controle dos esfíncteres se relaciona com a possibilidade de renunciar a certo imediatismo pulsional e ter consideração pelos outros, sendo que a criança renuncia ao desejo de evacuar em qualquer lugar ou à qualquer hora por amor à mãe, porém também pelo medo da perda desse amor e admiração. A inscrição da norma vai marcando uma renúncia no interior da cultura, de reconhecimento e respeito ao semelhante.

Em nota de rodapé acrescentada em 1920 à terceira edição dos *Três ensaios sobre a sexualidade*, Freud faz o seguinte comentário em *As manifestações sexuais masturbatórias*, a propósito da satisfação auto erótica nas atividades infantis na zona anal:

A história da primeira proibição com que a criança esbarra, a proibição de extrair prazer da atividade anal e de seus produtos, é decisiva para todo o seu desenvolvimento. É nessa ocasião que a criaturinha deve pressentir pela primeira vez um meio hostil a suas moções pulsionais, aprender a separar seu próprio ser desse desconhecido e então efetuar o primeiro “recalcamento” de suas possibilidades de prazer. A partir daí, o “anal” permaneceria como símbolo de tudo o que deve ser repudiado, afastado da vida (FREUD, 1905, p. 175).

Assim sendo, vai se construindo inicialmente uma ideia do que pode e do que não se pode fazer, tanto em privado quanto em público, operações que tem o caráter de um ato ético-formativo. A majestade não pode tudo e os pais sabem que esse enamoramento todo é um jogo imaginário. A ordem simbólica se impõe como ordenamento geral da vida, agora *His Majesty the Baby* tem que sentar na cadeirinha para comer o ‘papá’, ser posto para dormir, fazer suas necessidades excretórias no banheiro. Esse Eu ideal vai sofrer um impacto, o impacto das normas sobre o psiquismo inscrito pela grande categoria da castração simbólica, que deixa marcada uma cicatriz sobre o sujeito, mais tarde chamada por Freud de Supereu⁷¹. Isso é o que conhecemos como a lei, que primeiro vem de fora, do semelhante.

⁷¹ Em *O Ego e o Id* (1923).

O narcisismo é forçado na direção do seu declínio. Todavia, quando os pais têm um filho, ele renasce com toda a força, e o jogo imaginário recomeça projetado no bebê. Contudo, se os pais não considerarem que isso é um jogo, que deverá obedecer a um constante entrelaçamento entre o real, o imaginário e a ordem simbólica, pode-se produzir um dano em razão de não haver instituição da renúncia pulsional. Freud já havia advertido que uma criança que fosse excessivamente atendida, adoeceria: “só tendem ao estado de angústia as crianças com uma pulsão sexual desmedida, ou prematuramente desenvolvida, ou que se tornou muito exigente em função dos mimos excessivos” (FREUD, 1905, p 211). O preço que se paga pela inscrição na cultura é a renúncia pulsional. Portanto, torna-se decisivo o modo como cada grupo humano encarrega-se de produzir as marcas eróticas sobre o corpo que humanizam o sujeito; dar-lhe uma representação de si próprio; depois tornar-lhe um cidadão, ou seja, alguém que reconhece um conjunto dado de normas e é capaz de suportar o convívio coletivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A DIMENSÃO ÉTICO-FORMATIVA DA CONDIÇÃO INFANTIL EM SIGMUND FREUD – UMA PROBLEMATIZAÇÃO E UMA SÍNTESE

Esta dissertação de mestrado pretendeu investigar a concepção da infância em Sigmund Freud e os processos de estruturação psíquica precoce, trazendo este aporte da psicanálise de modo a problematizar a condição infantil, levando contribuições da teoria freudiana para dentro do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. Este conclusivo capítulo será uma síntese da investigação desenvolvida nos capítulos anteriores, retomando e problematizando cada um deles com base no problema de investigação, como um fechamento da dissertação com a tese central que alinhava a justificativa da escolha dos textos de Freud sobre a condição imatura infantil, o desamparo primordial, a estruturação psíquica, o papel do semelhante e sua dimensão ético-formativa. Assim, problematizaremos como e porque consideramos que o encontro inter-humano é potente do ponto de vista ético-formativo, extraindo um resumo que intenciona esclarecer que processo de formação humana está implícito no texto de Freud, articulado à questão da condição infantil e à relação com o semelhante, sendo basicamente um processo que se dá entre dois, na intersubjetividade, a partir de uma noção de cuidado e de uma ética na relação adulto-criança, tendo a psicanálise um desdobramento formativo. Assim, consideramos os pressupostos da psicanálise que apontam o papel do adulto na constituição subjetiva de uma criança e, conforme nosso objetivo inicial, compartilhamos os conhecimentos da psicanálise a respeito da dimensão ético-formativa da estruturação psíquica precoce em Sigmund Freud considerando o papel primordial que o adulto ocupa na condição infantil dos pequenos que tem ao seu cuidado.

Nos quatro primeiros capítulos desta pesquisa fizemos uma exposição da constituição infantil em Sigmund Freud e assim, respondemos às perguntas que nos propusemos investigar: Quem é a criança freudiana? O que significa, do ponto de vista psicanalítico, na teoria freudiana, a noção da criança como um ser imaturo? O que significa, a partir de Freud, a noção de desamparo primordial como inerente à condição humana? Existiriam, nesta condição inicial do ser humano, possibilidades abertas que, ainda que como potencialidades, estariam presentes como dado natural? Ou trata-se de um processo de constituição do vir a ser humano? Como conceber teoricamente a constituição psíquica humana a partir da noção de desamparo primordial e da ação do semelhante em Sigmund Freud?

A partir de agora retomaremos o texto para, ao realizar uma exegese do mesmo, problematizar a dimensão ético-formativa presente em cada um dos capítulos, com especial atenção para o que consideramos ser o eixo central organizador dessa condição infantil: a prioridade do outro, o reconhecimento do semelhante. Como se dá a dimensão ético-formativa a partir da condição infantil em Sigmund Freud? Qual é o aspecto ético-formativo que se constrói na relação do adulto com a criança a partir da condição imatura infantil de desamparo primordial? Quais são as dimensões ético-formativas que o processo de estruturação psíquica precoce em Freud, embora não exponha abertamente, supõe acontecer? A estruturação psíquica precoce é um processo que se dá entre dois, que se plasma na intersubjetividade, onde a marca do outro faz resultar uma ideia de formação humana decorrente desse encontro com nítida dimensão ética e formativa. No decorrer dos capítulos, é ressaltada a prioridade da ação e da presença da figura do adulto cuidador em posição de alteridade desde os primeiros tempos – sejam esses cuidadores os pais ou seus substitutos – garantia de sustentação da vida tanto biológica quanto psíquica.

O adulto de referência próxima apresenta-se como estruturante do aparelho psíquico, e sem sua presença a criança seria incapaz de formar seu psiquismo. Isso parece uma trivialidade; contudo, tomando a questão pelo ponto de vista ético-formativo, torna-se decisiva a maneira como o adulto precisa se posicionar, e a postura que adotar poderá ou não contribuir formativamente enquanto se processa a estruturação do psiquismo infantil. Foi possível resgatar, no trabalho com os textos clássicos freudianos, um modo de cuidado e transformação de si mesmo, assim como enfatizar os princípios éticos que regem o encontro com bebês e crianças pequenas.

No primeiro capítulo partimos da análise do texto *Sobre a concepção das afasias* (1891) para ali explicitar a ideia de que o aparelho mental ultrapassa amplamente a concepção neuro-anatômica. Nos foi dado observar Freud sustentando a construção do aparelho de linguagem fora de um paradigma reducionista, introduzindo a noção de complexidade que destaca que os processos psíquicos são subjetivos. Na primeira parte de nosso exame, intitulada *Do fisiológico ao psíquico*, ao estudar as disfunções da linguagem e se recusar a entendê-las desde uma posição somente neurológica, observamos que Freud vai pesquisar como esse aparelho de linguagem – que ainda não está estruturado – funciona e se constitui. A linguagem, além de contar com o substrato neurológico, se constitui dentro de um processo subjetivo e dinâmico, onde um sujeito se torna capaz de ter representações e pensamentos, memória e afetos, a partir da interação com o semelhante cuidador.

O aspecto neurológico representa uma significativa dimensão do desenvolvimento de um ser humano, mas não sua totalidade, e ainda que seja fundamental não é suficiente para construir uma mente pensante e uma formação ética. Freud questiona como seria possível que faculdades psíquicas inteiras pudessem ser localizadas na anatomia do cérebro ou delas derivar, e estende a mesma indagação para a linguagem. Sua proposição foi a de introduzir a noção de complexidade ao inserir a subjetividade nas concepções da ciência médica da época. Isso o levou a conceber o *aparelho de linguagem* como algo que se constitui através de uma intrincada rede de representações a partir do encontro com outro aparelho de linguagem. Este parece ser o núcleo que trata a formação humana não como um processo naturalizado, de desenvolvimento endógeno-organicista, mas sim cultural, processual, um processo intersubjetivo.

Na direção oposta à de uma leitura convencional que é feita do Freud deste período, salientamos que já em seus primeiros escritos podem ser encontrados aspectos que o distanciam do positivismo psicológico e o colocam na trilha da *Geisteswissenschaft*, destacando que o processo de formação do psíquico é um ato eminentemente cultural, que possui, obviamente, sua estrutura fisiológico-neuronal, mas que não se deixa determinar exclusivamente por ela. Ao colocar o problema nestes termos, Freud já abre, embrionariamente, de maneira muito original no campo da psicologia, um amplo espaço para pensar como ocorre o processo de formação cultural da psique humana. Ele se insere, neste sentido, embora ele ainda não tenha plena consciência disso no início de sua trajetória cultural, no âmbito da tradição alemã da *Geisteswissenschaft* e de sua especificidade em relação à *Naturwissenschaft*.

A linguagem é uma aquisição que ocorre no nível das trocas simbólicas não bastando, para tanto, um sistema neurológico saudável. Também a dimensão ético-formativa não é um processo fisiológico. A comunicação é uma função simbólica no Freud de *Sobre a concepção das afasias*. Se, no final do século XIX Freud partiu dos estudos de um sujeito cerebral para adicionar um sujeito psíquico – e mesmo com todas as contribuições da psicanálise freudiana e pós-freudiana – hoje assistimos a uma forte tendência de reduzir o sujeito a seu aparato biológico, numa espécie de neurologia do sujeito que leva a sub-denominações como neuro-aprendizagem, neuropsicologia, a neuropedagogia, todas trazendo as neurociências como matriz condicionante de uma formatação preponderantemente organicista de pensar a alma humana e a subjetividade. Frente a esta tendência neurofisiológica, resgatar a subjetividade significa resgatar o sujeito psíquico, posição ética de quem tem a seu encargo a infância.

Na segunda parte, intitulada *A teoria freudiana da linguagem: da representação de objeto e da representação-palavra* Freud descreve a construção do *aparelho de linguagem*, descrição esta que pode ser entendida como uma primeira representação do *aparelho psíquico*. A linguagem é ali apresentada não como uma função natural, automática ou inata, mas como uma construção que se dá a partir do contato com outro aparelho de linguagem. O texto não trata diretamente da infância, mas descreve como acontece a constituição da linguagem e do aparelho psíquico no bebê humano nos primeiros tempos da vida. A radicalidade da posição freudiana está na inclusão do outro, o sujeito do outro aparelho de linguagem de quem se recebe, primeiramente, a palavra. Assim, pela mediação e disponibilidade afetiva do outro, nos chegam as palavras e as coisas que, partindo da simplicidade inicial, vão construindo representações cada vez mais complexas do nosso mundo interno e do mundo que nos cerca num processo de formação humana. Retomando Garcia-Roza, “o aparelho de linguagem nos coloca em presença de um outro aparelho de linguagem que nos introduz no registro da troca simbólica. A linguagem é algo que se adquire, assim como o aparelho de linguagem é algo que se constrói, estas são as teses presentes no texto de Freud” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 40). A linguagem se adquire numa construção que é indissociável das experiências com o outro humano e da intersubjetividade, sendo o processo de estruturação de um aparelho da linguagem a própria formação do sujeito psíquico. A disponibilidade constante no jogo de presença ou de ausência, a qualidade da palavra que o outro dispensa ao bebê revelam a dimensão ético-formativa da presença do outro na constituição humana.

A terceira parte do capítulo, *Teoria embrionária do bebê e o papel do cuidado adulto* mostra o psiquismo como uma construção que exige um conjunto de gestos de alta complexidade a fim de que o bebê desenvolva a linguagem, tendo neles a figura do adulto cuidador um protagonismo fundamental. Quando o bebê recebe palavras de um outro aparelho de linguagem, elas estão inseridas numa rede simbólica de desejo e expectativas. Essa construção acontece na relação precoce com o outro, que deixa inscritas no incipiente tecido psíquico suas marcas. Nessa assimetria originária entre os dois protagonistas reside um aspecto ético-formativo fundamental, uma vez que nela se aprende a palavra através do outro que considera o bebê um sujeito – mesmo que ele ainda não o seja – e fala com ele. As palavras que vem do adulto em posição de assimetria serão alimento simbólico do bebê, que vai ser falado, pensado, antes mesmo que possa falar e pensar.

Esse é um paradoxo da constituição humana na primeira infância de forte tonalidade ético-formativa: falamos com nossos bebês sabendo que não entendem o sentido compartilhado da linguagem. Eles são representados e falados antes que possam falar. A mãe faz uma função atributiva ao atribuir pensamentos e sentimentos ao seu bebê. Isso é que faz com que o semelhante humano que o tem a seus cuidados outorgue sentidos e nomeie os signos que a criança emite, inaugurando as condições de humanização. O ser vivo para se tornar um 'ser humano' tem que ser humanizado.

A complexidade deste ato que conduz à experiência de linguagem é formativa porque implica o nascimento de um conjunto de diferentes marcas e registros do vivido que constituem a rede representacional e o tecido psíquico, criação nova e própria para cada um. Nessa dimensão, Freud está propondo que toda transmissão que serve de base para a estruturação humana passa pela linguagem e pela intersubjetividade numa experiência singular e única. No aparelho de linguagem humano a representação é particular em razão de que somos confrontados com um outro aparelho de linguagem que nos transmite a linguagem desde sua própria rede significante desejante inconsciente, traço marcante da singularidade humana. A ruptura freudiana com o determinismo fisiologista permite a concepção cultural-formativa do bebê, destacando a centralidade dos cuidados adultos na formação da psique infantil.

No capítulo dois, a partir do estudo do texto *Projeto para uma psicologia científica*, (1895), abordamos a estruturação psíquica precoce e os conceitos de desamparo primordial e complexo do semelhante. Há um marcado contraste entre a imaturidade e insuficiência do recém-nascido e a maturidade física e psíquica do adulto que o cuida; os bebês dependem vitalmente dos adultos, pois se fossem deixados a si mesmos não poderiam exercer as funções básicas para sobreviver e morreriam. Seu desamparo leva à relação primordial com o semelhante, que com suas ações específicas, atende suas necessidades de conservação da vida e propicia o processo de constituição do vir a ser humano a partir das experiências de satisfação que se inscrevem.

Dissemos que Freud (1895) propõe na teorização da primeira tópica que, no momento de nascer, não se é ainda um ser humano; aquele que nasce é um organismo biológico fetalizado, dominado pelo modelo do arco-reflexo, e sobre o qual algo precisará acontecer para que advenha um sujeito psíquico, sendo a condição humana uma construção intersubjetiva não natural ou biologicamente dada e que tampouco se desenvolve autonomamente. Dissemos que a infância é um tempo precioso e fundamental para a

formação humana, tempo inigualavelmente aberto a inscrições quando comparado a outros tempos da vida, como afirmou Freud (1905). Uma vez que as crianças dependem vitalmente dos adultos, precisam ter conservada sua integridade física e também serem iniciados nos hábitos, costumes e ideais, realização que se dá primordialmente através do processo que costumamos chamar educação.

Nesse sentido o desamparo primordial do bebê humano é parte da condição humana em Freud. A condição imatura infantil convoca a figura do semelhante a vir em seu auxílio e atendê-lo, oferecendo, em seus cuidados, um universo libidinal que produz efeitos transformadores sobre esse organismo básico original para que se converta num organismo complexo, ação fundamental no processo de humanização. Por esse motivo “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (FREUD, 1895, p 336). Aqui se desenha a primeira dimensão ético-formativa da categoria do semelhante a ser problematizada a partir desse texto freudiano. O adulto sensível e comovido faz um esforço de entendimento para tornar-se intérprete do choro, dos atos e demandas do bebê, revelando seu compromisso ao atender o desamparado. “O fato de que um bebê chore porque tem um mal-estar, porque sente um desprazer, se converte em mensagem a partir de que há um outro humano capaz de recebê-la e de transformar esse pranto em mensagem, ou seja, em algo frente ao qual deve responder” (BLEICHMAR, 2011, p. 19, tradução nossa). Portanto, uma mensagem não se constitui se não há um receptor. O bebê não sabe o que é fome; ele sofre uma tensão interna oriunda da quebra da homeostase fisiológica. São os adultos que nomeiam esse estado como “estás com fome!”. Dar uma resposta se converte aqui num imperativo ético-moral assumido pelo adulto de tomar para si a responsabilidade de responder por essa criança e para essa criança, tomá-la em consideração como algo que lhe concerne, a sua criança. O humano próximo e experiente se coloca numa posição prestativa para o bebê, dando aquilo que ele precisa, satisfazendo sua necessidade e tendo nesse gesto um registro de prazer que produz efeitos subjetivos. Esta é uma posição de cuidado e responsabilidade do adulto e considerando que a vulnerabilidade e a dependência são inerentes à condição infantil, enfatizamos nessa pesquisa a posição de alteridade, o compromisso e o papel primordial do cuidador.

É assim que o próximo assegurador (*Nebenmensch*) vai afastando a cria do campo da mera necessidade biológica e o instaura no campo da linguagem e da intersubjetividade. Esse ato – que garante a sobrevivência do bebê e que é também o ato responsável pela inclusão no mundo humano – é perpetrado pelo adulto, que mesmo tendo prerrogativa de escolher nada

fazer, resolve por realizar um gesto de cuidado na direção de um ser que ainda não passa de um organismo deficitário para realizar, nesse ato mesmo, o ingresso no mundo humano. Um ser que tem pouco ou quase nada a oferecer em troca. Esse ato de cuidado que origina a humanização, significando que alguém viu no bebê atributos de sujeito e o incluiu no mundo, coloca-nos frente a um compromisso moral de fazer pelo semelhante esse mesmo ato de auxílio que alguém um dia – sem que tivéssemos sequer recursos para pedir nem atributos para ofertar e merecer – fez por nós e nos transformou em quem somos. Carregamos a marca do auxílio recebido no desamparo, que é o que sensibiliza e move a ir em auxílio do bebê; o desamparo do bebê reativa essa marca interna que carregamos. É dele que trata a enigmática frase de Freud: “o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os motivos morais” (FREUD, 1895, p. 336).

Esse é o princípio da ética para com o semelhante do ponto de vista freudiano. O estado de desamparo em que nascemos, nossa condição humana primeira, que nos põe na condição de deficiente, depende de um gesto de inclusão de alguém para que possamos ingressar no mundo humano. Ao dedicar generosamente um tempo de sua vida aos cuidados do bebê, o semelhante cuidador nos ensina o amor generoso e deixa uma inscrição como um cimento para a solidariedade e compaixão, marcando decisivamente de modo saudável a estruturação psíquica do *infans*. Quando puder representar psiquicamente o mundo e o semelhante, reconhecerá a marca do acolhimento afetivo recebido no estado de total desamparo. Esse ato nos coloca em posição de reconhecer o semelhante e respeitá-lo.

Entretanto, há uma segunda questão central em que se desdobra essa questão formativa que desejamos destacar na condição infantil descrita por Freud. Além do reconhecimento do papel do semelhante, outra condição a considerar é que o semelhante está em posição de alteridade. A partir da dependência radical e da condição de passividade inerente ao desamparo primordial, o adulto, a *pessoa experiente*, pode nada fazer ou fazer o que quer com esse bebê que está em suas mãos. Por que não o faz? Por que alguém, mesmo tendo o poder de fazer o que quiser conosco, decidir nosso destino e inclusive causar dano, não o faz? E inclusive tudo que fez foi acolher no mundo, resgatar do desamparo e dar um lugar significativo em sua vida. Este é um ponto de origem da ética para Freud – e por isso mesmo a “fonte primordial de todos os motivos morais” (FREUD, 1895, p. 336) – a dupla função que cumpre o semelhante: de aproximação, inscrevendo a sexualidade, e de renúncia. A problemática ética passa, segundo Bleichmar (2011, p. 18), “pelo modo em que o adulto se posiciona frente à criança em sua dupla função de inscrever a sexualidade e, ao mesmo

tempo, de pautar os limites de sua própria apropriação, ou seja, não se trata da ação da criança, senão de um limite à apropriação do corpo da criança por parte do adulto”.

Há, portanto, no lugar do semelhante, uma complexidade que é determinante em sua posição de alteridade. A partir dela as experiências e gestos presentes nas origens de um ser humano assumem uma profunda dimensão ético-formativa. O processo de humanização em psicanálise não é só satisfação de necessidades biológicas, mas inscrição da pulsão em si desde a sexualidade do outro. Embora Freud não exponha abertamente, propomos que a renúncia pulsional poderia ser um motor central e primeiro daquilo que poderia ser descrito como um processo formativo em seus escritos, e que implica justamente na possibilidade de transformar, dominar e sublimar a pulsão. Este é, portanto, um processo ético atravessado por renúncias que vão permitir uma aproximação, no sujeito infantil, de uma consideração pelo semelhante, aquele que se encontra numa posição ética de cuidado e compromisso que lhe salva a vida biológica e lhe oferece existência subjetiva. Essa é uma posição de central importância, já que a renúncia significa reconhecer no bebê um semelhante que tem suas próprias necessidades em contraponto a outros modos de dessubjetivação com exercício perverso e desconstrução da noção de semelhante. O fundamento ético orientador é o reconhecimento do semelhante e de suas contingências. Conforme Bleichmar:

O corpo da criança é limitado como lugar de gozo para o adulto, na medida em que este sente pela criança o amor nos termos da ética. Vale dizer, o amor sublimatório possui a capacidade de ter em conta o outro, de considerar ao outro como subjetividade. (...) A problemática da ética começa com o modo com que o adulto vai anular a seu próprio gozo na relação com o corpo da criança, inscrevendo desse modo, nos cuidados que realiza, algo da ordem de uma circulação ligada, que sendo libidinal, entretanto, não é puramente erógena, mas também organizadora. Esta forma de operar do adulto em relação à criança vai ser a base de todos os motivos morais, como sustenta Freud (BLEICHMAR, 2011, p. 18, tradução nossa).

Mezan (1990, p. 169) refere que Freud, com a posição explicitada nessa afirmativa, realiza uma arqueologia da moral. O autor a partir da citada afirmação freudiana, problematiza o desamparo primordial: “por que a situação indefesa do lactente é a fonte das motivações morais?” pergunta-se o autor. Para ele, um aspecto do problema é “o da humanização do homem pelo reconhecimento recíproco. Uma ‘motivação moral’ é aquela em que o reconhecimento de outro ser humano como semelhante a mim representa um momento essencial” (1990, p. 169). A relação de alteridade do adulto com o *infans*, reconhecido como

um semelhante e como da mesma espécie, porém em posição de assimetria e dependência, também está nas argumentações de Mezan.

É o registro da alteridade que desponta aqui, mas de uma alteridade muito precisa, a da dependência que sucede ao solipsismo originário. Dependência a ser entendida nos dois sentidos: dependência física do lactente em relação à mãe, mas igualmente dependência desta em relação àquele, como objeto de amor (MEZAN, 1990, p. 169-170).

Para Mezan, Freud indica que a eficácia dos mandamentos morais está no amor à criança e no medo de perdê-la, assegurando o cuidado ético e a posição de alteridade a ser ocupada nos cuidados primários. Há um cuidado e uma dependência recíproca, “desvelando uma acepção do ‘amarás ao próximo como a ti mesmo’” (MEZAN, 1990, p. 170). A situação indefesa originária do ser humano é a fonte dos motivos morais porque ela facilitaria agressões sedutoras “por parte de um ‘outro’ não mais indefeso, e posteriormente a repetição desta agressão sedutora frente a um segundo ‘outro’, igualmente inerme” (MEZAN, 1990, p. 172). Vale frisar que a expressão “agressões sedutoras” aqui citadas dizem respeito aos desenvolvimentos teóricos de Freud nessa época, mas podem ser estendidas a outros tipos diversos de maus tratos ou mesmo de abandono. Aqui o termo repugnância usado por Freud pode estar referido à renúncia pulsional do adulto em posição de alteridade de usar o bebê indefeso como objeto de seu próprio gozo⁷².

O funcionamento psíquico regido tanto pelo processo primário quanto pelo processo secundário é precursor da formação de um Eu que exerce a inibição da descarga direta da satisfação tendo um efeito formativo. Citamos como exemplo a ser problematizado, a concepção da amamentação pela ‘livre demanda’ ou o desmame natural, ou seja, quando a criança quiser. Ou ainda os ‘métodos modernos’ de deixar a criança pequena chorando sozinha no seu berço até que pare por si mesma. Estes revelam-se como métodos onde o excesso de presença ou de ausência, comprometem a dimensão ético-formativa da estruturação psíquica precoce a partir da relação com o outro.

⁷² Nesse período Freud ainda não havia abandonado a sua teoria da sedução, em que afirmava que a verdadeira causa da neurose estava num trauma real vivido na tenra infância cometido por um adulto perverso sobre a criança. A descrença nos relatos de suas históricas e o caminho para a descoberta das fantasias e da sexualidade infantil estava por vir com o entendimento de que as cenas sexuais contadas por elas poderiam ser derivadas de suas próprias fantasias e desejos.

O trabalho psíquico de renúncia pulsional outorga ao adulto uma posição de alteridade. Examinando a estruturação psíquica precoce em Freud podemos sustentar a tese de que a renúncia pulsional pode ser o primeiro motor daquele que seria um processo formativo; um processo ético, portanto, cujo transcurso passa por renúncias que vão permitindo uma aproximação do sujeito infantil e a implantação nele de uma consideração pelo semelhante desde uma posição ética.

Se recordarmos da sutileza apresentada por Freud no *Projeto para uma psicologia científica* (1895) de que a ação específica se realiza com uma dupla face de fornecimento de viveres a da *aproximação do objeto sexual*, vemos que a experiência de cuidado adulto do desamparo primordial está desdobrada em satisfação de necessidade e prazer. Essa dimensão significa que o adulto cuidador é outro ser humano que vem com seus sistemas de representações e seus desejos inconscientes. Esses desejos, quando referidos, causam espanto justamente porque são desejos recalcados no inconsciente materno, oriundos de suas próprias vivências originárias e da sexualidade infantil recalcada. A clivagem psíquica, ou seja, o inconsciente clivado do cuidador é fundamental para a constituição da subjetividade da criança. Esse é um sentido importante, em Freud, de cuidado ético e de laço amoroso, de um adulto que se recusa a usar o corpo do bebê para seu próprio gozo, uma renúncia feita por amor ao outro, dimensão ético-formativa da estruturação psíquica precoce que ocorre na intersubjetividade. O bebê que tem essa experiência carregará esta marca da recusa em si como uma semente da ética. Bleichmar (2005) corrobora a ideia freudiana de que uma renúncia pulsional somente se dá sustentada na relação amorosa com o outro, ou seja, renuncia-se ao gozo pulsional por amor ao outro.

Mais tarde, essa marca servirá de base para a recusa à satisfação pulsional parcial e narcísica que a criança deverá fazer e que se encontra descrita no capítulo quatro, quando do salto estrutural na passagem do autoerotismo ao narcisismo e da unificação das pulsões. Como se transitiva essa ação moral e ética de um ao outro, do adulto à criança, e aos outros novamente, constituindo-se numa ação virtuosa e ética do sujeito no mundo, de cuidado e respeito ao outro? Refere a autora: “A renúncia ao autoerotismo não é um ato automático resultado do adestramento, mas o efeito de uma recusa que a criança realiza em relação a um modo já capturado para obter prazer, recusa a si mesmo que não pode instaurar-se senão como efeito do amor ao semelhante” (BLEICHMAR, 2005, p. 30). Traz como exemplo a compaixão, definida por Freud nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905) como o contra-

investimento e a renúncia à crueldade e ao sadismo pulsional da criança. Entre o adulto e a criança, “se inscreve uma identificação que possibilita o reconhecimento do sofrimento do outro e não somente como dique ao sadismo, senão como sofrimento por seu próprio sofrimento” (BLEICHMAR, 2005, p. 31). Para a autora a ausência da renúncia pode ser considerada como triunfo do gozo imediato sobre o amor ao objeto, daí que a força moral é extraída “não só do desejo de agradar ao semelhante, senão que de não lhe prejudicar” (BLEICHMAR, 2005, p. 31). A tese é que esta ação depende da marca originária da renúncia do adulto, que transitiva de um ao outro, em que um sujeito não faz algo porque ao seu semelhante irá causar mal e lhe fazer sofrer. Há nessa relação primordial entre o bebê e o adulto cuidador um processo de reciprocidade ético-formativa, revelando que as relações humanas podem ser construídas na base da solidariedade, do cuidado e do amor generoso.

Aliado a isso, as renúncias necessárias e constitutivas ao exercício do prazer autoerótico pela criança deverão ser tornadas próprias por meio de um processo identificatório que permite, conforme expôs Freud nos *Três Ensaios sobre a sexualidade* (1905), construir em si mesmo diques que se erguem frente ao exercício da satisfação pulsional perverso-polimorfa e do narcisismo. O sujeito, a partir das renúncias e da consideração pelo outro, pode identificar-se com as regras e as normas de uma cultura. Esse é um processo classicamente referido como o resultado culminante do complexo edípico na teoria freudiana, necessário salto estrutural de saída do narcisismo para o reconhecimento do outro a partir da triangulação edípica. O processo que Freud descreve no Édipo é um processo de identificação com a lei e a cultura através dos seus representantes que são os pais. O interdito que vem de fora passará a ser próprio, num processo de apropriação da lei externa vinda dos pais por identificação. Contudo somos levados a considerar, a partir também de Freud, que o aspecto ético-formativo começa num momento ainda mais precoce.

Estamos aqui ante o surgimento de um sujeito ético anterior ao sepultamento do Édipo, definido no interior da dualidade que leva ao reconhecimento da alteridade, ainda quando não se sustente na triangulação na qual se constituem as instâncias ideais. Não é do lado do Ideal do Eu ou da Consciência Moral de onde se origina esta primeira eticidade, senão que do lado do Eu, no qual o outro fica inscrito como parte e como diferença, ou seja, como semelhante identitário porém também como alteridade (BLEICHMAR, 2005, p. 31, tradução nossa).

De modo que a construção do sujeito ético pode ser rastreada na estruturação psíquica precoce e não somente a partir da triangulação e da culpabilidade edípica e de sua resolução por meios identificatórios. Se o sujeito emerge banhado na sexualidade, ele é também

convocado a regular sua sexualidade auto erótica e, posteriormente, seu narcisismo, a partir do ordenamento estrutural decorrente da assimetria adulto-criança e de como ocorre a transitividade da renúncia. “É nessa dupla inserção que se inscreve desde as origens onde o autoerotismo encontra regulação e ao mesmo tempo é espaço de instalação, no interior do polimorfismo perverso, de um sujeito ético que vai se articulando desde os começos mesmos da vida” (BLEICHMAR, 2005, p. 31).

Vamos então ao capítulo três. Vimos em *Os primeiros modelos freudianos do aparelho psíquico*, que a experiência de satisfação com o semelhante deixa marcas que serão reinvestidas formando, nesse movimento, a alucinação primitiva, primeiro broto de desejo/pensamento e inaugurando o mundo representacional e a vida psíquica. Esse processo modifica de forma perene o funcionamento mental: o pequeno ser humano desenvolve a capacidade de pensar em algo em ausência. Do estado de viver do instinto ao erotismo presente no vínculo, surge a vida psíquica; pelo intercâmbio humano nos humanizamos.

A passagem da alucinação primitiva para o pensamento inteligente depende da operação da prova da realidade, que não se constitui sem a presença do semelhante. Essa aquisição se configura como uma das primeiras formações de um Eu capaz de inibir os processos primários de descarga direta, inaugurando a possibilidade do funcionamento mais complexo do processo secundário, o que implica – e necessita - de um fiapo de espera e renúncia. Do pensamento desadaptado da alucinação primitiva, que não resolve a realidade, ao pensamento inteligente, a presença do adulto que ajuda a postergar a satisfação e reconhecer a realidade, faz reclame. O incipiente psiquismo precisa ir além da alucinação primitiva para desenvolver funções mais complexas que se dirijam para além de si: constituir um Eu, desenvolver um funcionamento regido pelo processo psíquico secundário e estabelecer um tipo de pensamento lógico, uma inteligência capaz de resolver problemas da realidade, pré-condição para a aprendizagem. Essa dimensão formativa dos processos de estruturação psíquica precoce aparece de forma aprofundada no texto da *Interpretação do sonho* (1900). Ali os conceitos de identidade de percepção, identidade de pensamento e prova da realidade dão testemunho do quão prioritária é a presença do semelhante que, ofertando os rudimentos estruturantes de uma ética do reconhecimento, opera a passagem da alucinação primitiva ao pensamento inteligente. A passagem do aparelho mental para níveis mais complexos de funcionamento requer a presença do semelhante, e o dispositivo da *prova da realidade* figura entre as grandes instituições do Eu.

O destino dos seres humanos está dado pelas condições sociais e pelas condições de humanização específicas, não somente satisfação de necessidades básicas, mas inscrições sexualizantes que darão origem à representação, à alucinação primitiva, ao pensamento, à inteligência e ao conhecimento. A intervenção desejante do agente humano nos cuidados iniciais da cria torna-se primordial; o desamparo primordial, longe de ser um componente negativo na origem de um ser humano, desempenha papel essencial na condição infantil e, em sentido mais amplo, para a formação ética do ser humano, sendo a figura do adulto cuidador prioritária para a estruturação psíquica infantil ao introduzir o bebê humano no seio da cultura.

Neste terceiro capítulo estudamos os modelos de aparelho psíquico da *Carta 52* (1897) e da *Interpretação do Sonho* (1900). Apresentando uma progressiva sistematização de uma teoria do psiquismo Freud, nesses textos, abre caminho para a apresentação de um aparelho estratificado em distintos sistemas psíquicos, culminando na proposição da primeira descrição tópica do aparelho mental. A *Carta 52* apresenta a série de registros psíquicos nos quais as marcas mnêmicas das experiências de satisfação vão deixando traços e registros permanentes, constituindo, em seu conjunto, um complexo sistema de memórias baseadas em sucessivas traduções de vivências com o mundo, numa estruturação mais complexa da mente que requer a presença do semelhante. Este processo contínuo de estruturação exige um trabalho psíquico a ser realizado pelo bebê com a ajuda das narrativas do adulto intérprete sensível de suas experiências, que de outro modo seriam caóticas, desde as primeiras percepções até um sistema mais elaborado de representações. São experiências vitais que produzem impacto no ainda despreparado e incipiente psiquismo do bebê, criando um efeito residual cujo processamento depende da leitura de alguém para que sejam inscritas e representadas essas experiências no nível mental, efeito assegurador da presença do semelhante sobre o bebê. Assim, não pode haver anonimato nessa presença necessária desde os primórdios, imprescindível para que algo da experiência seja subjetivada.

A infância é o tempo mais aberto e permeável à novas inscrições se comparável ao resto da vida. Freud (1905, p. 163) afirma que “temos razões para crer que em nenhuma outra época da vida a capacidade de recepção e reprodução é maior do que justamente nos anos da infância”. As marcas e as traduções que o adulto produz através de seus cuidados são decisivas e se convertem uma questão de responsabilidade ética para com a estruturação psíquica precoce.

Mezan aponta que, na Carta 52, Freud trata do “progresso ético e cultural no plano social” (FREUD apud Mezan, 1990, p. 178), especialmente aquele que resultará do recalque que demarca uma renúncia a certas zonas erógenas. “Por trás disso está a ideia das *zonas erógenas* abandonadas. (...) Nessa diferenciação e limitação estaria, pois, o progresso na cultura e na moral, assim como no desenvolvimento individual” (FREUD, 1986, 259). A unificação progressiva das satisfações pulsionais a partir das representações decorrentes da estratificação do aparelho proposta nesta carta apontam para a construção da moral e da ética, um elemento a mais dessa arqueologia freudiana da moral. Com ajuda do adulto – ele mesmo sustentado em suas renúncias de ter o *infans* como objeto de sua satisfação própria – a estratificação psíquica e a instalação das instâncias do inconsciente, pré-consciente e consciente e do recalque vão se construindo através de um processo tradutivo que busca ordenar desde as sensações mais originárias, como os signos de percepção, até a representação mais elaborada.

A referência ao olfato remete à questão da hominização, que como se depreende da carta 52, começa a ser considerada na perspectiva da integração progressiva das pulsões parciais. As perversões representam para Freud, nesse momento, a permanência da sexualidade animal no homem, isto é, um resíduo pré-histórico nos dois sentidos deste termo: o arqueológico e o infantil. A transição dos hominídeos aos proto-homens seria contemporânea do abandono do olfato como sentido predominante, ideia que Freud associará posteriormente à passagem para a posição ereta; o abandono do privilégio do olfato acarretaria uma mutação decisiva no sentido da integração das pulsões parciais, sob o efeito de algo que poderia ser assimilado ao recalque. Não é de todo impossível que o novo sentido privilegiado – a visão – contribua para esse processo, o que resultaria num início de gênese do pudor, associado, como vimos, ao olhar. Esta hipótese contribui, a meu ver, para a elucidação da referência ao “progresso ético e social” de que fala a carta 52 (MEZAN, 1990, p. 178-179).

O surgimento do pensamento e de sua organização como condição para a constituição e o apropriado funcionamento da inteligência não se desenvolve de forma autônoma, como se fosse uma contiguidade biológica, mas necessita de pré-requisitos para acontecer. A dimensão ético-formativa presente nos processos de constituição do Eu, que auxilia a organizar a discriminação entre o mundo exterior e o mundo interior, se desenvolve no decorrer das experiências vividas no laço com o outro. A constituição da diferença entre Eu e não-Eu dá sustentação às capacidades de tolerância necessária para o advento da consideração e do reconhecimento do semelhante e de suas contingências como um ser outro em separado, possuidor de necessidades singulares e distintas, a ser reconhecido e respeitado como tal. Essa diferença, estruturada na relação intersubjetiva, uma vez instalada intra-subjetivamente

prepara para o exercício da cidadania, o que nos dá uma ideia do trabalho que é existir como sujeito no pleno sentido do termo, do quanto custa para chegar lá, bem como nossa responsabilidade e compromisso com a primeira infância. Essa atitude marca a posição de diferença e alteridade entre o adulto e o *infans* que é estruturante para a constituição humana, com consequências futuras do ponto de vista da formação ética do sujeito e de sua vivência cidadã no espaço público. Esse é um processo formativo que inicia pelas primeiras renúncias pulsionais para chegar à consideração pelo semelhante numa posição ética.

No capítulo quatro, em *Além do princípio do prazer*, o papel de mediação indispensável do adulto ganha força no desenvolvimento intelectual de Freud, tendo seu ponto culminante na sensível interpretação sobre o brincar da criança. Esta interpretação se deixa ver quando Freud observa que, ao brincar com o carretel, uma criança constrói de maneira ainda muito rudimentar, pela mediação da mãe – e com a ajuda do atento avô Freud – seu próprio psiquismo. Se nos textos anteriores tratamos do bebê de dias ou meses, aqui estamos frente a uma criança de dezoito meses, já com produções próprias que marcam a presença internalizada do outro e a formação do Eu. Salientamos a tese central da presença e mediação indispensável do adulto como intérprete primordial dos atos das crianças, emprestando parcialmente suas representações para a construção de sentido nos tempos iniciais da formação do Eu, na construção dos ideais e interditos aos desejos e a importância das narrativas. O brincar na infância adquire função simbólica, fundamental para a elaboração de seus dilemas e conflitos, de suas frustrações e limites, uma função que é, portanto, formativa. O brincar tem uma função estruturante do psiquismo infantil e torna-se uma posição ética do adulto ofertar narrativas e saber o quanto os bebês e crianças precisam brincar. A narrativa que o adulto faz põe sentido nos atos da criança e tem efeito constitutivo, promovendo a subjetivação e outorgando-lhe um lugar de sujeito, inserindo-o numa descendência. Assim, revelamos a dimensão ética-formativa da teoria freudiana na origem do psiquismo humano, ensejando a constituição desta como aporte dialógico para pensar a relação do adulto com a criança em posição de alteridade.

Vimos como o jogo do carretel é uma grande realização cultural da criança, que lhe ajudou a suportar o sofrimento pela ausência e separação da mãe, realizando movimentos fundantes da constituição psíquica e formativos de seu 'Eu'. Trata-se de um jogo simbólico, sustentado a partir da renúncia pulsional de ficar colada à mãe, um processo simbólico e de construção mútua, fruto de um intenso trabalho psíquico no laço afetivo com o adulto que será a própria constituição de seu 'Eu'. Assim a brincadeira da criança consiste numa alta

realização cultural porque, ao sentir-se privado do objeto fonte de sua satisfação pulsional, a criança faz uma renúncia pulsional imposta pela saída da mãe e produz ali um invento, realizando assim uma compensação para si mesmo através do ressarcimento simbólico que lhe auxilia suportar a ausência e promove um efeito ético-formativo estruturante. Contudo, essa renúncia vai ocorrer por parte da criança se do lado do adulto também operar uma renúncia em si, aquela de não desfrutar de ver a criança presa a si, mas podendo desejar outras coisas. O reconhecimento, por parte do bebê, da existência do semelhante como alguém separado, somente existirá se esse semelhante fizer o mesmo com ele, ao mesmo tempo em que apresenta a si mesmo como alguém que tem suas próprias contingências e desejos.

Tendo como base *Sobre o narcisismo: uma introdução*, apresentamos os tempos estruturantes do psiquismo precoce que levam do autoerotismo ao Eu enquanto imagem unificada do corpo, representação de si mesmo a partir da ação do semelhante na origem e na sustentação inicial do narcisismo no bebê. Essa complexa economia do amor próprio nasce e se sustenta a partir da relação com o outro, vem do narcisismo dos pais reeditado e investido nos filhos. Sem a presença do semelhante e seu investimento narcísico não se consuma a passagem da imagem fragmentada de si à representação de si mesmo como unificada, ou seja, o salto estrutural do narcisismo, o salto da constituição do Eu pela unificação das pulsões.

A intervenção do semelhante será também decisiva para as operações psíquicas de declínio do narcisismo, da colocação de limites para o exercício da satisfação sexual e narcísica, as renúncias pulsionais e os interditos necessários para a formação humana, dos ideais e a conseqüente formação do sujeito ético desde a condição infantil. O conceito nuclear para pensar o processo ético-formativo na criança é o impacto subjetivo da experiência de castração simbólica, ou seja, como que um sujeito chega a compreender que precisa viver em relativa frustração e que não pode tudo, sendo as renúncias decorrentes desse feito, estruturantes. O papel do semelhante será fundamental em ajudar o pequeno aprendiz no caminho de suas renúncias e em como metabolizar esse impacto, ou seja, se vai ter quem o acompanhe e que faça ofertas simbólicas com recursos substitutos à satisfação renunciada.

O reconhecimento da alteridade é um ponto chave para que a renúncia pulsional aconteça e ela não se dá sozinha, antes necessita a presença deste outro que registra, por exemplo, o incômodo e a repulsa com a ausência de controle esfínteriano da criança em idade de aprendizado, quando diz “criança bonita não faz com cocô na calça, que fedido...”. Enquanto opera na criança a primazia da pulsão parcial anal, ela centra suas atenções em tudo que diz respeito a essa região do seu corpo, descobre que há produtos que produz e se

desprendem dele, as fezes. Tem curiosidades e sensações erógenas anais, inclusive há crianças que querem manipular as fezes, coisa que a cultura impede. O desfralde é um grande passo rumo à humanização e um marco na operação de apropriação e controle do corpo, na experiência cada vez mais consistente de encontro com a falta e de submissão às leis da civilização. O desfralde indica que as pulsões da criança deixam de ser, em parte, obstruídas, permitindo cada vez mais trocas lúdicas e socializadoras acentuando o prazer na intersubjetividade, na aventura de se tornar “gente elegante, bonita e sincera”.

Assim, consideramos a existência de uma certa normatividade que implica uma certa noção de renúncia pulsional feita internamente pelo próprio sujeito e construída no vínculo com o Outro, não como regra imposta, mas como uma escolha de como ser. O cuidado de si foucaultiano pode ter muitas aproximações com essa construção de uma normatividade que se estrutura como uma norma interna.

O narcisismo reeditado e depositado nos filhos é um jogo imaginário e, portanto, não deve passar dessa dimensão lúdica e invadir a realidade da vida. Deve haver renúncia pulsional do lado dos pais também. Para Bleichmar (2011, p. 25) o amor ao filho entra sempre em conflito com o amor a lei, e o Supereu parental – seu código ético e de valores morais – não deve sucumbir por amor ao filho. “A tensão entre narcisismo e amor à lei está sempre presente em todo adulto que tenha a seu encargo uma criança, aquele oscila entre seu desejo de fazê-lo feliz ‘mais além de tudo’ e seu reconhecimento de que não se pode ser feliz ‘mais além de tudo’” (2011, p. 25). Todavia, à medida que a criança cresce, os pais éticos ficam bravos com as condutas imorais das crianças para com os outros ou para com eles próprios, mostrando seu desagrado. O narcisismo é forçado na direção do seu declínio e esse Eu ideal vai sofrer um impacto, o impacto das normas sobre o psiquismo, inscrito pela grande categoria da castração simbólica, o que conhecemos como a lei, que primeiro vem de fora, do semelhante.

Se a sexualidade infantil perverso-polimorfa, como definiu Freud (1905), não conhece freios, sobre ela devem ser erigidas barreiras para que surja, no lugar da satisfação imediata e direta dos desejos, a pulsão de saber e o prazer da descoberta. Dali deve nascer a criança que pergunta sobre si e sobre o mundo, que tem desejo e curiosidade de saber além de si mesma, fonte indispensável para aprender. Isso se dá pelo devido reconhecimento do semelhante, pelas renúncias estruturantes e quando a liberdade individual fica limitada pela noção da existência do território do outro. Ao realizarmos uma arqueologia da ética em Freud vemos que a humanização se fundamenta no reconhecimento recíproco.

Assim, para o estabelecimento da dimensão ético-formativa durante todo esse longo processo que caracteriza a condição infantil em Freud, torna-se decisivo o modo como cada grupo humano se encarrega de: a) produzir as marcas eróticas sobre o corpo que humanizam o sujeito; b) ordenar o conjunto de renúncias pulsionais paulatinas que darão lugar ao desenvolvimento psíquico; c) dar-lhe uma representação de si próprio acompanhada de uma valoração do sentimento de si; d) tornar-lhe um cidadão, ou seja, alguém que reconhece um conjunto dado de normas e que é capaz de suportar o convívio coletivo.

REFERÊNCIAS

- BACHA, Marcia. **Psicanálise e educação. Laços refeitos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- BLEICHMAR, Silvia. **Clinica psicoanalítica y neogénesis.** Buenos Aires: Amorrortu, 2000.
- BLEICHMAR, Silvia. **A Fundação do inconsciente.** Porto Alegre: Artes Médicas: 1994.
- BLEICHMAR, Silvia. **Inteligencia y Simbolización.** Buenos Aires: Paidós, 2009.
- BLEICHMAR, Silvia. **La construcción del sujeto ético.** Buenos Aires: Paidós, 2011.
- BLEICHMAR, Silvia. **“Lo inconsciente”: fecundidad clínica de sus paradigmas.** Lecturas de Freud. Buenos Aires: Lugar editorial, 1990.
- BLEICHMAR, Silvia. Del polimorfismo perverso al sujeto de la ética. **Actualidad Psicológica**, Buenos Aires, n. 335, p.30- 32, out 2005.
- BLEICHMAR, Silvia. **Violencia social - Violencia escolar: de la puesta de límites a la construcción de legalidades.** Buenos Aires: Noveduc, 2008.
- BIRMAN, Joel. A *Physis* da saúde coletiva. **PHYSIS Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, supl. p.11-16, 2005.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMPOS, Erico Bruno Viana. Representação psíquica e teoria da linguagem nos textos iniciais freudianos: um estudo da monografia sobre as afasias. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p.105-115, jan.-abr 2010.
- CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. **Detalhes.** Nova Iorque: Gravadora CBS. 1971. Disponível em < <https://www.robertocarlos.com/letras/detalhes-4/>>. Acesso em: 09 maio 2020
- CAROPRESO, Fatima. Pensamento, linguagem e consciência nos textos iniciais de Freud. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 20, p.29-38, 2001.
- CAROPRESO, Fatima. O conceito freudiano de representação em “Sobre a concepção das afasias. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 25, p.13-26, 2003.
- CATÃO, Inês. **O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo.** São Paulo: Instituto Langage, 2009.
- CEZAR, Luciana; DE CARLI, Fabíola; NOLASCO, Vivian; SANTOS, Doris; SANTOS, Francisco. “Quero ser professor...” – Reflexões sobre a restituição do lugar do professor no trabalho de inclusão escolar: relato de uma experiência. In: HOFFMANN, C.;

CAVALHEIRO, J.C. (Org.) **Marcas da singularidade e da diferença: o que as crianças e os adolescentes nos revelam.** São Paulo: Langage, 2018.

CEZAR, Luciana; SANTOS, Doris; SANTOS, Francisco. As novas formas de concepção e os efeitos de sujeito. In: PARLATO-OLIVEIRA, E.; SZEJER, M. (Org.). **O bebê e os desafios da cultura.** São Paulo: Langage, 2019.

CEZAR, Luciana; DE CARLI, Fabíola; SANTOS, Francisco. Medicalização, patologização, medicação na infância: como chegamos a isso? In: CATÃO, I. (Org). **Mal estar na infância e medicalização do sofrimento: quando a brincadeira fica sem graça.** Salvador: Ágalma, 2020.

CEZAR, Luciana; RIZZI, Luciana & ROSSETTO, Miguel. A importância dos clássicos na formação de pesquisadores: um diálogo contemporâneo com a tradição. **Criar Educação**, Criciúma, v. 8, n. 1, jan-jul, p.1-15, 2019.

CORIAT, Lydia. **Maduración psicomotriz en el primer año del niño.** Edição digital 2017.

CRESPIN, Graciela. De uma condição prévia necessária a todo tratamento possível de crianças autistas fora da linguagem. In: WANDERLEY, D.; CATÃO, I.; PARLATO-OLIVEIRA, E. (Org.) **Autismo: perspectivas atuais de detecção e intervenção clínica.** São Paulo: Langage, 2018.

DALBOSCO, Claudio Almir. **Pragmatismo, Teoria crítica e educação.** Campinas: Autores Associados, 2010.

FERNALD, Anne. Intonation and communicative interest in mother's speech to infants: Is the melody the message? **Child Development**, Stanford, v. 60, n. 6, p. 1497-1510, dec.1989.

FLICKINGER, Hans-Georg. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica.** Campinas: Autores associados, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. (1895). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. **Cartas a Wilhelm Fliess.** Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

FREUD, Sigmund. **Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico.** (1891) São Paulo: Autêntica, 2013.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. (1895). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Carta 52. (1897). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Interpretação de sonhos. (1900). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. (1910) In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. (1911). In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. (1911). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. (1913). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. À guisa de introdução ao Narcisismo. (1914). In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, Sigmund. Pulsão e destinos de pulsão. (1915). In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. (1920) In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. (1921). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. O ego e o id. (1923). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. A Negação. (1925). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. (1926). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. v. I.

HANNS, Luiz. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JERUSALINSKY, Alfredo. Psicopatologia dos bebês: entre as neurociências e a psicanálise. In: BARBOSA, Denise Carvalho; PARLATO-OLIVEIRA, Erika (Orgs) **Psicanálise e Clínica com bebês: Sintoma, Tratamento e Interdisciplina na Primeira Infância**. São Paulo: Instituto Langage, 2010, p. 23 – 32.

JERUSALINSKY, Julieta. **Enquanto o futuro não vem. A psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês**. Salvador: Ágalma, 2002.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criação da criança. Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê**. Salvador: Ágalma, 2014.

JERUSALINSKY, Julieta. **Linguagem, constituição subjetiva e diagnóstico na infância**. In: Congresso sobre Linguagem, São Paulo: 2016.

JONES, Ernest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

KUPERMANN, Daniel et al. **Por que Freud hoje?**. São Paulo: Zagodoni, 2017.

KUPFER, Maria Cristina et al. **Apostila para capacitação - O IRDI: Indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil**. Produção técnica não publicada, 2003.

KUPFER, Maria Cristina; BERNARDINO, Leda; MARIOTTO, Rosa. **Psicanálise e ações de prevenção na primeira infância**. São Paulo: Escuta, 2012.

KUPFER, Maria Cristina; BERNARDINO, Leda; MARIOTTO, Rosa. **De bebê a sujeito: a metodologia IRDI nas creches**. São Paulo: Escuta, 2014.

LACAN, Jacques. **O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, Jacques. **O estágio do espelho como formador da função do eu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean. **A tina: a transcendência da transferência**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LAPLANCHE, Jean. **A Angústia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LASNIK, Marie-Christine. **A Voz da sereia – O autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Salvador: Ágalma, 2013.

LASNIK, Marie-Christine; TOUATI, Bernard; BURSZTEJN, Claude. **Distinção clínica e teórica entre autismo e psicose na infância**. São Paulo: Instituto Langage, 2016.

LOFFREDO, Ana Maria. Um texto freudiano surpreendentemente esquecido: “Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico”. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 166-184, 2017.

MACHADO, Antonio. Proverbios y cantares XXIX. In: MACHADO, Antonio. **Campos de Castilla**. Madri: Ediciones Catedra, S.A, 2008.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. Porto: Porto, 2013.

MARIOTTO, Rosa Maria Marini. **Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês**. São Paulo: Escuta, 2009.

MALEVAL, Jean-Claude. **O autista e sua voz**. São Paulo: Blucher, 2017.

MEZAN, Renato. **Freud pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MILL, John Stuart. **A sistem os logic, ratiocinative and inductive, being a connected view of the principles of evidence, and the methods of scientific investigation**. New York: Harper & Brothers, 1882. 1 CD-ROM.

MURATORI, Filippo; LERNER, Rogério. **Os enlaces do corpo e da escrita na criança e no adolescente**. São Paulo: Langage, 2014.

POWELL, Baden; MORAES, Vinícius de. **Berimbau**. Rio de Janeiro: Rio Som, 1963. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra69218/berimbau>>. Acesso em: 29 jan. 2020

REIS, Nando. **Quem Vai Dizer Tchau?**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2000. Disponível em <<https://www.discogs.com/Nando-Reis-Para-Quando-O-Arco-%C3%8Dris-Encontrar-O-Pote-De-Ouro/release/9188191>>. Acesso em: 29 jan. 2020

RODULFO, Ricardo, **O brincar e o significante – um estudo psicanalítico sobre a cosntituicao precoce**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SANTOS FILHO, Francisco. **Vamos falar de inclusão**. In: CONFERÊNCIA DITADA NA UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO – RS, 08 nov.2016, Passo Fundo.

SPITZ, René. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TERRAZAS, José Gutiérrez. **“Introducción del narcisismo” o el orden primordial de las valoraciones**. Lecturas de Freud. Buenos Aires: Lugar editorial, 1990.

TREVARTHEN, Colwyn. Intimate contact from bitrth. How we know one another by touch, voice and expression in movement. In: WHITE, Kate. **Touch. Attachment and the body**. Londres: Routledge, 2004.

VIÑAR, Maren. **Construcción de la subjetividad del niño. Algunas pautas para organizar una perspectiva.** In: Revista Uruguaya de Psicoanálisis 2005, Montevideo. p. 339 – 355.

WINNICOTT, Donald. **Preocupación maternal primaria.** (1956) Biblioteca virtual D. Winnicott. 1 CD-ROM.

WINNICOTT, Donald. **O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil.** (1967). Biblioteca virtual D. Winnicott. 1 CD-ROM.

CIP – Catalogação na Publicação

C425c Cezar, Luciana Poletto Oltramari

A condição infantil em Sigmund Freud e sua dimensão ético-formativa [recurso eletrônico] / Luciana Poletto Oltramari Cezar. – 2020.

1.3 Mb ; PDF.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Almir Dalbosco.

Coorientador: Prof. Dr. Francisco Carlos dos Santos Filho.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2020.

1. Psicanálise. 2. Criança – Formação. 3. Desamparo (Psicologia). 4. Ética. 5. Intersubjetividade. I. Dalbosco, Cláudio Almir, orientador. II. Santos Filho, Francisco Carlos dos, coorientador. III. Título.

CDU: 159.964.2

Catálogo: Bibliotecária Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364